

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO
TERRITORIAL E POLÍTICAS PÚBLICAS

**PAISAGENS E TERRITORIALIDADES (IN) VISÍVEIS DO SERTÃO DO
CARIRI**

Andréia Luciane de Oliveira Duavy

Seropédica, março de 2023

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO
TERRITORIAL E POLÍTICAS PÚBLICAS

**PAISAGENS E TERRITORIALIDADES (IN) VISÍVEIS DO SERTÃO DO
CARIRI**

Andréia Luciane de Oliveira Duavy

Dissertação de Mestrado submetido para obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Territorial e Políticas Públicas da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, com área de concentração em Desenvolvimento Regional e Políticas Públicas na Linha de Pesquisa 2 – Sustentabilidades e Territorialidades.

Sob a orientação de:
Profa. Dra. Denise de Alcantara Pereira

Seropédica, março de 2023

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

DD812p Duavy, Andreia, 1989-
PAISAGENS E TERRITORIALIDADES (IN) VISÍVEIS DO
SERTÃO DO CARIRI / Andreia Duavy. - Fortaleza, 2023.
145 f.: il.

Orientadora: Denise de Alcantara.
Dissertação(Mestrado). -- Universidade Federal Rural
do Rio de Janeiro, PPGDT, 2023.

1. Território. 2. Territorialidades. 3. Sertões
Cearenses. 4. Cariri. I. de Alcantara, Denise, 1962-,
orient. II Universidade Federal Rural do Rio de
Janeiro. PPGDT III. Título.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO
TERRITORIAL E POLÍTICAS PÚBLICAS



TERMO Nº 272 / 2023 - PPGDT (12.28.01.00.00.00.00.11)

Nº do Protocolo: 23083.017395/2023-15

Seropédica-RJ, 22 de março de 2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL E
POLÍTICAS PÚBLICAS

ANDRÉIA LUCIANE DE OLIVEIRA DUAVY

Dissertação submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre(a), no Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Territorial e Políticas Públicas, Área de Concentração em Desenvolvimento Regional e Políticas Públicas.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 15/03/2023

DENISE DE ALCANTARA PEREIRA. Dr.^a UFRRJ
(Orientadora, Presidente da Banca)

CLÓVIS RAMIRO JUCÁ NETO. Dr. UFC

DAMIÃO ESDRAS ARAÚJO ARRAES. Dr. UFERSA

LUCIA HELENA PEREIRA DA SILVA. Dr.^a UFRRJ

(Assinado digitalmente em 22/03/2023 16:22)

DENISE DE ALCANTARA PEREIRA
DeptAU (12.28.01.00.00.00.00.43)
Matrícula: 1357728

(Assinado digitalmente em 24/03/2023 10:10)

LUCIA HELENA PEREIRA DA SILVA
DeptH/IM (12.28.01.00.00.00.88)
Matrícula: 1721954

(Assinado digitalmente em 22/03/2023 15:49)

DAMIÃO ESDRAS ARAÚJO ARRAES
CPF: 041.381.614-14

(Assinado digitalmente em 29/03/2023 14:19)

CLOVIS RAMIRO JUCÁ NETO
CPF: 243.746.363-15

APRESENTAÇÃO

A ideia de escrita desta dissertação¹ surgiu durante um trabalho, em 2019, quando cursar o mestrado era apenas uma das inúmeras possibilidades que se avizinhava. Trabalhava à época com o projeto Ciência Itinerante da Secretaria de Ciência e Tecnologia do Estado do Ceará; que consistia em levar apresentações de experimentos científicos das áreas de geografia, ciência, biologia e robótica para as áreas mais remotas do estado.

A experiência como monitora e articuladora do projeto, percorrendo o interior cearense, me permitiu a observância da paisagem sertaneja, conhecer outros modos de vida e, ao mesmo tempo, identificar-me enquanto fruto também desse processo, uma vez que tanto os avós paternos como maternos migraram do interior para as capitais, em busca de melhores condições de vida.

Também essa autora migrou do Nordeste para o Sudeste, para fazer o curso de Arquitetura e Urbanismo na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, onde conheceu a professora Denise de Alcantara, orientadora de Trabalho Final de Graduação e, agora, desta Dissertação de Mestrado, quem sempre me incentivou a exercer a liberdade criativa e a abertura para as descobertas do percurso científico.

A relação com o espaço sertanejo do Cariri, quase deserto, de casas espaçadas e pessoas sentadas na calçada com a estrada, a passagem constante do desenvolvimento (distribuição de insumos, veículos, cabos de fibra ótica etc.), instigou a seguinte reflexão: como seria a vida desses grupos sociais tão próximos e tão distantes das concepções globalizantes de “civilidade”.

Os olhos atentos à arquitetura vernacular se questionavam sobre as referências estilísticas e seus processos construtivos, marcados pelas atividades relacionadas à agropecuária e pela forte religiosidade. Assim surgiu o interesse pelo objeto de estudo deste projeto de dissertação: Os Sertões.

O ritmo da pesquisa, as leituras coletivas propiciadas pelas demais disciplinas do mestrado, as discussões realizadas com o Grupo de Pesquisa em Planejamento Urbano e Desenvolvimento Territorial – GEDUR - foram descortinando os caminhos da dissertação, apontando a necessidade de se debater os processos de formação

¹ Nota: O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

de territorialidades, a construção dos imaginários simbólicos e a descolonização do saber científico.

A liberdade de construção da pesquisa em seus aspectos teóricos, as sugestões acolhidas pelos membros da banca de qualificação e as visitas de campo transformaram radicalmente o resultado agora entregue. O entendimento inicial era o de que as paisagens e territorialidades invisíveis a serem estudadas tratavam dos sertões abandonados por políticas públicas equivocadas e por uma concepção de vida globalizante que desconsideravam as especificidades territoriais. Confrontando esse entendimento, esta Dissertação busca iluminar a possibilidade de existência de sertões diversos, ricos e resistentes a concepções totalizantes e hegemônicas.

A Região Metropolitana do Cariri (RMC), recorte espacial escolhido para o desenvolvimento do trabalho, por apresentar características consoantes com o espectro sertanejo concebido, se visibiliza a partir do hibridismo de sua formação histórica, seus aspectos geobiofísicos e socioculturais. Trata-se de um sertão diverso, com abundância paisagística, potência cultural e econômica e riqueza identitária.

Ademais, reitera-se o entendimento da importância das relações comunitárias para a sobrevivência em conjunturas hostis e a possível consequente produção de cultura que deixam marcas subjetivas de valoração do espaço geográfico e da construção das territorialidades sertanejas existentes.

O sertão caririense aqui apresentado é híbrido e insubmisso e parece encontrar neste eterno cruzamento de caminhos a sua forma de reexistir enquanto coletividade, identidade e afetividade dos que o escolhem e o acolhem como cenários de vida.



*Numa de minhas andanças
Pelos sertões do Ceará
Um biólogo me disse
Que as plantas da
Caatinga, na estiagem,
Escolhem perder as
Suas folhas para
Não transpirarem e,
Assim,
Não perderem a pouca
Água que há
Sob suas raízes.
"Que engraçado!" - pensei
Por não terem folhas
Parecem mortas;
Por parecerem secas
Estão vivas.*

*E não pude deixar
De constatar que
Há, aí, uma
Lição de vida
Poderosa.*

*06.11.2019
Andréia Duavy.*

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a essa energia cósmica que alguns chamam de Deus, que tem me guiado pelos caminhos da vida, protegido e abençoado na realização dos meus sonhos.

À minha orientadora Denise de Alcantara, que uma vez acreditou em mim, me dizendo o quão longe eu poderia ir com a minha mente criativa, e desde então tem se tornado uma Mestra e uma amiga. Sua paciência, verdade, compreensão e ensinamento me inspiram.

Aos colegas do Grupo de Pesquisa em Planejamento Urbano e Desenvolvimento Territorial – GEDUR, cujas discussões, paciência e apoio durante as apresentações; bem como aos bolsistas de iniciação científica que contribuíram com a produção dos mapas de análise de aspectos geobiofísicos em anexo,

À minha mãe Nára Duavy e à minha irmã Beatriz Duavy, por me deixarem sonhar e acreditar nos meus sonhos. Ao pequeno Arthur Duavy, fonte de alegria e esperança de dias melhores,

À Pâmela Souza e à sua família, por me acolherem em Nova Olinda tão bem e possibilitarem a realização da pesquisa de campo tão importante para este trabalho.

Aos amigos de vida, Bárbara, Sarah, Camila, Gabriela, Jersey, Larissy por todos os desabafos sobre os desafios do percurso acadêmico de mestrando entremeados entre cafés e vinhos. Aos colegas de curso que compartilharam das mesmas inquietações nesses dois anos. E por vocês estarem sempre lá.

Aos moradores da Região do Cariri por me permitirem partilhar um pouco das relações de afeto estabelecidas entre territórios e pessoas. Eu, sempre migrante, achei tocante a sensação de casa e familiaridade entre os caririenses, a fé e a sua cultura.

A mim mesma, por ter acreditado em mim, persistente quando necessário e resiliente quando a vida assim exigiu. Por entre dúvidas e incertezas, desequilíbrios e alegrias, ter chegado até a concretização de mais esse sonho. Certa de que a colheita será feita junto com a chegada de novos desafios...

Me sinto pronta para eles.

Cenários Invisíveis: Paisagens e Territorialidades no Sertões do Cariri

RESUMO

Esta Dissertação de Mestrado aborda a constituição das paisagens e da territorialidade caracterizada como Sertões Cearenses, tendo como recorte espacial a Região Metropolitana do Cariri (RMC), sul do Estado do Ceará. Parte-se do pressuposto de que o território sertanejo é distinto do comumente entendido e exportado como “sertão” em seus aspectos paisagísticos, ambientais e culturais. A territorialidade simbólica sertaneja tem sido explorada amplamente nas obras regionalistas consagradas de autores como Raquel de Queiroz, Eloy de Souza, João Cabral de Melo Neto e outros, atuando na disseminação do personagem, quase folclórico, do retirante nordestino e dos sertões como espaços de fome, aridez e miséria. Assim, aprofundam-se conceitos abordados por Milton Santos, para o qual a paisagem é um conjunto de formas que exprime heranças representativas das relações localizadas entre homem e natureza; relacionam-se as definições de territorialidades, propostas por Rogério Haesbaert, cuja apropriação (do espaço) é uma maneira pela qual um grupo de pessoas usa a terra, experimenta a vida e lhe dá significado; e incorpora-se ainda o sentido simbólico e de valoração do lugar, como abordado por Marc Augé e Yu Fu Tuan, que afirmam que território é uma expressão de domínio e apropriação. Metodologicamente, inicia-se com uma revisão de literatura abordando os conceitos de território e paisagem e relacionando-os com as caracterizações de sertões. Faz-se uma contextualização sobre a RMC, levantando aspectos históricos, geobiofísicos e socioespaciais, com base em dados oficiais do IBGE. Complementa-se a pesquisa com análise tipo morfológica em macro escala (a RMC), mesoescala (o triângulo formado pelas cidades de Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha) e microescala (a cidade de Nova Olinda) de modo a nortear os debates sobre as conexões entre território, modos de vida e significados na formação da paisagem sertaneja caririense. Apresenta-se as descobertas oriundas das visitas e levantamentos de campo, das interações e entrevistas realizadas com moradores da região; e oficina de cartografia social entrelaçando os resultados obtidos. Esta dissertação divide-se em quatro capítulos: contextualização da região de análise, discussão teórica, aspectos metodológicos e descobertas e resultados. Conclui-se a existência de não apenas um sertão, mas sertões pujantes e diversos, em constante movimento, cenários de vida e de produção cultural.

Palavras-chave: *Território; Territorialidades; Sertões Cearenses; Cariri.*

Invisible Scenarios: landscapes and territorialities in Cariri Hinterland

ABSTRACT

This Masters Dissertation addresses the constitution of landscapes and territoriality characterized as the Sertões Cearenses, having as a spatial cut the Metropolitan Region of Cariri, south of the state of Ceará. It is assumed that this backcountry territory is different from what is constantly understood and exported as sertão in its landscape, environmental and cultural aspects. The symbolic territoriality of the sertanejo has been widely explored in the established regionalist works of authors such as Raquel de Queiroz, Eloy de Souza, João Cabral de Melo Neto and others, acting in the dissemination of the character, almost folkloric, of the northeastern migrant and the sertões as spaces of hunger, aridity and misery. Thus, concepts approached by Milton Santos are deepened, for which the landscape is a set of forms that express representative inheritances of the localized relations between man and nature; The definitions of deterritorialization and reterritorialization, proposed by Rogério Haesbaert, are related, whose appropriation (of space) is a way in which a group of people uses the land, experiences life and gives it meaning; and the symbolic meaning and valuation sense of the place is also incorporated, as discussed by Marc Augé and Yu Fu Tuan, who states that territory is an expression of dominion. Methodologically, it begins with a literature review approaching the concepts of territory and landscape and relating them to the characterizations of the sertões. A historical overview of the Metropolitan Region of Cariri is made, raising historical, geobiophysical and socio-spatial aspects, based on official IBGE data. The research is complemented with a morphological type of analysis in macro scale (the RMC), mesoscale (the CRAJUBAR spatial clipping) and microscale (the city of Nova Olinda); in order to guide the debates on the connections between territory, ways of life and meanings, in the formation of the countryside landscape in Cariri. Discoveries arising from visits and field surveys and the interactions and interviews with residents of the region are presented; and social cartography workshop interweaving the results obtained. This document is divided into four chapters: contextualization of the analysis region, theoretical discussion, methodological aspects and discoveries and results. It concludes the existence of a thriving and diverse hinterland, in constant movement, a scenario of life and cultural production.

Keywords: Territory; Territorialities; Sertões Cearenses; Cariri.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Divulgação da Novela "Mar do Sertões" da Rede Globo.	15
Figura 2 – Sertões do Cariri.....	16
Figura 3 - A Região Metropolitana do Cariri e o CRAJUBAR (em tracejado vermelho).	17
Figura 4 – Os Retirantes, Cândido Portinari.	19
Figura 5 - Cenas do cotidiano: Santana do Cariri.....	23
Figura 6 - O Estado do Ceará e a Região do Cariri.	25
Figura 7 - Composição Ambiental da RMC, com destaque para a Flona Araripe em verde.	27
Figura 8 - Composição Hídrica da RMC.	28
Figura 9 - Vias e Fluxos da RMC.	31
Figura 10 - Estátua de Padre Cícero em Juazeiro do Norte.....	32
Figura 11 - População Urbana e Rural da RMC.	33
Figura 12 - Indicadores de Desenvolvimento Humano e Social na RMC.....	34
Figura 13 - As Unidades de Paisagem do CRAJUBAR (tracejado).....	36
Figura 14 - Unidade de Paisagem I - Juazeiro do Norte.	38
Figura 15 - A cidade de Juazeiro do Norte com verticalização perceptível.	39
Figura 16 - Unidade de Paisagem II: A cidade do Crato.	40
Figura 17 - Expocrato, 2018.	41
Figura 18 - A cidade do Crato.	42
Figura 19 - Unidade de Paisagem II: A cidade de Barbalha.	43
Figura 20 - A cidade de Barbalha.	44
Figura 21 - Engenho Tupinambá que conjuga casa grande e engenho.	45
Figura 22 - Unidade de Paisagem III: Ruralidade Sertaneja.....	45
Figura 23 - Casa na zona rural do Cariri, próximo à cidade do Crato.	47
Figura 24 - Oratório em casa de entrevistada. Zona Rural de Nova Olinda.	49
Figura 25 - Cidade de Santana do Cariri e a Chapada do Araripe no horizonte.	50
Figura 26 - Unidade de Paisagem IV: A Floresta Nacional do Araripe.....	51
Figura 27 - Fósseis em exposição no Museu de Paleontologia de Santana do Cariri.	52
Figura 28 - O Geopark Araripe APODI.	52
Figura 29 - Maquete Física: A Formação Rochosa do Cariri.	53
Figura 30 - Souvenires produzidos em pedra cariri.	54
Figura 31 - A cidade de Nova Olinda.....	55
Figura 32 - Zonas Urbana e Rural e a CE-292 (em vermelho) em Nova Olinda.	56
Figura 33 - Igreja Matriz de São Sebastião em Nova Olinda.....	57
Figura 34 - A Casa Grande.....	58
Figura 35 - Espedito Seleiro no Museu do Ciclo do Couro de Nova Olinda.	59

Figura 36 - Ensaio musical do reisado de Mestra Angelina.	60
Figura 37 - Festa do Pau da Bandeira.	62
Figura 38 - Grupo de Reisado do Cariri.	63
Figura 39 - Devotos de Padre Cícero.	65
Figura 40 - Altar dedicado à Menina Benigna na Igreja Matriz de Santana do Cariri.	66
Figura 41 - O Sertanejo Caririense.	69
Figura 42 - Campo de concentração de retirantes no Ceará.	75
Figura 43 - Cisterna em quintal de entrevistada na zona rural de Santana do Cariri.	77
Figura 44 - Tela O Pacto dos Coronéis.	79
Figura 45 – Tela Paisagem com Arco-íris.	83
Figura 46 - Manchete de capa em periódico local de Natal sobre o flagelo da seca e o êxodo para o sul.	84
Figura 47 - Representações do lugar sertanejo.	86
Figura 48 - Imagem hegemônica da seca no Ceará.	96
Figura 49 - A Chapada do Araripe em Santana do Cariri.	98
Figura 50 - Oratório existente no Museu do Homem Cariri em Nova Olinda.	102
Figura 51 - Oficina de Cartografia Social.	104
Figura 52 - Mapas mentais produzidos na oficina pelos jovens estudantes.	105
Figura 53 - Desenho produzido na oficina de cartografia por estudante morador da zona rural.	106
Figura 54 - Grupo de Reisado de Angelina em Nova Olinda na década de 1990.	108
Figura 55 - O Pôr do Sol no Sertões.	110
Figura 56 - Lenda Kariri. Museu do Homem Kariri.	111
Figura 57 - Cadeira produzida no Ateliê Espedito Seleiro.	112
Figura 58 - Lenda Kariri. Museu do Homem Cariri.	113

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Fluxos Migratórios Acumulados.....	68
---	-----------

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	1
AGRADECIMENTOS	4
RESUMO	5
ABSTRACT	6
LISTA DE FIGURAS	7
LINHA DO TEMPO	12
INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO I – CONTEXTUALIZAÇÃO	22
1.1. Região Metropolitana do Cariri e o CRAJUBAR	24
1.2. As Unidades de Paisagem do CRAJUBAR.	34
1.2.1 Unidade de Paisagem I – Grande adensamento urbano.....	37
1.2.2 Unidades de Paisagem II – Médio Adensamento Urbano.	39
1.2.3 Unidade de Paisagem III – Ruralidade Sertaneja.....	45
1.2.4 Unidade de Paisagem IV – Floresta Nacional do Araripe.....	50
1.3. Análise em Microescala: A Cidade de Nova Olinda.	55
1.4. Aspectos Identitários: Religiosidade e Cultura Popular	61
CAPÍTULO II – DISCUSSÃO TEÓRICA	68
2.1. Narrativas sobre o Sertões:	70
2.2. Relações de Poder no Sertões: O Coronelismo e o Cariri.....	78
2.3. Identidades e Representações do Lugar Sertanejo.	82
CAPÍTULO III – ASPECTOS METODOLÓGICOS.....	89
3.1. Etapa I: Revisão de literatura.....	89
3.2. Etapa II: Análise Tipomorfológica da Paisagem	90
3.3. Etapa III: Visita à campo	91
3.4. Etapa IV: Entrevistas	92

3.5. Etapa V: Cruzamento das descobertas	92
CAPÍTULO IV – DESCOBERTAS E RESULTADOS	94
4.1. Sertões Problema Social x Sertões Cenários de Vida.....	96
4.2. Sertões / Sertanejo: Uma questão geracional?	103
4.3. O Sol no Cariri: como toda conversa começa.....	108
OUTRAS CONCLUSÕES.....	114
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	116
ANEXO I – ENTREVISTAS	121
ENTREVISTA 1: M. G. S. F. (48 anos) – Produtora Artesanal de Nova Olinda.	121
ENTREVISTA 2: M. A. U. (72 anos) – Mestre de Cultura. Nova Olinda.....	123
ENTREVISTA 3: A. R. S. (86 anos) – Aposentada. Nova Olinda.	127
ENTREVISTA 4: R. C. J. S (72 anos) – Aposentado e tocador de reisado	131
ENTREVISTA 5: A.S.M (58 anos) – Comerciante em Nova Olinda.	135
ENTREVISTA 6: L.F (33 anos) – Artista em Fortaleza.	137
ENTREVISTA 7: A.F.Q (46 anos) – Arqueólogo em Santana do Cariri.	139
ENTREVISTA 8: A.L.S (45 anos) – Pedagogo no Crato.	139
ANEXO II – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO;....	142
ANEXO III – PARECER COMITÊ DE ÉTICA;.....	142
ANEXO III – MAPAS ASPECTOS GEOBIOFÍSICOS;	142

LINHA DO TEMPO

- 1735** – A Vila do Icó é fundada no Estado do Ceará;
- 1764** - Crato é a primeira cidade da região a ser criada;
- 1790** - Construção da capela de Santo Antônio, atual Igreja Matriz de Barbalha;
- 1830** – Construção do Engenho Tupinambá em Barbalha;
- 1846** – Emancipação administrativa e política da cidade de Barbalha;
- 1850** – Assinatura da Lei de Terras;
- 1850** – Construção do Casarão Hotel em Barbalha;
- 1872** - Chegada de Padre Cícero Romão Batista a Juazeiro do Norte;
- 1889** – Ocorre o Milagre da Hóstia;
- 1911** - Emancipação política e administrativa de Juazeiro do Norte;
- 1911** - O Pacto dos Coronéis é firmado na Região do Cariri;
- 1915** – A Grande Seca;
- 1915** - O primeiro campo de concentração é implementado em Fortaleza;
- 1932** – O Campo de concentração do Buriti é implementado no Crato;
- 1940** – Declínio dos campos de concentração no Ceará;
- 1945** - Criação do Departamento Nacional de Obras contra as secas;
- 1945** - O nome da cidade de Juazeiro do Norte é oficializado;
- 1946** - Constituição oficial da Flona Araripe pelo Decreto 9.226;
- 1946** – Lançamento do livro Seara Vermelha de Jorge Amado;
- 1948** – Lançamento do livro O Quinze de Raquel de Queiroz;
- 1953** - Criação do Instituto Cultural do Cariri (ICC), no Crato;
- 1955** – Lançamento do livro Morte e Vida Severina de João Cabral de Melo Neto;
- 1957** – Emancipação política e administrativa da cidade de Nova Olinda;
- 1958** – A Grande Seca no Ceará;
- 1979** – Programa de Campos de trabalho abertos e frentes de serviço coordenadas pela SUDENE;
- 1984** – Lançamento do livro Os Sertões Euclides da Cunha;
- 1995** - Criação do PRONAF;
- 1999** – Criação do Programa Um Milhão de Cisternas;
- 2007** – Início das obras de Transposição do Rio São Francisco;
- 2015** – IPHAN reconhece a Festa do Pau da Bandeira como Patrimônio Cultural Brasileiro;
- 2022** - Beatificação da Menina Benigna em Santana do Cariri pelo Vaticano.

INTRODUÇÃO

Esta investigação tem como principal objetivo promover uma análise crítica sobre a constituição da territorialidade sertaneja, a partir das relações de poder e colonialidades estabelecidas entre as pessoas – o sertanejo propriamente dito – e a natureza – a paisagem da caatinga. Tendo como foco de investigação a Região Metropolitana do Cariri, sertão do sul cearense, busca-se fazer emergir pluralidades e subjetividades contra hegemônicas e decoloniais, a partir da valorização das riquezas e especificidades aí encontradas.

O polissêmico conceito *sertão* não configura uma espacialidade única, nem abarca uma designação objetiva singular; embora esteja carregado de um estereótipo simbólico e consolidado de lugar da seca e da fome. Tal narrativa pode ter influenciado em políticas públicas equivocadas, que muitas vezes corroboraram com definições regionais desiguais.

Em se tratando da Região Metropolitana do Cariri (RMC), tal estereótipo não se consolida. Pelo contrário, esta Dissertação descortina lugares de pujança cultural, econômica e ambiental, forte religiosidade e narrativas de vida entrelaçadas às mudanças percebidas no espaço geográfico e adaptações necessárias na lida com a hostilidade das condições climáticas e de subsistência; cenários invisíveis às construções hegemônicas sobre os sertões.

A pesquisa aqui empreendida envolve distintas áreas do conhecimento, perpassa pela natureza socioambiental, sociocultural e socioeconômica dos sertões do Cariri, pela construção de suas territorialidades e promove uma reflexão de contraponto do simbolismo imagético Sertão Problema Social versus Sertões Cenários de Vida.

Partindo do princípio de que o território é múltiplo, formado pelas relações indissociáveis estabelecidas entre o ser humano e a natureza no processo de ocupação, apropriação e domínio, isto é pessoa – pessoa / pessoa – natureza; entende-se que essas relações vão imprimindo marcas físicas e culturais no espaço geográfico, formando a paisagem, o cenário visível e entendido dessa relação e as suas territorialidades, que engloba aspectos políticos, ambientais, culturais, morfológicos e identitários.

Milton Santos (1999) propõe uma ressignificação do uso do termo “território” e defende que a categoria de análise usada seja o de “território usado”; pois este se constitui enquanto fruto das relações de apropriação do espaço. Essa apropriação é exercida na forma de poder, domínio, colonização - e aqui nos referimos aos processos políticos; como relação de troca e subsistência entre comunidades (MORAES, 2000).

O autor trata o espaço como um meio híbrido que, de acordo com a sua vocação natural, incentiva o uso de uma determinada técnica pelo grupo que o domina ou o ocupa. “É o lugar que atribui às técnicas o princípio de realidade histórica” (SANTOS, 1999, p. 36). Sua vocação não é, no entanto, determinista, pode alterar-se de modo a refletir a cultura dominante – o modo de vida de determinado tempo histórico, o que ele classifica como rugosidade.

As rugosidades não podem ser apenas encaradas como heranças físico-territoriais, mas também como heranças socioterritoriais ou sociogeográficas(...) O valor de um dado elemento do espaço, seja ele o objeto técnico mais concreto ou mais performante, é dado pelo conjunto da sociedade, e se exprime através da realidade do espaço em que se encaixou (SANTOS, 1999, p. 26).

A vocação caririense para as atividades da agricultura e da pecuária extensiva, por exemplo, permitiu o desenvolvimento do comércio e produção de couro; a presença da Floresta Nacional do Araripe e dos fósseis arqueológicos, tem incentivado cada vez mais o ecoturismo local; já a hostilidade do clima semiárido e as carências materiais de subsistência podem ter impulsionado a forte religiosidade e seu entrelaçamento às atividades culturais coletivas, constituintes da identidade sertaneja do Cariri.

Yu Fu Tuan (1983) explica que é exatamente a atribuição de valor a determinado espaço geográfico que o transforma em lugar. “A percepção do espaço pelo homem depende da qualidade de seus sentidos e de sua mentalidade, da capacidade da mente de extrapolar além dos dados percebidos” (TUAN, 1983, p.3).

O território não é, portanto, natural, mas construído por agentes externos que aí ocupam; transformado através do emprego de técnicas coletivas; imbuído de significado, acumulado pelas ações desses agentes, dessas técnicas e desses significados no decorrer dos tempos.

Outro ponto fundamental incorporado a este estudo, é a questão de escala. Com a globalização, o território não é apenas fruto de seus agentes sobre si mesmo, mas

das relações de poder e influência que se estabelece com outros territórios: “cada lugar é, ao mesmo tempo, objeto de uma razão global e de uma razão local, convivendo dialeticamente” (SANTOS, 1991, p. 273). O Cariri é limítrofe ao estado de Pernambuco, e tem em seu histórico de ocupação, o acolhimento de indígenas, migrantes, romeiros, portugueses etc., culturas que se misturaram tornando-o sertões diverso ao retratado na mídia (Fig. 1) ainda nos dias de hoje.

Figura 1 - Divulgação da Novela "Mar do Sertões" da Rede Globo.



Fonte: Google Imagens (2022)

Para compreender o recorte espacial na escala regional, na escala setorial e na escala local, fez-se necessário uma análise a partir de três enfoques, como preconiza Haesbaert (2004): (1) *jurídico-político*, isto é, enquanto apropriação através

das relações de poder; (2) *cultural*, espaço de construção simbólica e identidade – modos de vida; e (3) *econômico*, fruto dos embates de classe e da relação capital/trabalho.

Logo, infere-se que os sertões caririenses (Fig. 2) englobam características geográficas, constituintes de paisagens e de identidades diversas. Embora construa-se sobre esse termo uma representação simbólica amplamente difundida na literatura clássica brasileira: monótono, imutável, infinito, essa representação não expressa as potencialidades e pluralidades geográficas e socioculturais ali encontradas.

Figura 2 – Sertões do Cariri.



Fonte: Acervo pessoal. 2022.

Para que a pesquisa tivesse andamento, e, uma vez que o território sertanejo não configura um espaço uni delimitado, definiu-se como recorte espacial macro a Região Metropolitana do Cariri (RMC) (Fig. 3), composto pelas cidades de Barbalha, Caririaçu, Crato, Farias Brito, Jardim, Juazeiro do Norte, Missão Velha, Nova Olinda e Santana do Cariri. Dentre essas, o triângulo CRAJUBAR (conurbação Crato, Juazeiro

do Norte e Barbalha) localiza-se a uma distância equivalente – 600km – das capitais Fortaleza, CE e Recife, PE.

Tal recorte, além de carregar em si as características geográficas *tipicamente* sertanejas – habitações rurais espaçadas não litorâneas, vegetação predominante da caatinga, clima seco com longos períodos de estiagem e modo de vida singular, dependente da agricultura e pecuária extensivas, perpassado pelas carências materiais de subsistência – configura o segundo polo de desenvolvimento econômico do Estado (IPECE, 2020), sendo celeiro cultural cearense com forte religiosidade identitária.

Trazemos como referências escalares para inserção do objeto de investigação:

- A Região Metropolitana do Cariri – macro escala;
- O Triângulo CRAJUBAR – meso escala;
- Recorte de aproximação representativo (a cidade de Nova Olinda) – microescala.

Figura 3 - A Região Metropolitana do Cariri e o CRAJUBAR (em tracejado vermelho).



Fonte: IPECE.

Pretendeu-se levantar os aspectos sociais, culturais, políticos, econômicos e ambientais que compõem e produzem o espaço sertanejo da região do Cariri e que, durante seu processo de formação histórica, culminou em múltiplas territorialidades, diversas ao entendimento consolidado do termo *sertão*.

Nesse contexto, esta dissertação é norteada pelas seguintes questões:

- Quais elementos compõem a produção da territorialidade sertaneja na região do Cariri?
- Qual a relação entre essa territorialidade e a construção simbólica e hegemônica sobre o “sertão”?
- E ainda, as narrativas de vida dos habitantes sertanejos caririenses se entrelaçam ou se contrapõem à essa imagética produzida?

Como metodologia, a pesquisa inicia com um olhar sobre o recorte espacial da RMC, apresentando seu processo de formação histórica; complementados com dados socioeconômicos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e do Instituto de Pesquisas Econômicas do Ceará (IPECE). Também foram utilizadas ferramentas de geotecnologias livres, geoprocessamento e análises espaciais, levantando aspectos geobiofísicos e ambientais, relacionando as redes viárias e fluxos presentes e identificando as centralidades e núcleos urbanos a partir da identificação de Unidades de Paisagem (MONTEZUMA, 2014; SILVA, 2012) na análise em mesoescala da região do CRAJUBAR.

Esses levantamentos e mapeamentos socioespaciais se combinam e são cruzados posteriormente com o emprego de dinâmicas participativas – cartografia social (ACSELRAD, 2010) e mapeamento afetivo. Foram aplicadas entrevistas informais, de tipo aberta e direcionada com habitantes das cidades de Nova Olinda, Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha e uma oficina de cartografia social com jovens de Nova Olinda, ambos os processos aprovados pelo Comitê de Ética (ver Anexo IV).

As entrevistas, a partir de uma abordagem qualitativa, com um pequeno grupo de respondentes para captar uma imagem coletiva sobre o objeto de análise (MALHOTRA, 2001), foram conduzidas centrando-se na interpretação que o entrevistado tem sobre suas vivências (HAGUETTE, 1987), e como um relato sobre a experiência do entrevistado através do tempo, na tentativa de reconstruir temporalmente os acontecimentos (QUEIROZ, 1988), relacionando sempre à sua identidade sertaneja e relação com a paisagem que o cerca.

Durante a etapa de campo da pesquisa, foi realizada uma oficina de cartografia social e mapeamento afetivo com habitantes de Nova Olinda. A oficina teve como objetivo compreender questões geracionais e identitárias sobre os sertões caririenses, isto é, o modo como este território é usado, pensado e entendido pelos jovens; seus aspectos positivos e negativos, além de possíveis formulações de cenários prospectivos (ALCANTARA, 2020). Nesse sentido, durante o trabalho de campo, foi feito contato e estabelecida parceria com uma escola pública da cidade de Nova Olinda, onde se realizou a oficina com trinta jovens de 14 e 15 anos.

Tal oficina e entrevistas não seriam possíveis, sem antes um exercício de aprofundamento conceitual, através de revisão bibliográfica, sobre territórios e territorialidades; sendo o primeiro, como já explicitado, o espaço geográfico ocupado, apropriado e transformado pelas técnicas humanas; e o segundo, o território imbuído de significado e valorado por quem o ocupa, a partir das leituras de Santos (1999) e Haesbaert (2014).

Figura 4 – Os Retirantes, Cândido Portinari.



Fonte: Foto pessoal da pintura de Cândido Portinari (1944)

Assim, em se tratando do território interiorano cearense, sabe-se que este se consolidou a partir das estradas abertas com a atividade da pecuária extensiva, disseminando a colonização portuguesa e estabelecendo um *continuum* territorial com diversas ordens de ocupação e atuação sobre o espaço geográfico (JUCÁ NETO, 2012). Logo os sertões cearenses tornaram-se diversos e heterogêneos antropologicamente, para além das imagens caricaturescas (ARRAES, 2022) difundidas na mídia, na literatura e nas artes plásticas (Fig. 4).

Entrecruzam-se, a partir daí, as obras de Euclides da Cunha (1984), João Cabral de Melo Neto (1955) e Raquel de Queiroz (1948) às discussões propostas por Baczko (1985) e Bourdieu (1989) que explicam como os simbolismos reafirmam e legitimam determinado poder nos territórios, a partir de suas hierarquias sociais reconhecidas - aqui, a suposta superioridade das cidades sobre os sertões - e à leitura de Boaventura de Souza Santos (2022) que discute a necessidade de descolonização da história.

Por fim, entende-se que os sertões do Cariri, são diversos ao estereótipo sertanejo consolidado; por ser vetor de atração de gente, dada a sua localização geográfica ao sopé da Chapada do Araripe, seus eventos religiosos e entrelaçados à cultura local e a sua produção artística múltipla: folguedos, xilogravura, couro, cinema etc.

Esta pesquisa está vinculada ao Grupo de Pesquisa em Planejamento Urbano e Desenvolvimento Territorial (GEDUR), baseado na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, liderado pela Prof. Dra. Denise de Alcantara. Ainda que a temática e o recorte espacial da investigação sobre o Cariri extrapolem e se distanciem dos recortes metropolitanos fluminenses estudados pelo grupo, tanto os aspectos conceituais e metodológicos desenvolvidos coletivamente, bem como a produção cartográfica com uso de geotecnologias, que teve o apoio de discentes da graduação em Arquitetura e Urbanismo e bolsistas de Iniciação Científica, foram de grande valia no desenvolvimento deste trabalho.

A dissertação está dividida em quatro capítulos mais a conclusão. O primeiro capítulo trata de uma contextualização em macro escala sobre a região de análise, com dados geográficos e elementos históricos de sua formação; em meso escala sobre o CRAJUBAR, e a identificação de Unidades de Paisagem (UP); em microescala sobre a cidade de Nova Olinda, e por fim, seus aspectos identitários e

culturais. O segundo capítulo promove uma discussão teórica sobre as representações do lugar sertanejo, suas narrativas políticas e identitárias. O terceiro capítulo, apresenta a metodologia empregada na pesquisa de campo; e o quarto capítulo traz os resultados e descobertas durante o percurso de escrita desta dissertação. Conclui-se que o sertão não é único, nem uniforme, uma vez que além da paisagem hostil, do clima seco e dos longos períodos de estiagem, há outros sertões, vividos, sentidos e percebidos pelos seus habitantes: lugares de afeto e cenários de vida.

Em síntese, buscou-se entender quais os elementos constitutivos da realidade sertaneja caririense em contraposição a imagética global consolidada e ligada ao crescimento econômico da região, focalizando o caso da RMC, analisando o seu processo histórico e a forma como os seus habitantes entendem a ideia de sertões em suas paisagens, a partir das próprias narrativas de vida, tomando por base a ideia de que

Conforme o interesse do que é objeto ou uma maneira como se encara, a própria noção de paisagem difere. Se um geógrafo, um historiador, um arquiteto se debruçarem sobre a mesma paisagem, o resultado de seus trabalhos e a maneira de conduzi-los serão diferentes, segundo o ângulo de visão de cada um dos que a examinam. (CHANTAL & RAISON, p.138. 1996).

CAPÍTULO I – CONTEXTUALIZAÇÃO

Este capítulo busca promover uma análise contextualizada do território Caririense, tendo como recorte espacial a Região Metropolitana do Cariri (RMC). São abordados aspectos geobiofísicos (climáticos, geográficos, redes e fluxos), socioculturais e socioeconômicos, no sentido de uma compreensão ampliada das relações existentes entre tais aspectos. Da mesma forma, busca-se um entendimento da paisagem sertaneja a partir da leitura espacial da profissional arquiteta-urbanista, que posteriormente será entrelaçada com o olhar do habitante.

Consideramos a paisagem como um sistema de formas e objetos que exprimem as heranças oriundas das relações entre homem e natureza (SANTOS, 1991) ou ainda marcas que atestam as transformações socioeconômicas e sociais no espaço (SILVA, 2012).

Ao analisar os aspectos morfológicos de determinado espaço geográfico criam-se as condições de entendimento das suas relações sociais e políticas determinantes. Em se tratando do território sertanejo cearense, isso compreende os modos de vida de seus habitantes, sua relação com a natureza e as relações de poder expressas pelo coronelismo e pelas políticas públicas aí atuantes.

Partimos de uma visão generalizada e consolidada, em que as principais características do termo *sertão* englobam:

- Região semiárida distante do litoral;
- Clima seco com longos períodos de estiagem;
- Processo histórico ligado aos modos de vida rural – através da agricultura e pecuária extensiva;
- relações políticas expressas pelo coronelismo.

Os sertões caririenses demonstram-se adequados para o aprofundamento e verificação das questões levantadas por esta pesquisa que confrontam esta visão pré-concebida e totalizante, trazendo à luz as territorialidades sertanejas como fruto das relações estabelecidas entre homem e natureza (Fig. 5).

A região do Cariri conta com uma cultura diversa e marcante, forte religiosidade, expressiva presença de mata atlântica, em meio ao predominante bioma da caatinga, e engloba aspectos dicotômicos de cidades urbanizadas e áreas rurais, como veremos adiante. Devido à equidistância das capitais do Ceará e de

Pernambuco “esse centro geográfico tornou-se polo atrativo para várias correntes políticas, econômicas e religiosas” (BATISTA, 2020, p. 25).

Figura 5 - Cenas do cotidiano: Santana do Cariri.



Foto: Acervo Pessoal, 2022.

Este capítulo divide-se em três partes. A primeira consiste em apresentar a região, contextualizando a sua localização no território e um breve histórico de sua formação em macro escala, apresentação de dados socioeconômicos e demográficos, com base no IPECE. A segunda traz uma análise morfológica em meso escala da composição territorial do CRAJUBAR, com a identificação das Unidades de Paisagem (UPs) (MONTEZUMA, 2014; SILVA, 2012), por meio do estudo de mapas obtidos em páginas oficiais e editados por meio do uso de ferramenta SIG – Sistema de Informações Geográficas.

A terceira e última parte deste capítulo apresenta uma análise em microescala sobre a cidade de Nova Olinda, componente da RMC, cidade pequena, com população estimada de menos de 16 mil habitantes (IBGE-Cidades, 2023) localizada à margem do triângulo CRAJUBAR. A escolha desse recorte deveu-se sobretudo à facilidade de realização da visita de campo, mas também, por seus aspectos históricos (origem indígena), econômicos (ciclo do couro), culturais e geográficos, condições bioclimáticas e estrutura urbana. Pode-se observar, ao final desta dissertação, que a cidade de Nova Olinda é a expressão síntese da existência de sertões alheios aos estereótipos construídos sob visões colonialistas.

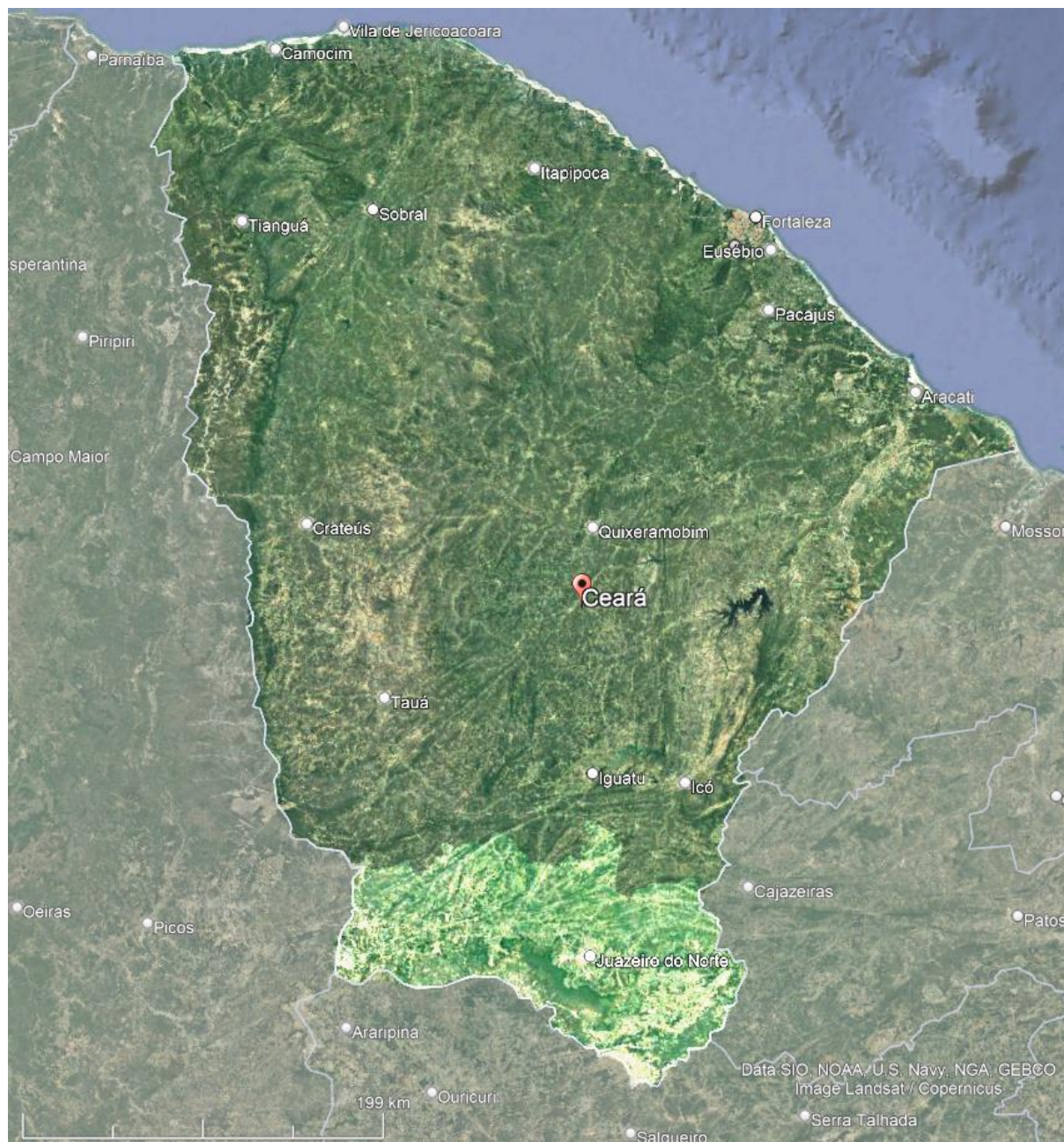
1.1. Região Metropolitana do Cariri e o CRAJUBAR.

A Região de Planejamento do Cariri (IPECE, 2020) está localizada ao sul do Estado do Ceará, sendo limítrofe aos estados de Pernambuco, Paraíba e Piauí. Surgiu da junção dos municípios de Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha, o chamado CRAJUBAR, configurando o segundo polo econômico do Estado (IPECE, 2020). Tem população estimada em 967.760 habitantes (IBGE, 2020) e urbanização média de 69,36%. (Fig. 6).

A palavra Cariri é decorrente do povo indígena que habitou a região entre os séculos IX e X, bem como da língua falada por eles, hoje extintos devido ao processo violento de colonização do homem branco (BATISTA, 2020). A ocupação da região do Cariri, nos moldes colonial português, se deu no decorrer dos séculos XVII e XVIII e está diretamente relacionada à pecuária extensiva, uma atividade econômica subsidiária da cana-de-açúcar (ANDRADE, 1987).

Cumpra observar que a miscigenação não ocorreu de modo amplo ou desordenado. De fato, apesar de predominar a cultura canavieira, absorvedora de grandes contingentes de mão de obra, quase não houve a presença de escravizados negros, tão comuns nos engenhos de outras regiões no período colonial. O elemento indígena foi o colaborador por excelência das fazendas do Cariri (BATISTA, 2020, p. 47).

Figura 6 - O Estado do Ceará e a Região do Cariri.



Fonte: Google Earth alterado pela autora. 2023.

Jucá Neto (2009 p. 87) explica que “as especificidades espaciais do território cearense foram características intrínsecas de seu processo de colonização, que teve como força motriz, a expansão da atividade criatória”. De fato, a pecuária representou forte impacto no desenvolvimento econômico do Cariri, sendo ainda hoje responsável por 9% da economia da região (IPECE, 2020).

O bioma da região é a caatinga (Fig. 7), cuja cobertura vegetal é “caracterizada por ser resistente à falta ou pouca quantidade de água e apresenta uma grande resistência à condição de aridez do solo” (BATISTA, 2020, p. 42). O Bioma Caatinga representa 11% do território nacional e é caracterizado pelo clima semiárido, abrangendo a totalidade do Estado do Ceará, entre outros estados nordestinos, total ou parcialmente².

No entanto, a RMC também conta com resquícios de mata atlântica, pela relevante presença da Floresta Nacional do Araripe (Flona), que contribui para amenizar o clima na região e torná-la um polo atrativo para os sertanejos dos arredores que fugiam da seca. (Fig. 7).

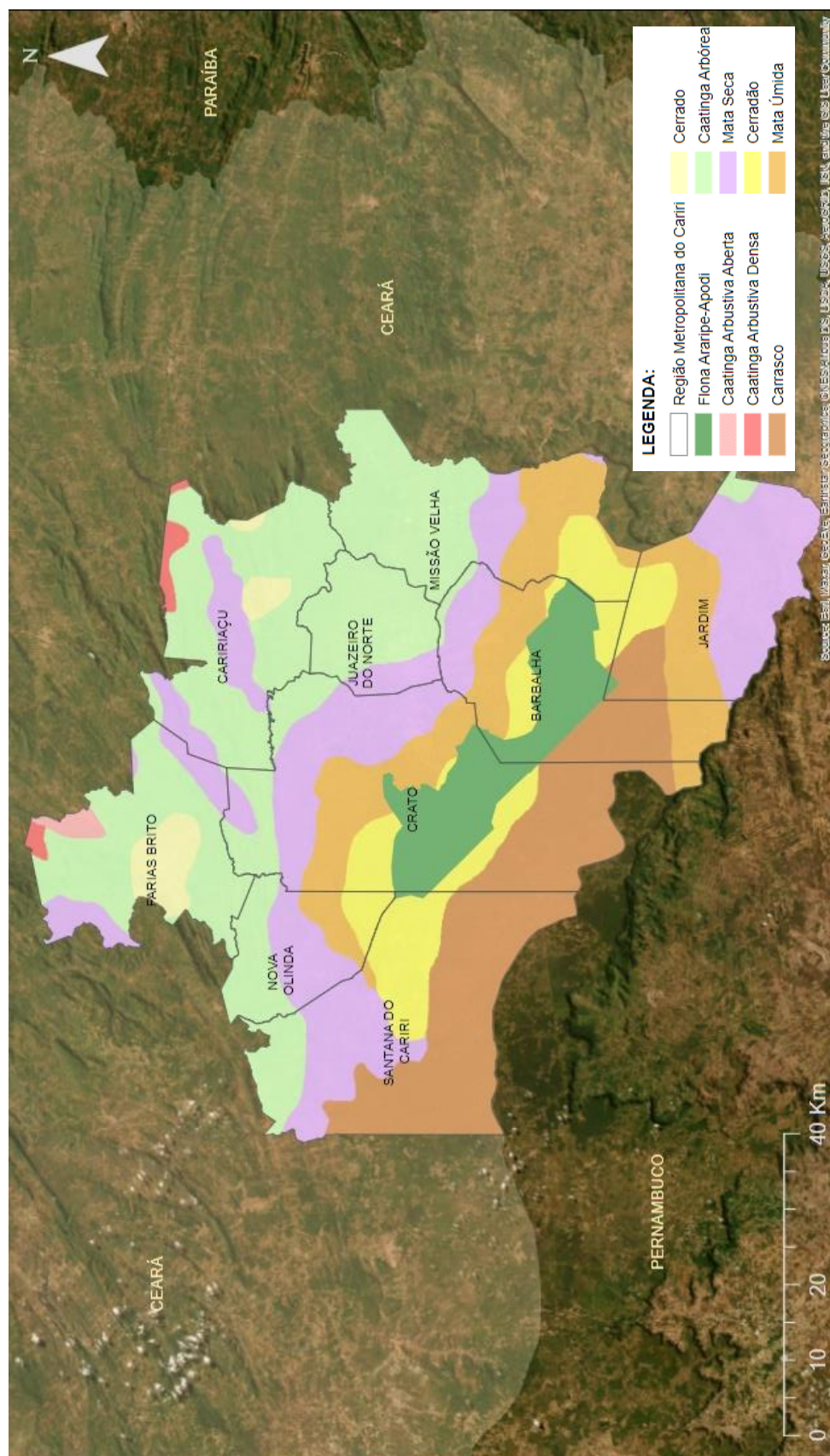
A Flona Araripe representa uma importante unidade de conservação na RMC e sua constituição oficial se deu em 1946 e é uma das florestas mais ricas em diversidade ambiental do Nordeste.

A comarca do Crato fica no vale formado pela serra do Araripe (...). O terreno é baixo, entrecortado de ribeiros e oiteiros, como todo sopé de serra, circundado pelo Araripe, de cujas faldas emanam rios abundantes d'água, que em vários córregos banham fartamente aquele solo fertilíssimo e rico de produção. (...) Para ali correm não só para prover-se de mantimentos, como a refrigerar-se das secas os habitantes dos sertões vizinhos. (BRASIL, 1963/1997, p.101-102).

Apesar dos longos períodos de estiagem, a região do Cariri se encontra sobre duas bacias hidrográficas: a do Rio Jaguaribe e a do Rio Salgado (Fig.8). Ao sopé da chapada do Araripe, há um conglomerado de nascentes, aproveitados pelos clubes locais com piscinas de águas naturais, mas que não atendiam às demandas de agricultura de subsistência na região.

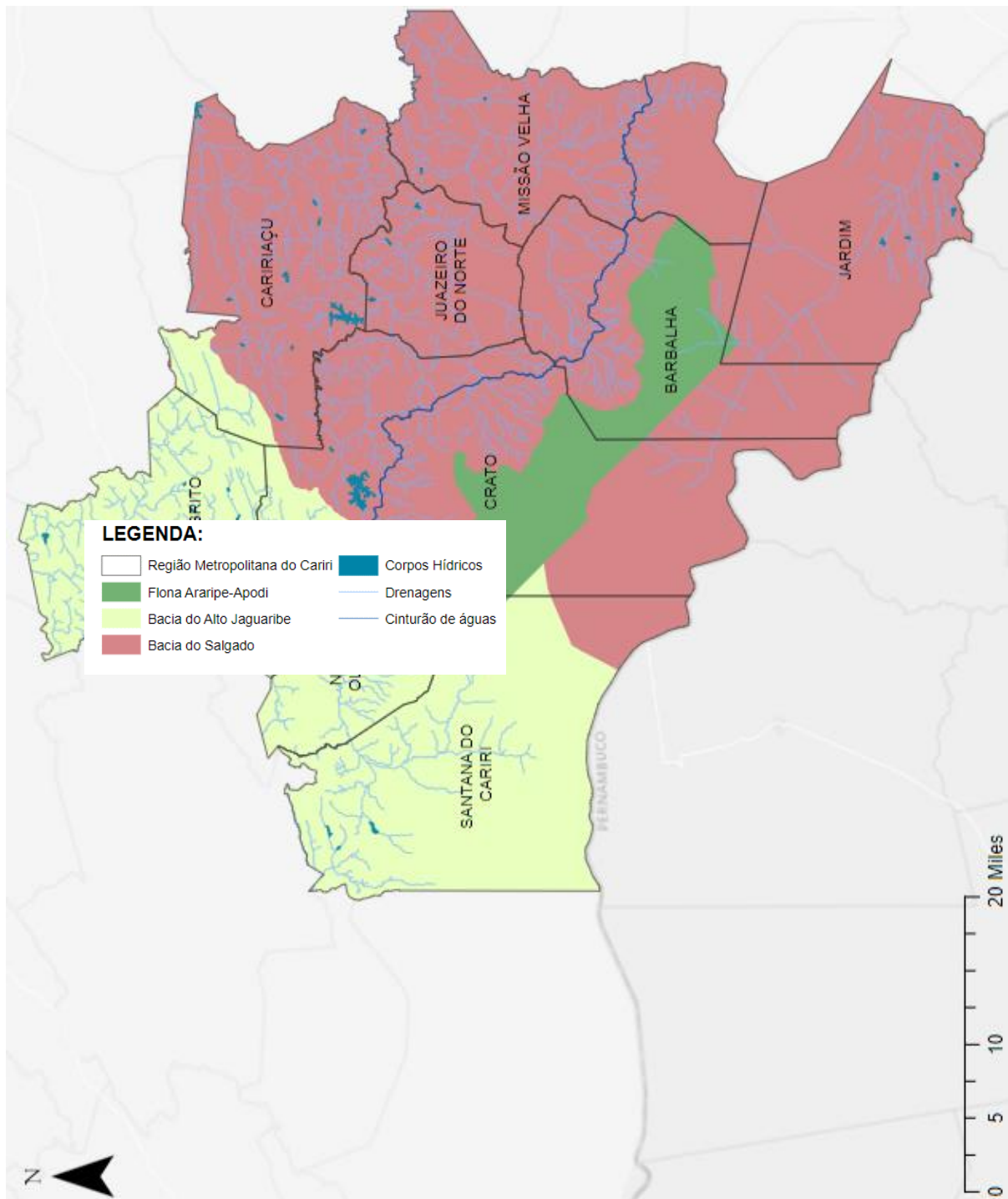
² Ver mais sobre as características do Bioma Caatinga na página do Ministério do Meio Ambiente, disponível em <https://antigo.mma.gov.br/biomas/caatinga.html>. Acesso: 16 fev. 2023

Figura 7 - Composição Ambiental da RMC, com destaque para a Flona Araripe em verde.



Fonte: Acervo GEDUR (2023)

Figura 8 - Composição Hídrica da RMC.



Fonte: Acervo GEDUR. 2023.

A água representa um importante recurso, favorecendo o desenvolvimento econômico do triângulo CRAJUBAR – Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha. Quando o Aquífero de Missão Velha, principal manancial da região começou a apresentar os primeiros sinais de sua exploração, o governo estadual, em parceria com o governo

federal, concebeu o projeto Cinturão das Águas do Ceará, sendo este ligado à Transposição do Rio São Francisco. Trata-se de um conjunto de segmentos de canais e túneis com “a função de aduzir a água derivada da barragem Jati, situada no Eixo Norte do Projeto de Integração do Rio São Francisco (PISF), na região hidrográfica do Rio Salgado, até as nascentes do Rio Cariús, no município de Nova Olinda” (SECRETARIA DE RECURSOS HÍDRICOS DO CEARÁ, 2021).

As políticas públicas, tais como a Transposição do Rio São Francisco, além do Programa 1 Milhão de Cisternas, capitaneado pela Articulação pelo Semiárido (ASA), e o Programa Nacional de Agricultura Familiar (PRONAF), apresentam um enfoque de garantia de permanência e desenvolvimento na escala local (Schneider (2010). Isso pôde ser verificado nas entrevistas e visitas de campo, como será aprofundado mais adiante, no Capítulo IV.

A presença da água favoreceu a ocupação e a exploração econômica da região desde o século XVIII, “mais precisamente, a partir da antiga Missão do Miranda, no Crato” (QUEIROZ e CUNHA, 2014, p. 2); a primeira vila da região a ser criada, em 1764, sendo a oitava do Estado. Até então, toda a região fazia parte da Vila do Icó, fundada em 1735, e constituía, junto com Fortaleza (1725) e Aquiraz (1699), o Siará Grande. A atividade da pecuária foi responsável pela abertura das estradas no interior cearense, voltadas ao escoamento de produtos intrarregionais (LIMA, 2008), além de favorecer as migrações rural-urbanas.

Dos desbravadores que foram chegando ao Cariri, vindos, ora de Pernambuco, ora da Bahia, do Rio Grande do Norte, Paraíba e até de Sergipe, além dos poucos que vieram da costa cearense, muitos se fixaram na região. Fundaram estabelecimentos agrícolas ou agropecuários nas sesmarias onde se instalaram, dando início aos aglomerados populacionais, (...) que aos poucos se transformaram em cidades que hoje povoam o Cariri. (BATISTA, 2020, p. 49).

As cidades circunvizinhas foram se consolidando, atendendo às necessidades de comércio com a capital e os estados vizinhos, “sendo esculpida a cada instante pelos seres humanos que fazem a região, modificando-a a cada passo, na busca de melhor acomodar os seus interesses de melhor viverem” (BATISTA, 2020, p. 29).

Estabeleceram-se ali a produção de cana-de-açúcar, de algodão, de carne e de couro de gado. A tríade CRAJUBAR se desenvolveu impulsionada pelas suas

atividades econômicas, mas principalmente, pela sua localização geográfica que permitia relações comerciais com outros estados.

Atualmente, a RMC conta com 33 municípios, sendo que nove fazem parte da RMC: Barbalha, Caririaçu, Crato, Farias Brito, Jardim, Juazeiro do Norte, Missão Velha, Nova Olinda e Santana do Cariri. As cidades além do CRAJUBAR desempenham um papel político, cultural e econômico secundário para a RMC, possuindo uma relação de dependência à conurbação do triângulo (GURGEL, 2012).

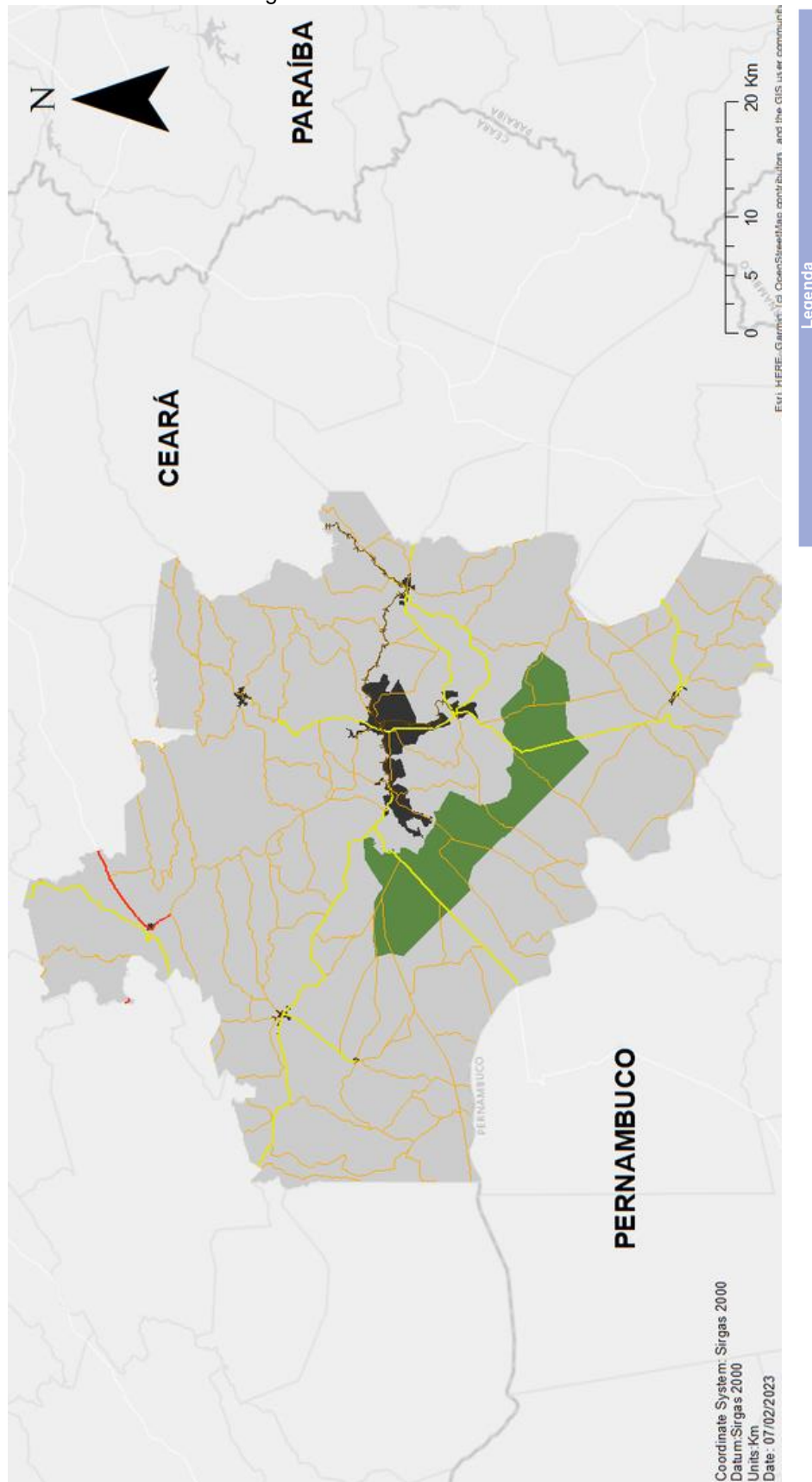
Os principais eixos viários que cruzam a RMC são as rodovias estaduais CE-060, que liga Fortaleza à Barbalha passando por Juazeiro do Norte e pela CE-292 que liga Juazeiro ao Crato (Fig. 9). Destaca-se, o papel da ferrovia construída em 1927, construída para o escoamento da produção agrícola em direção à Fortaleza.

Pequeno e Elias (2015) explicam que a expansão metropolitana, voltada a dotar o território cearense de fluidez, resultou em redefinições urbanas e regionais de várias naturezas, que se tornam nítidas sob a forma de contrastes: zonas rurais e urbanas, mata atlântica e caatinga, ocupações isoladas às margens das estradas etc.

A estrada! A estrada com certeza é o elemento mais importante que vem na minha cabeça. Porque a gente nasce e cresce tendo que percorrer muita estrada pra tudo! Eu lembro de na infância ter que andar muito pra poder tomar banho de rio, tomar banho de açude e voltar com os galões d'água pra casa... A gente tinha que caminhar não sei quantas léguas de mata pra poder plantar e colher e trazer as coisas... A gente morava num lugar que não tinha água encanada, não tinha luz, então a gente tinha que caminhar duas ladeiras pra poder levar água nos baldes pra casa e... Só tinham dois colégios né? Um particular, que ninguém podia pagar pra estudar, e o outro que era público ficava na zona rural, então eu lembro de todo santo dia caminhar duas léguas! Que equivale a mais de 2km para estudar! Para ter acesso à escola! Então a estrada é quase que uma aliada para as nossas conquistas básicas. Pro nosso cotidiano assim... E... Por mais que se alcance minimamente algum progresso, ainda é a estrada que nos traz a esperança de conquistas maiores. E é ela que a gente pega pra ir-se embora... (entrevistada de 33 anos).³

³ Todas as citações das entrevistas estão em formato itálico para diferenciá-las das citações de referências bibliográficas.

Figura 9 - Vias e Fluxos da RMC.



Fonte: Acervo GEDUR. 2023.

No processo de desenvolvimento do Cariri, o crescimento acelerado de Juazeiro do Norte (Fig. 10), atual centralidade econômica da região, ocorreu sobretudo após o “Milagre da Hóstia”, em 1889, fenômeno sobrenatural em que as eucaristias administradas pelo Padre Cícero se transformavam em sangue. “O evento significou um divisor de águas para o lugarejo que alcançou, em pouco tempo, autonomia política, força econômica e vigorosa condição urbana” (QUEIROZ e CUNHA, 2014, p. 7).

Figura 10 - Estatua de Padre Cícero em Juazeiro do Norte.



Fonte: Google Imagens.

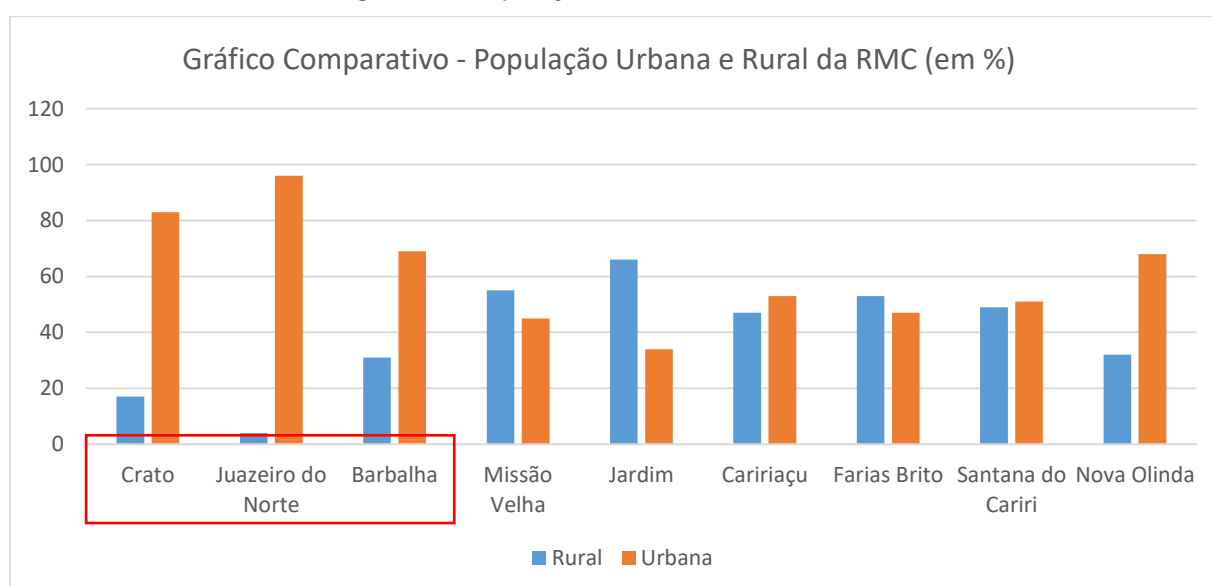
A figura do Padre Cícero, aliado às condições geográficas privilegiadas, de clima ameno decorrente da presença da Chapada do Araripe, de Juazeiro do Norte, em relação ao entorno, exercia atração sobre os sertanejos castigados pela seca, que se dirigiam pessoalmente ou através de cartas para o clérigo, pedindo socorro e/ou permissão para morar na cidade, elevada a essa categoria em 1911, pouco mais de 30 anos após o milagre do beato.

Diante da situação de pobreza endêmica vivenciada por milhares de sertanejos, que invariavelmente depositavam suas esperanças nos santos e, por vezes, no paternalismo e nas relações de compadrio com os coronéis da região, a emergência do fenômeno Padre Cícero fez

com que o “Joaseiro” do Cariri, se tornasse uma tábua de salvação (QUEIROZ e CUNHA, 2014, p. 10).

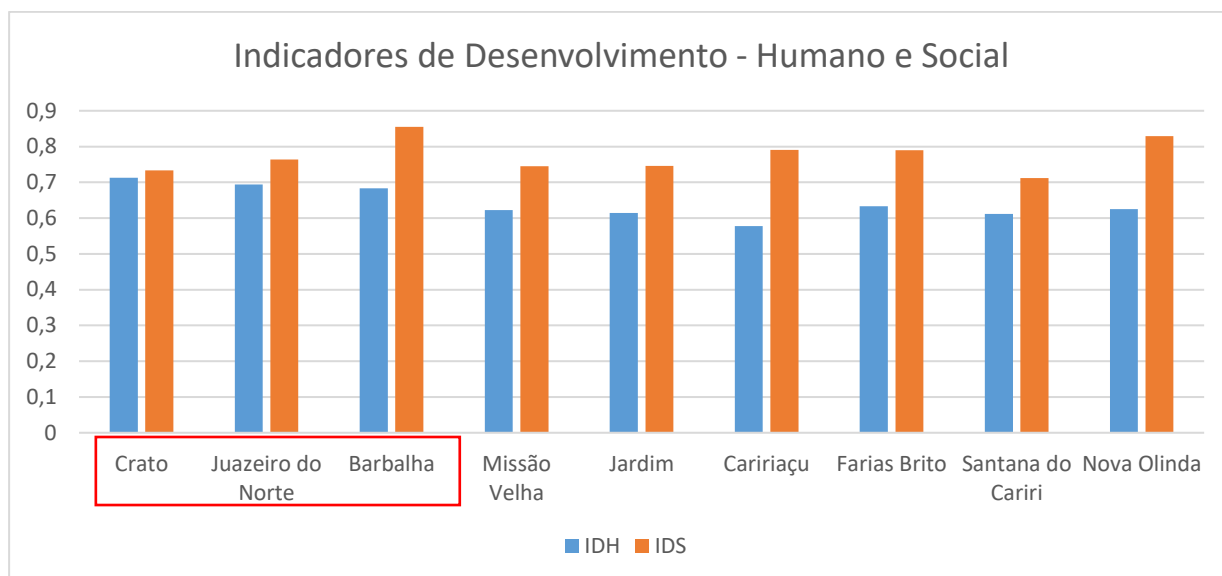
Atualmente, o CRAJUBAR (em vermelho no gráfico) possui os maiores índices de urbanização (Fig. 11) do Cariri, além dos melhores índices socioeconômicos regionais (Fig. 12). Também concentra um contingente de 473.839 habitantes, de acordo com as estimativas do IBGE para 2022, sendo a segunda maior conurbação e adensado populacional do Estado, apenas abaixo da capital Fortaleza. A taxa de urbanização das três cidades é de 72,3% (IPECE, 2020). Nas demais cidades da RMC, a taxa de urbanização se mantém próxima aos 50%, uma vez que houve queda nos seus contingentes populacionais e adensamento no início do século XIX, devido ao processo de migração dos sertanejos para o Triângulo (QUEIROZ e CUNHA, 2014).

Figura 11 - População Urbana e Rural da RMC.



Fonte: Elaboração própria a partir de dados do IPECE (2010).

Figura 12 - Indicadores de Desenvolvimento Humano e Social na RMC.



Fonte: Elaboração própria a partir de dados do IPECE (2010).

Para este estudo, por tratar-se de forma geral em uma análise em macroescala, isto é, quando há distâncias maiores que a da escala urbana (GROTTA, 2007); adotaremos as seguintes relações escalares:

- A Região Metropolitana do Cariri: macro escala;
- O CRAJUBAR: meso escala;
- A Cidade de Nova Olinda: microescala;

A próxima sessão será dedicada a aprofundar o estudo sobre o CRAJUBAR, apresentando o estudo, identificação e caracterização das Unidades de Paisagem (Ups), apresentando seus aspectos socioespaciais e relacionando-as com os dados secundários socioeconômicos, socioculturais e socioambientais, de maneira a construir uma melhor compreensão do território.

1.2 As Unidades de Paisagem do CRAJUBAR.

Para a análise morfológica do trecho compreendido entre as cidades de Crato, Juazeiro e Barbalha, o CRAJUBAR, fundamentados em Silva (2012, p. 204), buscamos analisar a paisagem percebida “na esperança de revelar o acúmulo de ações (passado)” e “as formas de apropriações existentes (presente)”.

Utilizamos o conceito de Unidade de Paisagem a partir de Silva (2012, p. 215), que as define “como um recorte conveniente do território que ajuda a explicitar, do ponto de vista da interação território e sociedade, as paisagens resultantes” (SILVA, 2012, p. 215). Montezuma contribui relacionando aspectos hidro geomorfológicas similares e características semelhantes de intervenção humana na identificação de UPs em determinado território. Assim, são analisados o suporte físico (topografia, tipo de solo), a estrutura hídrica (bacias hidrográficas, corpos d’água), a cobertura vegetal (biomas, tipos e densidades de coberturas), e as manchas urbanas (centralidades, consolidadas ou em consolidação), de modo a fazer uma leitura e entendimento preliminar amplo do recorte macro, identificando recortes específicos para aprofundamento posterior.

Assim, de modo a dar partida a um entendimento inicial abrangente da morfologia da paisagem do recorte macro da pesquisa, ou seja, da RMC, nos apropriamos da ferramenta de identificação das Unidades de Paisagem, a partir de Montezuma (2014) e Silva (2012), que conceituam as UP’s como um espaço de terreno com características hidro geomorfológicas e histórias de intervenção humana semelhantes. São identificadas principalmente com aspectos similares o suporte físico, a estrutura hídrica, a cobertura vegetal e as manchas urbanas.

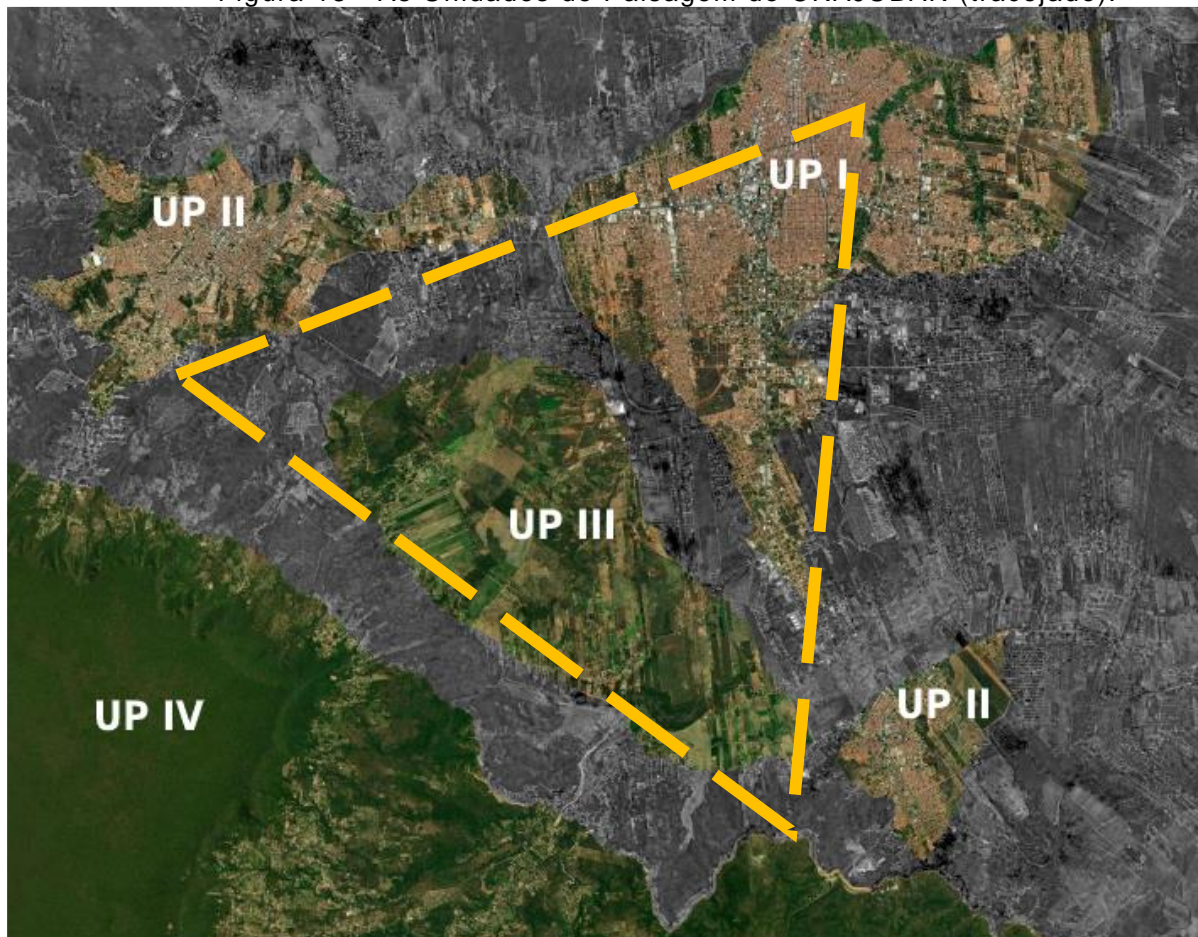
Através da ferramenta Google Earth, pôde-se identificar de forma preliminar quatro Unidades de Paisagem predominantes na região do Triângulo CRAJUBAR, tendo como critérios a densidade populacional, a vegetação predominante e o tipo de relevo. No recorte em mesoescala, as Ups identificadas são: UP I. Cidades adensadas e urbanizadas, representada pela cidade de Juazeiro do Norte, com taxa de urbanização acima de 70%, presença de verticalização central e pouca arborização; UP II. Cidades de médio adensamento, isto é, Crato e Barbalha, com taxa de urbanização e densidade demográfica similares, quadras em forma de tabuleiro de xadrez e baixo gabarito; UP III. Ruralidade sertaneja, compreendendo o conjunto das zonas rurais das três cidades, com presença de lotes para atividades da agropecuária, casas espaçadas e pouca infraestrutura urbana e, por fim, a UP IV. Floresta Nacional do Araripe, equivalente à unidade de conservação formada por mata atlântica.

Usando os mapas de bases cadastrais do Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará – IPECE, e da obtenção de dados estatísticos do Instituto

Brasileiro de Geografia e Estatística, apresentaremos um panorama sobre a região englobando seus aspectos geobiofísicos (MONTEZUMA, 2014) e socioeconômicos.

Observando o recorte espacial definido a partir de foto aérea disponibilizada pelo Google Earth (Fig. 13), é possível identificar manchas que representam características territoriais distintas.

Figura 13 - As Unidades de Paisagem do CRAJUBAR (tracejado).



Fonte: Elaboração própria a partir do Google Earth.

Ao norte da região, no ponto mais alto do triângulo, observa-se uma área de grande adensamento urbano, com um núcleo aparentemente mais verticalizado e baixa presença de vegetação; corresponde à cidade de Juazeiro do Norte, e a classificamos como Unidade de Paisagem I – Cidade de Grande Adensamento Urbano.

Mais abaixo, ao leste e a oeste, observam-se manchas urbanas menores, de aparente baixa verticalização, quadras em forma de tabuleiro de xadrez e vegetação mais presente. São as cidades de Barbalha (à direita) e Crato (à esquerda), que,

embora apresentem algumas diferenças espaciais e nos seus indicadores socioeconômicos e populacionais, optou-se nesse estudo por identificá-las como Unidades de Paisagem II – Cidades de Médio Adensamento Urbano.

Entre as Unidades I e II já especificadas é possível distinguir uma área territorial não urbanizada, com presença de vegetação e dividida por lotes para o desenvolvimento das atividades agropecuárias. A nomearemos de Unidade de Paisagem III – Ruralidade Sertaneja.

Por último, na base do triângulo CRAJUBAR, há uma massa verde não ocupada, sob a forma de Chapada, com presença de vegetação do tipo Mata Atlântica; trata-se da Floresta Nacional do Araripe, a primeira Flona a ser fundada no Brasil, e que constitui a Unidade de Paisagem IV.

Não se exclui, nesse estudo, a presença ou descoberta de outras categorias morfológicas que constituam UP's, em outras escalas de observação mais aproximadas, ou da presença de áreas de transição entre as unidades estabelecidas, localidades com características próprias e qualidades paisagísticas específicas.

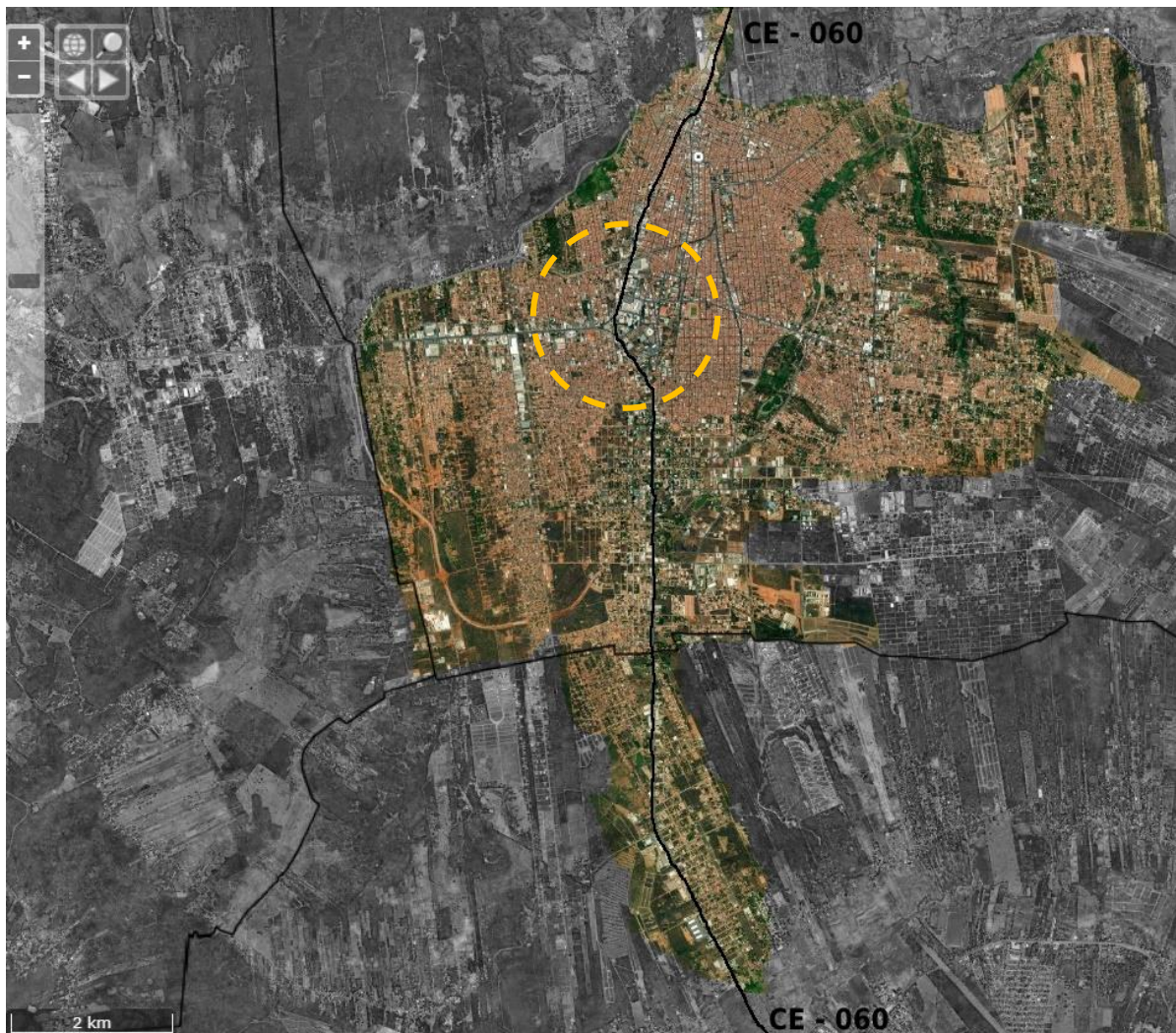
1.2.1 Unidade de Paisagem I – Grande adensamento urbano

A primeira Unidade de Paisagem identificada configura a malha urbana correspondente à cidade de Juazeiro do Norte (Fig. 14), a maior cidade da região do Cariri e que abriga o terceiro maior contingente populacional do Estado. A mancha apresenta grande adensamento urbano, com a presença de um núcleo aparentemente verticalizado, correspondente ao bairro Triângulo (tracejado laranja), “entroncamento das vias de ligação intermunicipal, onde são encontradas propriedades morfológicas e equipamentos que correspondem a uma escala metropolitana de centralidade” (GURGEL, 2012, P. 194).

Segundo o IBGE (s/d), os territórios são classificados de acordo com suas tipologias municipais, tendo como critérios: a delimitação político-administrativa; a densidade populacional e a ocupação econômica da população.

As zonas urbanas possuem menor dispersão populacional, presença da pluriatividade e menor cobertura vegetal. Em se tratando de sua morfologia, as zonas urbanas são caracterizadas por maior densidade construtiva e gabarito, além de possuir diversidade de equipamentos culturais e de serviços.

Figura 14 - Unidade de Paisagem I - Juazeiro do Norte.



Fonte: Elaboração própria a partir do Google Earth.

A Unidade de Paisagem I é representada pela mancha urbana inserida no município de Juazeiro do Norte, é cortada pela CE-060, apresenta IDHM de 0,694 (IBGE, 2010) e PIB per capita de R\$ 17.772,55 (IBGE, 2019). A sua população está estimada em 278.264 pessoas (estimativa do IBGE em 2021), com uma densidade demográfica de 1004,45 hab/km² (IBGE, 2010) e taxa de urbanização de 96% (IPECE, 2010) e trata-se de um dos maiores destinos do turismo religioso no Brasil, devido à figura do Padre Cícero, um dos responsáveis pela emancipação da cidade.

A “Meca do Cariri” é diariamente procurada por fiéis (recebendo aproximadamente 2,5 milhões de visitantes anuais). Parcela da economia urbana se mantém à sombra dos romeiros: indústrias, intensa atividade comercial no bairro

Centro e as novas construções estão intrinsecamente ligadas à presença do turismo religioso. (GURGEL, 2012, P. 192).

Originou-se do povoado de Tabuleiro Grande, cuja ocupação remonta ao século XVI. Permaneceu como um lugarejo, pertencente à cidade do Crato, até a chegada de Padre Cícero Romão Batista, em meados de 1872 (BATISTA, 2020). A atração de romeiros e sertanejos nos anos seguintes ao “Milagre da Hóstia”, em 1889, ocasionou o seu crescimento exponencial, que somando-se ao papel político desempenhado pelo padre, culminou com a sua emancipação política em 1911, e a nomeação de Padre Cícero, seu primeiro prefeito.

O nome Juazeiro do Norte foi oficializado em 1945. Hoje, uma cidade em pleno processo de desenvolvimento urbano, notável pela verticalização das suas construções (Fig. 15). Apesar de rodeado pela vegetação; a mancha urbana é perceptível.

Figura 15 - A cidade de Juazeiro do Norte com verticalização perceptível.



Fonte: Google Imagens.

1.2.2 Unidades de Paisagem II – Médio Adensamento Urbano.

As manchas identificadas nesse estudo como de médio adensamento urbano, ou seja, Unidades de Paisagem II correspondem às manchas urbanas dos municípios de Crato (Fig. 16) e Barbalha (Fig. 19). São conectadas pelas CE-060 e CE-292,

possuem malha urbana em forma de xadrez, edificações aparentemente de baixo gabarito, com presença de casas coloniais e vegetação mais abundante.

Figura 16 - Unidade de Paisagem II: A cidade do Crato.



Fonte: Elaboração própria a partir do Google Earth.

A cidade do Crato foi uma das primeiras vilas fundadas no Ceará, em 1764, sendo seu nome uma homenagem à cidade homônima em Portugal. O IBGE (2021) estima que a sua população é de 133.913 habitantes, tendo densidade demográfica de 103,21 hab/km² e taxa de urbanização de 84% (IPECE, 2010), dados muito inferiores à cidade de Juazeiro do Norte. Seu IDHM é de 0,713 e PIB per capita de 13.315,64 (IBGE, 2019).

Sua ocupação remonta à catequização dos índios que habitavam o vale. Pela sua posição geográfica privilegiada, ao sopé da Serra do Araripe, de terra fértil e presença de nascentes, atraiu também muitos retirantes dos sertões arredores, o que impulsionou o seu crescimento urbano (GURGEL, 2012).

Atualmente Crato é consolidado como um polo educacional da região, com a presença da Universidade Regional do Cariri – URCA, que estende a sua influência e produção de pesquisa, sobretudo nas áreas de paleontologia aos estados vizinhos. Também a sua atividade agropecuária se destaca, tendo estabelecido relações comerciais de produtos rurais com a capital, cidades da região e Estados do Nordeste;

a EXPOCRATO – Exposição Centro Nordestina de Animais e Produtos Derivados (Fig.17), maior evento nacional do setor, com duração de 9 dias, e que ocorre anualmente, chega a reunir 50 mil pessoas por dia; e a sua programação reúne feira de produtos agropecuários, exposição e leilão de animais e shows de artistas nacionais.

Figura 17 - Expocrato, 2018.



Fonte: Google Imagens.

Apesar dessa pujança econômica e crescimento populacional, a cidade não apresenta um processo de verticalização incisivo, como percebido na cidade de Juazeiro do Norte, pelo contrário, ainda mantém a sua arquitetura colonial, de baixo gabarito (Fig. 18), com intervenções adaptativas às atividades comerciais, quando necessário.

Resumidamente pode-se apontar que para a cidade de Crato encontra-se uma coincidência entre centro histórico – centro ativo – centro topológico. Essa característica aproxima-se da ideia de cidade instrumental ou a máxima de urbanidade, como encontrado nos centros históricos do Brasil desde os tempos coloniais (GURGEL, 2012, P. 191)

Atualmente, no entanto, enfrenta dificuldades no que tange as ocupações irregulares nas áreas próximas da chapada do Araripe, ocasionando o assoreamento e a destruição da mata ciliar do rio Salgado (FAHEINA, 2011).

Figura 18 - A cidade do Crato.



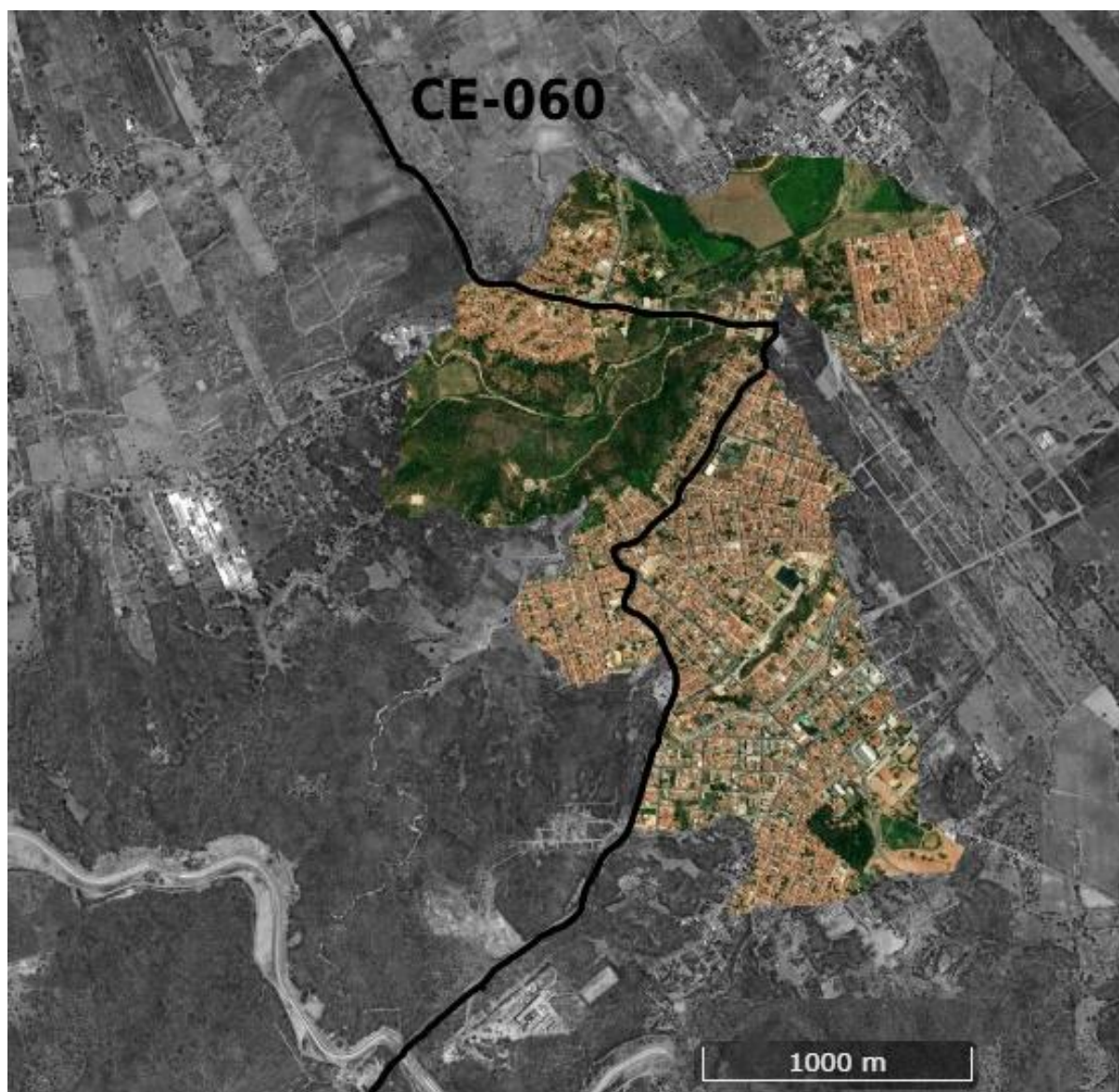
Fonte: Google Imagens.

Complementando a análise da Unidade de Paisagem II – Médio adensamento urbano, apesar de menor do que a cidade de Crato, tem-se a cidade de Barbalha (Fig. 19), onde também identificamos uma mancha urbana menor do que a UP I, aparente baixo gabarito, cidade organizada em malha de xadrez e presença de arborização.

A cidade de Barbalha é a menor das três cidades que compõe o triângulo do CRAJUBAR, tem população estimada em 61.662 habitantes (IBGE, 2021); com densidade demográfica de 97,14 hab./km² (IBGE, 2010), pouco abaixo da cidade do Crato, o que explica a organização espacial similar, uma vez que em ambas as cidades “o centro topológico coincide com seus centros antigo e ativo” (GURGEL, 2012, P. 195) e justifica o entendimento de mesma UP. A taxa de urbanização barbalhense é de 67,74% (IBGE,2010). Já os indicadores econômicos do IBGE

atestam que seu IDHM é de 0,683 (2010) e PIB per capita de 17.347,60 (IBGE, 2019), superior às demais cidades.

Figura 19 - Unidade de Paisagem II: A cidade de Barbalha.



Fonte: Elaboração própria a partir do Google Earth.

Emancipada em 1846, a cidade de Barbalha (Fig. 20) nasceu a partir da fazenda do capitão Francisco Magalhães de Barreto Sá, mais especificamente, após a construção da capela em homenagem à Santo Antônio, inaugurada em dezembro de 1790. Sob a influência dos senhores de engenho, Barbalha adquiriu uma formação política oligárquica e sociedade aristocrática, que, a exemplo de outras cidades no

Brasil, contribuíram para trazer para a cidade um patrimônio arquitetônico relevante, ainda hoje bastante preservado. (GURGEL, 2012, P. 194).

A religiosidade é uma característica marcante local, expressa pela Festa do Pau da Bandeira, festejo em homenagem ao padroeiro Santo Antônio. Um importante recurso ambiental abrangido parcialmente pelo município de Barbalha é a Floresta Nacional do Araripe (classificada como Unidade de Paisagem IV, a ser analisada mais adiante), demonstra o potencial municipal para o ecoturismo, embora a sua economia seja consolidada pela sua produção agrícola e comércio.

Figura 20 - A cidade de Barbalha.



Fonte: Google Imagens.

O baixo gabarito das edificações por toda a cidade tem como marca os casarões coloniais que configuram, em conjunto, o patrimônio arquitetônico mais bem preservado e conservado do Estado do Ceará, registrando “cerca de 50 construções de valor histórico, entre as quais se destacam o Engenho Tupinambá, construído no ano de 1830, último exemplo de casa grande e engenho conjugados (Fig. 21); o Casarão Hotel, de 1850; Casa de Câmara e a Cadeia Pública” (BATISTA, 2020, p. 140).

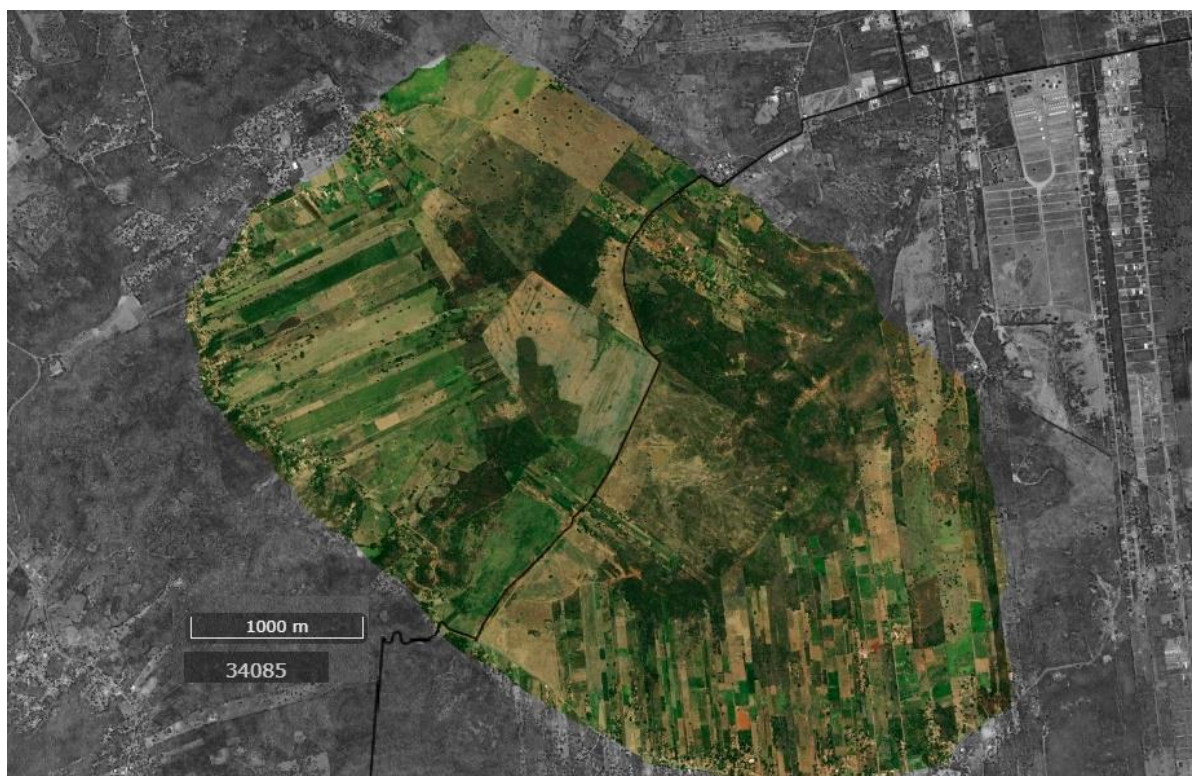
Figura 21 - Engenho Tupinambá que conjuga casa grande e engenho.



Fonte: Diário do Nordeste. 10 de março de 2020.

1.2.3 Unidade de Paisagem III – Ruralidade Sertaneja

Figura 22 - Unidade de Paisagem III: Ruralidade Sertaneja.



Fonte: Elaboração própria a partir do Google Earth.

Entre as UP's I e II, identifica-se um vazio urbano (Fig. 22), ou espaço livre de edificação e urbanização (MAGNOLI, 1982). É possível observar, no entanto, a divisão da terra em lotes e plantações, de pequenas proporções. Devido aos dimensionamentos e a presença espaçada das edificações, infere-se ser uma área de exercício da agricultura de subsistência e pecuária. Como já exposto no Capítulo I, o termo sertão configura como espaço distante do litoral, de clima semiárido, vegetação predominante da caatinga e histórico ligado às atividades agropecuárias, por isso convencionou-se denominar esta UP de ruralidade sertaneja.

Este território é a junção de parte das zonas rurais das cidades de Barbalha, Juazeiro do Norte e do Crato, também age como uma zona de transição para a Chapada do Araripe, possibilitando o cultivo agrícola na área. As visitas de campo demonstraram que essas características se repetem nas zonas rurais das demais cidades da RMC. Por não se tratar de um território delimitado oficialmente, não conseguimos estabelecer dados socioeconômicos secundários; as entrevistas, que serão apresentadas e analisadas nos próximos itens, nos ajudaram a construir as narrativas de ocupação e modos de vida desse espaço geográfico.

Eu cresci no sítio que nasci, era cheio de mata, cocais e roçado, e plantava algodão e vivia da agricultura, da roça... Plantava algodão, feijão, milho, mamona, fava, arroz, tudo... Inté fumo a gente plantava (sic)... Assim, a boniteza que tem aqui que eu mais gosto, é a brincadeira (de reisado) (...). Eu achava bonito lá na terra, era que quando dava esse mês de setembro, de outubro, toda noite nós via uma renovação, que era uma reza, uma novena em cada casa (Entrevistado de 72 anos).

Ah, sei lá... Assim, como era antigamente era muito bom... Você estava na paz... Voltava do almoço, a gente não tinha televisão, não tinha rádio, era pobridão (sic) mesmo né? Não tinha o que fazer... Era esperar dar sete horas da noite pra ir dormir e acabou! Acordava cinco, seis horas da manhã... Mãe já deixava aquele milho de molho... De manhã eu ajudava a moer, pra fazer o pão de milho que era o almoço. Arroz era mistura, quando tinha. “Eita menino! Hoje tem arroz! Que mãe tirou o dinheiro!” Meu pai, no dia que ele tirava o dinheiro, ele comprava uma cabeça de porco, tirava as coisas, limpava. Que era

pra durar uma semana ou mais. Era uma felicidade! Tu é doido! E tinha as festas também! Ah era muito bom... (Entrevistado de 58 anos)

As entrevistas mostraram que o modo de vida rural sertanejo está entrelaçado às relações afetivas e devocionais, levantando a hipótese de que a lida com a paisagem hostil, o clima semiárido e a seca propiciaram a aproximação dos grupos sociais que aí habitam e a produção de cultura através dos seus festejos.

Então eu acho o seguinte, essa parte da seca é a nossa tristeza, é a nossa tristeza..., mas em compensação, tem essa outra parte da nossa cultura, que já é a nossa alegria... Então nem fica tudo triste, e nem fica tudo alegria. Fica bom. A gente tem que aprender a conciliar os dois, nem só uma coisa, nem outra... (Entrevistada de 68 anos).

A zona rural sertaneja do Cariri apresenta traços e modos de vida próprios, ligados a ciclicidade do clima, das colheitas e dos festejos. Do ponto de vista paisagístico, observa-se a ausência de vias asfaltadas, sendo os percursos intra territórios realizados em estradas de terra ou de pavimentação de pedra, casas com quintais ou áreas laterais para cultivo e a presença de cisternas (Fig. 23), construídas por meio do Programa 1 Milhão de Cisternas, que garantem “autonomia hídrica às comunidades mais isoladas por vários meses” (FERREIRA et al., 2020. P. 18), alterando significativamente a paisagem e favorecendo a manutenção do modo de vida rural sertanejo.

Figura 23 - Casa na zona rural do Cariri, próximo à cidade do Crato.



Fonte: Acervo pessoal. 2022.

Embora haja fornecimento de luz elétrica, muitas casas preservam o uso de lampiões e candeeiros, que se integram à decoração residencial. Outro aspecto importante observado, é a presença de oratórios (Fig. 24) na entrada das casas, tanto nas zonas rurais, como nas zonas urbanas, uma forma de proteção, símbolo de devoção e ponto de encontro dos habitantes locais. Um dos entrevistados explicou a relação entre o oratório e os costumes identitários sertanejos:

Tá vendo?! (o oratório) era pra isso! Pra receber as pessoas! De ano em ano, que é aquela diversão! A gente gosta de rezar terço nas casas! A gente reza um terço, canta, bebe café, e aí vamos embora! Aí nós sai nas casas (sic)! A gente perguntava: “quem é que quer reza?” E rezava. E quem é que não quer reza? Só o diabo que não quer! A gente tem que espantar o mal mesmo, pelo menos com uma reza, nem que seja de seis em seis meses. Aí nós se acerta e pronto! (entrevistado de 72 anos).

Os entrevistados também atestam as transformações ocorridas nas zonas rurais e urbanas das cidades da região do Cariri, cada vez mais próximas e conurbadas, com a chegada de equipamentos educacionais e de infraestrutura:

Não tinha nada disso! Menina, era uma coisa assim, parada. Parada mesmo. Coisa escura. Aí foi se desenvolvendo e tá aí, agora, prédio de todo jeito, que até tá esquentando mais a cidade. Esses prédios altos. E aumentou os bairros também, que ali tem o bairro do Mussambê, que tão construindo a Capela de Nossa Senhora de Fátima. Já tem três capelas construídas, não, duas, que quando eu cheguei a de São Francisco já era construída. Tem a da portelinha, tem a de Santa Luzia, bem movimentada também. E tem a de Mãe Rainha, que é mais popular, onde teve a festa agora da padroeira, dia 18. E mudou muita, muita coisa! Quem chegou aqui em 2003, se chegar agora, já não reconhece... Não tinha esse negócio (apontando pra praça), aquilo ali, aquela tal de tapera, era uma imundície! Era um açougue antes, nós não tinha frigorífico não, era aquele desmantelo, aquela água podre, aquelas coisas penduradas, as moscas comendo por cima. E era aquelas “seboseiras” de um lado, correndo naquela água podre, olhe! Tudo foi mudança! (Entrevistada de 86 anos).

Figura 24 - Oratório em casa de entrevistada. Zona Rural de Nova Olinda.



Fonte: Acervo Pessoal. 2022.

Por fim, a Chapada do Araripe, além de cumprir um importante papel econômico para a região, revela-se um elemento imponente da paisagem sertaneja cariense (Fig. 25), a ser abordada no próximo item.

Figura 25 - Cidade de Santana do Cariri e a Chapada do Araripe no horizonte.

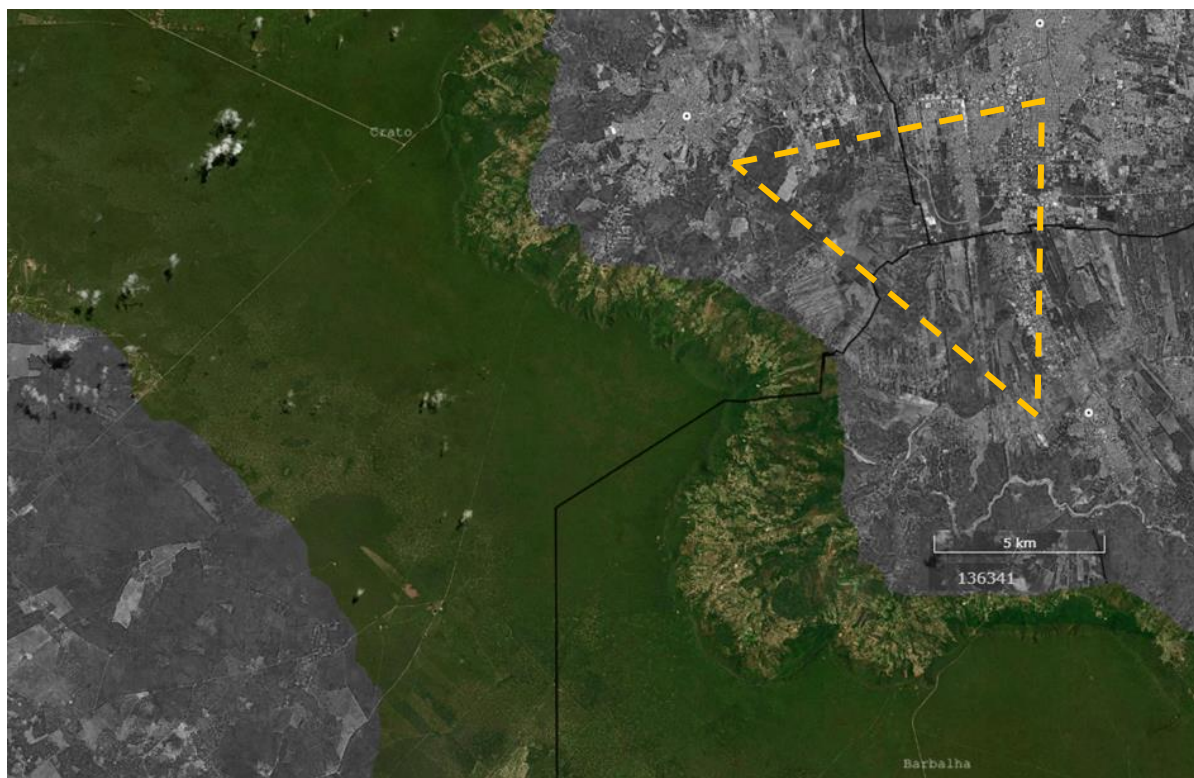


Fonte: Acervo Pessoal. 2022.

1.2.4 Unidade de Paisagem IV – Floresta Nacional do Araripe.

A IV Unidade de paisagem (Fig. 26) distingue-se das demais pela quase absoluta ausência de ocupação humana, excetuando-se a CE-060 que atravessa a área no sentido Norte-Sul, saindo da cidade de Barbalha até a cidade de Jardim, divisa com o Estado de Pernambuco. Ali a rodovia passa a ser chamada de PE-475. Trata-se de parte da Floresta Nacional do Araripe, a primeira Flona do Brasil, criada pelo Decreto 9.226/1946, gerida pelo Instituto Chico Mendes da Biodiversidade (ICMBio).

Figura 26 - Unidade de Paisagem IV: A Floresta Nacional do Araripe. Demarcação do CRAJUBAR em tracejado laranja.



Fonte: Elaboração própria a partir do Google Earth.

A Flona Araripe abrange 38.968,00, fazendo parte de vários municípios, dentre eles Crato, Barbalha e Nova Olinda, abordados nesta pesquisa. Possui bioma misto, apesar de estar inserido no Bioma Caatinga, configurando uma transição entre a Caatinga e resquícios da Mata Atlântica. Além da densa cobertura vegetal, da biodiversidade e de abrigar mananciais que drenam toda a região, possui inestimável valor para a região pela presença de sítios arqueológicos com espécimes que datam de 110 milhões de anos (Fig. 27): “os fósseis da região têm sido importantes para comprovar a deriva dos continentes africano e sul-americano” (BATISTA, 2020, P. 34).

O Geopark Araripe - APODI (Fig. 28), localizado nessa área, foi integrado à rede mundial de geoparques em 2006 e reconhecido como patrimônio geológico e paleontológico pela Organização das Nações Unidas para Educação, a Ciência e a Cultura – UNESCO. Por isso, além de atrair pesquisadores paleontólogos de todo o mundo, a Flona também tem potencializado o ecoturismo na região.

Figura 27 - Fósseis em exposição no Museu de Paleontologia de Santana do Cariri.



Fonte: Acervo pessoal. 2022.

Figura 28 - O Geopark Araripe APODI.

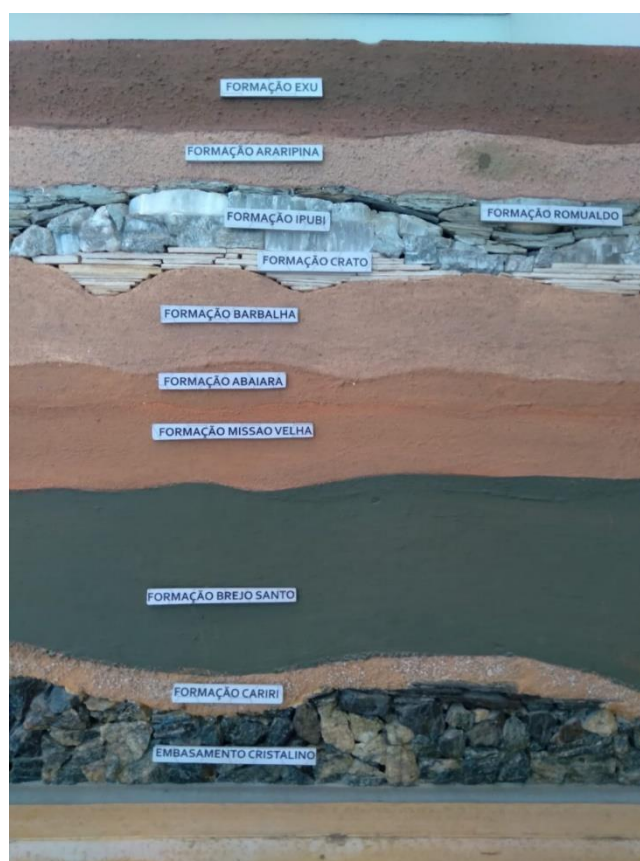


Fonte: Site Oficial do ICMBio.

A sua geomorfologia é em forma de chapada, isto é tabular, com mata fechada e presença de nascentes e cachoeiras. Tais características e a abundância de água contribuem para amenizar o clima seco da região, além de abastecer os corpos hídricos, favorecendo a atividade da agricultura e pecuária em todo o Cariri.

Os fósseis se encontram na camada chamada de formação Crato (Fig. 29), ao sopé da Chapada, de onde também se extrai a pedra cariri, utilizada na construção civil como revestimento de piso e produção de mobiliário.

Figura 29 - Maquete Física: A Formação Rochosa do Cariri.



Fonte: Museu de Paleontologia de Santana do Cariri.

Para restringir os riscos ambientais e de preservação dos fósseis oriundos das atividades mineradoras, o Museu de Paleontologia da URCA, em Santana do Cariri, tem “exercitado a coleta sistemática de fósseis nas frentes de escavações do calcário laminado” (pedra cariri), além de “manter projetos de escavações permanentes em toda a Bacia do Araripe” (MORAES et al. 2020, p. 61.). Uma das entrevistadas, artesã local de Nova Olinda, cujos trabalhos são em pedra cariri, explica que o Geopark

também cede as sobras das pedreiras para a produção de artesanato (Fig. 30), como forma de incentivo econômico e diminuição dos riscos ambientais.

A gente tem parceria aqui com o Geopark, a gente tá incluído no geoproduto. Como a pedra Cariri, ela é um geoproduto né? E a gente esculpe, a gente multiplica ela (sic!) da melhor forma pra não ir pro lixo, pra não ir pro meio ambiente. Reaproveita as sobras das pedreiras pra produzir. E era muita produção de pedra ali, que destruía muita pedra. Aí a gente começou com o artesanato, que é uma forma boa de produzir, como o imã (de geladeira), que é uma peça pequena, imagina quantas dessas não ia pro meio ambiente, tampava os rios, era muita complicação. E aí, a gente vai lá (na pedreira), pega as sobras e produz pra não estragar né? (Entrevistada de 48 anos).

Figura 30 - Souvenires produzidos em pedra cariri.



Fonte: Acervo pessoal. 2022.

1.3 Análise em Microescala: A Cidade de Nova Olinda.

O município de Nova Olinda (Fig. 31) é limítrofe ao Crato a leste, e Santana do Cariri a oeste, com acesso pela CE-292; possui estimativa de 15.798 habitantes (IBGE, 2021) com área de 282,584km². Seu IDHM é de 0,625 e PIB per Capita de R\$ 9.353,48 (IBGE, 2019).

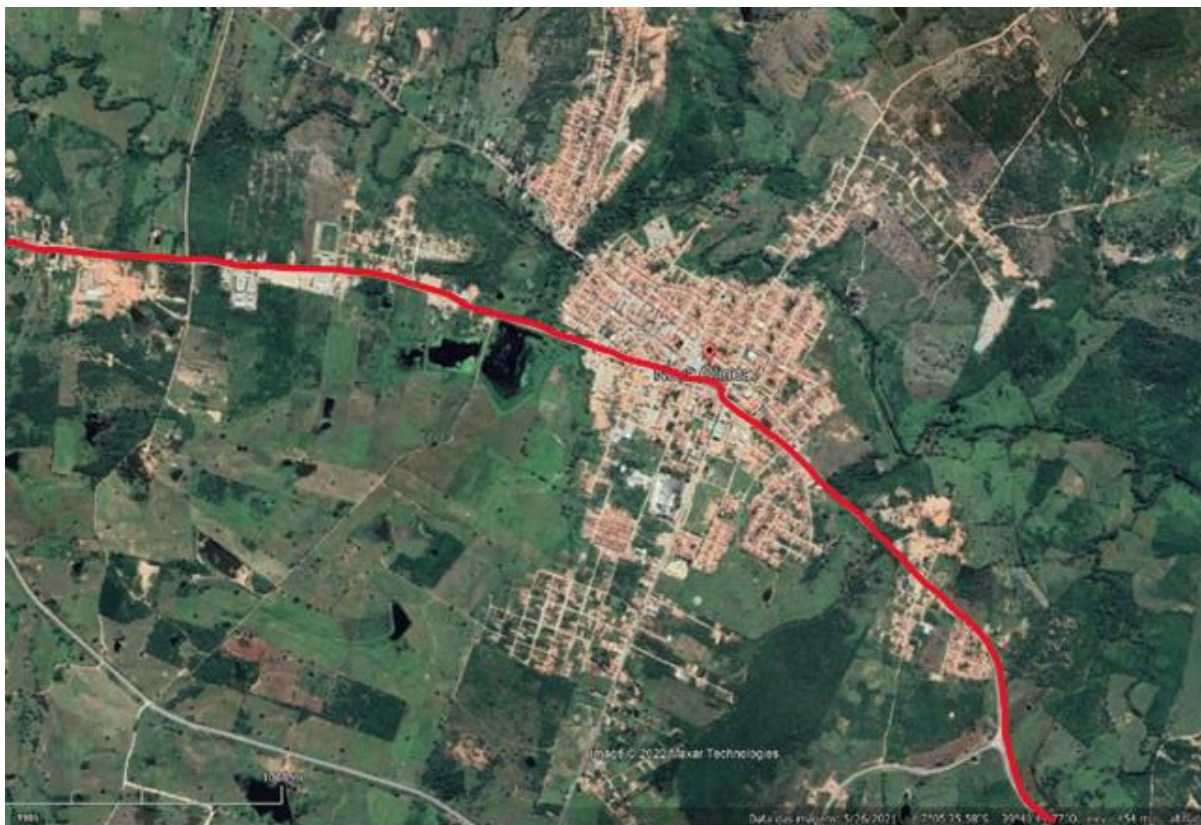
Figura 31 - A cidade de Nova Olinda



Fonte: Google Earth.

Nova Olinda é atravessada no sentido Leste/Oeste pela CE-292 (Fig. 32), que conecta as cidades de Crato e Santana do Cariri. Possui um núcleo urbano central onde se localizam a prefeitura, a escola, a delegacia e a Igreja Matriz (Fig. 33); a partir daí a urbanização se torna mais rarefeita, ganhando cada vez mais características rurais. O município é abrangido pelo bioma da caatinga, sendo uma das 65 cidades indutoras de turismo nacional, pelo Ministério do Turismo (FEITOSA et al.; 2009).

Figura 32 - Zonas Urbana e Rural e a CE-292 (em vermelho) em Nova Olinda.



Fonte: Google Earth.

Pela proximidade com a Flona Araripe, sua vocação turística está relacionada à presença do Geopark Araripe, já citada área de proteção ambiental e conservação de fósseis cretáceos, cuja missão é “conservar este patrimônio natural de singular beleza e importância científica, educativa e turística” (GEOPARK, s/d); à extração de pedra calcária de nome cariri e à produção de couro, atividade principal da região desde a sua origem.

Habitada por indígenas da Aldeia da Água Saída do Mato, à margem do Rio Cariús, com presença ainda da Mata Atlântica, o processo de ocupação pelo homem branco se deu durante o “Ciclo do Couro”, quando seus exploradores instalaram aí “uma tapera, sem parede laterais, servindo apenas para rancho provisório de tropeiros e comboieiros” (BATISTA, 2020, p. 253). Jucá Neto (2012) explica que foi desses ajuntamentos simples, à margem das estradas, por onde se exerciam a pecuária extensiva e o comércio de produtos derivados dessa atividade (couro, carne, leite etc.), que se deu o processo de ocupação, não apenas de Nova Olinda, como das demais vilas e cidades dos sertões cearenses.

Figura 33 - Igreja Matriz de São Sebastião em Nova Olinda.



Fonte: Acervo pessoal. 2022.

No âmago dos sertões, nos cruzamentos das “estradas das boiadas” ou locais de abate e desembarque da carne surgiram, em consequência, precários ajuntamentos humanos, transformados em frágeis suportes oferecidos à implantação de uma incipiente rede urbana, materializada pela instalação de núcleos em locais onde, por esta ou por aquela conveniência, ficassem atendidos os desígnios da administração lusitana. (JUCÁ NETO, 2012, p.17).

A partir daí, os viajantes começaram a se estabelecer, transformando a área em fazenda com casa-grande (Figura 34), capela e cemitério, ficando conhecido como povoado Tapera. O nome de Nova Olinda surgiu após a vinda de missionários pernambucanos e assim permaneceu até alcançar o posto de distrito de Nova Olinda, da comarca de Santana do Cariri em 4 de dezembro de 1933. Em 14 de abril de 1957 adquiriu sua emancipação.

Figura 34 - A Casa Grande



Fonte: Acervo Pessoal. 2022.

A base da sua economia segue sendo a produção de couro, seja industrial ou artesanal e de produtos derivados da agropecuária. O museu do ciclo do couro, ateliê do reconhecido artista da cidade Espedito Seleiro (Fig. 35), demonstra a importância cultural e econômica do produto na região. Mais recentemente, a extração de pedra

cariri tem se consolidado, bem como o desenvolvimento da atividade de ecoturismo, em função da proximidade com a chapada que abriga a FLONA Araripe.

Assim como todo o Cariri, o município de Nova Olinda é influenciado pelo turismo religioso católico, entrelaçado à cultura popular: “as cidades da região do Cariri cresceram a partir das construções de capelas, que no início eram singelas construções de taipa, foram se modificando, tornando-se cada vez mais capaz de abrigar com dignidade os fiéis” (BATISTA, 2020, p. 52).

Figura 35 - Espedito Seleiro no Museu do Ciclo do Couro de Nova Olinda.



Fonte: Acervo Pessoal. 2022.

Os grupos de reisado e folguedos tradicionais (Fig. 36) se destacam como expressão artística e cultural da cidade. As letras das músicas contam as histórias e causos locais, em forma de teatro dançado.

O reisado, ele é considerado o maior folguedo de todas as danças folclóricas, porque é o mais animado. (...) Ele é, como se diz, uma peça de teatro, um teatro vivo acontecendo. Tem várias coisas, vários personagens, vários entremeios, ele conta toda uma história. (...) (Entrevistada de 76 anos).

Figura 36 - Ensaio musical do reisado de Mestra Angelina.



Fonte: Acervo Pessoal. 2022.

1.4. Aspectos Identitários: Religiosidade e Cultura Popular

Diante de uma formação territorial tão diversa, perpassada pela ocupação indígena, pela colonização portuguesa e pelo *cruzamento de caminhos*⁴ dos romeiros com sua devoção aos santos católicos, dos sertanejos em busca de água fresca, dos pesquisadores paleontólogos e dos produtores de produtos agrícolas (principalmente o couro), é de se esperar uma produção artística e cultural que espelhe essa identidade forte e característica sertaneja caririense.

A pluralidade cultural do Cariri é resultado da miscigenação de diversos povos, que trouxeram consigo o artesanato, a música e a gastronomia, e conservaram manifestações da cultura popular como: produção de cordéis (literatura popular), artesanato, principalmente em madeira, couro e argila, Festas de Pau da Bandeira e várias expressões das festas juninas, além de penitências religiosas. Destacam-se também as bandas de pífano, originadas da tradição indígena e os reisados. (RODELLA, 2019, sem página).

Dado o contexto histórico de formação das cidades caririenses, explicitados anteriormente, convém ressaltar o aspecto religioso, e a forma como este se funde a cultura popular. As cidades da região do Cariri cresceram a partir das construções de capelas, que “no início eram singelas construções de taipa, foram se modificando, tornando-se cada vez mais capaz de abrigar com dignidade os fiéis” (BATISTA, 2020, p. 52).

Antes mesmo do evento do “Milagre da Hóstia”, em Juazeiro do Norte, a igreja católica já exercia forte poder político na região. A Diocese do Crato, principalmente, promovia ações pastorais que estendiam suas políticas sociais à toda a região, através de “políticas preventivas de saúde dos sertanejos, ensino de trabalhos domésticos e artesanais, criação de sindicatos de trabalhadores rurais, etc.” (CORTEZ, 2000, p. 14).

O crescimento de Juazeiro do Norte, após o milagre de Padre Cícero, gerou uma disputa entre as duas principais Dioceses da região, de um lado, a partir das ideias de civilidade do catolicismo romano, no Crato; de outro, a ideia de barbaridade do catolicismo popular de Padre Cícero. A cidade do Crato, então, consolidou-se como

⁴ Termo cunhado pelo Prof. Jucá Neto em reunião pré banca de qualificação.

a “a cidade da cultura letrada, civilizacional e formal” ao passo que Juazeiro do Norte consolida-se em uma identidade primitiva, instintiva e popular (BRITO, 2007; CORTEZ, 2000; VIANA, 2009).

Os pormenores políticos de tal disputa não cabem aqui; o fato é que atualmente, as romarias feitas à Juazeiro do Norte (de Nossa Senhora das Candeias, em 02 de fevereiro; da Virgem das Dores, na primeira quinzena de setembro; e do aniversário de nascimento – 24 de março, e de morte – 20 de julho, de Padre Cícero), bem como a Festa do Pau da Bandeira (Fig. 37), em Barbalha se destacam como festejos culturais, e dão à Região do Cariri, o título de terceiro destino turístico religioso do País.

Figura 37 - Festa do Pau da Bandeira.



Fonte: acervo pessoal de Pâmela Cardozo. 2022.

Sobre a Festa do Pau da Bandeira, em Barbalha, ocorre em homenagem ao padroeiro da cidade, Santo Antônio, e cujo ápice do festejo se dá no domingo mais próximo do dia 31 de maio, dia do carregamento e hasteamento do pau da bandeira; tendo sido reconhecida como Patrimônio Cultural Brasileiro, pelo IPHAN em 2015. A festa mais importante da cidade

obedece a um ritual em que, previamente, à data comemorativa, dezenas de devotos do sexo masculino adentram à mata da chapada do Araripe onde escolhem e derrubam uma árvore de grande porte e tronco linheiro que possa servir de mastro, deixando-a no local, já limpa de galhos e folhas, para secar durante alguns dias. (...) A segunda parte consta de uma procissão em que os devotos conduzem o tronco nos ombros até o centro da cidade, erguem-no e fincam no chão em frente à Igreja Matriz de Santo Antônio. (BATISTA, 2020, p.58 e 59).

Durante o festejo misturam-se “o sagrado e o profano” através dos folguedos populares (Fig. 38), manifestação cultural “protagonizada por trabalhadores do campo, agricultores, como reconhecem a si, moradores de terras alheias” (BRITO, 2007, p.10). O folclore caririense passou a ganhar visibilidade a partir da criação do Instituto Cultural do Cariri (ICC), em 1953, cujo objetivo de preservar as tradições da região uniu intelectuais e folcloristas, construindo importante capital cultural.

Figura 38 - Grupo de Reisado do Cariri.



Fonte: Site Mapa Cultural de Juazeiro.

O mesmo entrecruzamento entre sagrado e “profano” também está presente nas romarias de Juazeiro do Norte (Fig. 39); apesar de lá, assumir uma outra conotação mais voltada às práticas turísticas (BRAGA et al. 2019). Se antes, as romarias eram exclusivamente voltadas às penitências religiosas, hoje, elas também são parte considerável do crescimento econômico da cidade. Apresentando-se como uma oportunidade também de lazer, o turismo religioso aparece nas esferas de discussões de políticas públicas desde o início do século XX (BRAGA et al. 2019).

As romarias atraem cerca de 500 mil pessoas, de acordo com a página da prefeitura⁵, em cada evento, à cidade de Juazeiro do Norte; sua programação constitui-se de missas, pagamento de promessas e visitas ao horto, à estátua de Padre Cícero e à Diocese; à noite, findas as obrigações religiosas, os bares ficam lotados, com música e festa.

⁵ retirado do site <https://www.juazeiرونorte.ce.gov.br/secretaria>.

Figura 39 - Devotos de Padre Cícero.



Fonte: acervo pessoal de Antônio Lídio Gomes. Ano: Não informado.

Recentemente, em 24 de outubro de 2022, o Vaticano oficializou a beatificação da Menina Benigna (Fig. 40), símbolo da Igreja Católica de Santana do Cariri. A jovem, assassinada aos 13 anos, tornou-se a primeira beata cearense e a quarta mártir brasileira. A região do Cariri ganha assim mais um período de romaria e festejo anual, para além do calendário religioso já existente em Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha, consolidando os festejos sacros como um traço característico local e de potencialidade econômica, através dos serviços estimulados para o evento.

Figura 40 - Altar dedicado à Menina Benigna na Igreja Matriz de Santana do Cariri.



Fonte: Acervo Pessoal.

Essa identidade sertaneja caririense moldada no cruzamento de caminhos de suas territorialidades, das relações estabelecidas entre humano–humano e humano–natureza, de seus processos políticos coronelistas, e da lida com a seca e o semiárido da região, parece encontrar na fé católica seu mais expoente elemento simbólico.

A fé em Padre Cícero, “um dos seus”; o papel da Igreja na colonização e catequese violenta dos indígenas aí anteriormente existentes, mas também de acolhida aos sertanejos fugidos da seca de outras regiões do Nordeste, transformou a Região Metropolitana do Cariri em um sertão de cultura diversa, própria e pulsante; cujas manifestações assumiram “desde o início, a particularidade de serem promovidas pelo povo, independente do concurso dos vigários” (BATISTA, 2020, p.83).

CAPÍTULO II – DISCUSSÃO TEÓRICA

Este capítulo visa promover uma reflexão às narrativas hegemônicas sobre os conceitos relacionados aos sertões em contraponto a forma como esses territórios são vividos e experienciados pelos grupos sociais que os habitam.

De modo geral e considerando o que dita o senso comum, quando o assunto é sertão, especialmente o nordestino, este é reconhecido/tratado/abordado como territorialidade constituída por um modo de vida singular, ligado à agricultura de subsistência, à atividade criatória, ao fenômeno migratório e à sua relação com a natureza hostil, a aridez e a seca recorrente.

Apesar de constantemente perpassado por políticas desenvolvimentistas, o território sertanejo nordestino permanece quase que “imutável”, ainda percebido à margem do modo de vida urbano e capitalista. Andrade (1987, p.14) afirma que a própria ideia de Nordeste “foi construída designando-o na maior parte das vezes de forma pejorativa, como lugar do atraso, do rural e do passado persistente”.

Pesquisadores e pensadores (BECK, 1986; ACOSTA, 2016) têm discutido sobre as formas em que o desenvolvimentismo vem afetando os lugares e os modos de vida: “A modernização jogou essa gente do campo e da floresta para viver em favelas e em periferias, para virar mão de obra em centros urbanos” (KRENAK, 2020, p. 14).

O simbolismo que o termo sertões carrega tem sido amplamente retratado na literatura brasileira, por meio de autores como Raquel de Queiroz, Eloy de Souza, Jorge Amado, João Cabral de Melo Neto, dentre outros. Também a produção audiovisual – cinema, televisão – tem explorado a disseminação da imagem do personagem, quase folclórico, do “retirante nordestino” (FERREIRA et al., 2020) e da paisagem de chão seco e rachado, das carcaças e árvores retorcidas e do sol escaldante. “Daí a impressão dolorosa que nos domina ao atravessarmos aquele ignoto trecho do sertão – quase um deserto – quer se aperte entre as dobras de serranias nuas ou se estire, monotonamente, em descampados grandes.” (CUNHA, 1984, p. 11).

Marc Augé (2012) afirma que as construções simbólicas atingem a todos, mas seu conteúdo é dominado por poucos; passado adiante por herança como reconhecimento, mais do que como conhecimento. Isto é, pode-se dizer que os

territórios sertanejos simbólicos, embora representem características geográficas e socioculturais reais (reconhecidas), foram construídos por narrativas de domínio de outrem.

Para promover essa discussão, o capítulo se divide em três partes. O primeiro relaciona a territorialidade sertaneja às políticas públicas empregadas no Brasil, com o intuito de combate à seca, e os processos migratórios decorrentes dessas políticas. O segundo, debate sobre as relações de poder que se consolidaram nos sertões cearenses expressas pelo Coronelismo, um sistema político patriarcal baseado em trocas, resquício do período colonial brasileiro, mas que encontra solo fértil para se manter até os dias de hoje. O último item apresenta as representações do lugar sertanejo, a forma como este é representado na mídia e na literatura e uma discussão sobre os impactos dessas narrativas sobre o imaginário social.

Figura 41 - O Sertanejo Caririense.



Fonte: Foto de Marcelo Alves. 2022.

2.1. Narrativas sobre o Sertões: Políticas Públicas e os fenômenos migratórios.

Sertão

Substantivo Masculino.

Região agreste, afastada dos núcleos urbanos e das terras cultivadas.

Terreno coberto de mato, afastado do litoral.

A terra e a povoação do interior, o interior do país.

Brasileirismo: toda região pouco afastada do interior, em especial, a zona mais seca que a caatinga, ligada ao ciclo do gado e onde permanecem tradições e costumes antigos.

(SERTÃO, 2022).

Entendemos aqui que o sertão brasileiro não é necessariamente uma região específica, legalmente delimitada, mas uma área dotada de características que lhe são próprias: o afastamento do litoral, a ausência de urbanidade e modo de vida antigo, simples e rústico – agricultura de subsistência e pecuária extensiva; mas sobretudo, marca toda uma região nordestina, atingida pela seca, características encontradas na Região Metropolitana do Cariri, como já exposto.

Antônio Filho (2011) explica que o vínculo entre a palavra sertão e a paisagem do semiárido nordestino só passou a existir a partir de Euclides da Cunha. Em seu livro *Os Sertões*, o autor se dedica a descrever a paisagem apreendida do lugar:

É uma paragem impressionadora. As condições estruturais da terra lá se vincularam à violência máxima dos agentes exteriores para o desenho de relevos estupendos. O regime torrencial dos climas excessivos, sobrevindo, de súbito, depois das insolações demoradas e embatendo naqueles pendores, expôs há muito, arrebatando-lhes para longe todos os elementos degradados, as séries mais antigas daqueles últimos rebentos das montanhas: todas as variedades cristalinas, e os quartzitos ásperos, e as filades e calcários, revezando-se ou entrelaçando-se, repontando duramente a cada passo, mal coberto por uma flora tolhiça – dispondo-se em cenários em que se ressalta, predominantemente, o aspecto atormentado das paisagens. (CUNHA, 1984, p. 20).

A geografia hostil das áreas sertanejas propiciou construções territoriais de outra ordem: a migratória. Dados do IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e

Estatística, demonstram que até os anos 2000 (Tabela 1), mais de 9 milhões de nordestinos migraram para outros estados do País.

Tabela 1: Fluxos Migratórios Acumulados.

Fluxos Migratórios Acumulados			
UF de Nascimento	Saídas		
	Até 1970	Até 1991	Até 2000
NO*	125.842	286.038	544.731
MA	262.891	855.246	
NE**	3.912.100	7.040.616	*****9.674.957
MG	3.197.616	3.942.406	4.067.838
ES	392.470	536.522	570.541
RJ	641.239	683.791	836.583
GB***	490.498		
SP	1.269.579	1.761.030	2.145.631
PR	335.574	1.914.359	2.280.332
SC	439.020	613.446	682.279
RS	696.963	926.275	1.012.591
MT+GO	236.764		
CO-DF****		767.727	944.290
DF Brasília	13.356	123.799	259.524
Total	12.013.912	19.454.255	23.019.297

Fonte: Editado pela autora a partir do IBGE. Censos Demográficos 1970, 1991, 2000.

Já os dados do GRID – *The Global Report on Internal Displacement*, mais recentes, reportam que 764.000 pessoas se deslocaram por causa da seca no Brasil em 2018 (FERREIRA et Al., 2020); o que demonstra que as migrações nordestinas são um fenômeno cíclico e contemporâneo e ainda atreladas ao fenômeno da seca.

Aliás, segundo Jucá Neto (2012) a própria ocupação dos sertões cearenses só foi possível graças aos processos migratórios oriundos da atividade da pecuária extensiva, e ainda complementa, que a baixa demanda tecnológica e financeira para o exercício de tal atividade justificaram o não investimento no desenvolvimento urbano e econômico dessa localidade.

Todo o sertão nordestino foi conquistado pela terceira corrente de povoamento guiada pela atividade da pecuária (...) contudo como a

produtividade e a rentabilidade da pecuária continuaram pequenas por todo o século, não houve razão, nem justificativa econômica suficientemente forte para um investimento técnico por parte dos portugueses na plena adequação das especificidades locais às suas necessidades. (JUCÁ NETO, 2012, p.114).

À margem das estradas por onde passavam as boiadas foram se constituindo pequenos agrupamentos de apoio, com oferta de comida, sombra e água; tais agrupamentos se tornaram mais tarde, as vilas do sertão cearense. A migração nordestina é uma constituinte da identidade cearense, com desdobramentos espaciais, culturais e políticos (ARSKY, 2020); tanto pelos seus deslocamentos internos (intra região) como nos deslocamentos para outros estados.

A ocupação territorial do Ceará ocorreu no final do século XVII e durante o século XVIII com o avanço do criatório de gado em duas vertentes, em referência de Capistrano, a dos “sertões de dentro (proveniente da Bahia em direção ao Piauí passando pelo Ceará) e a dos sertões de fora” (proveniente de Pernambuco pelo litoral e depois adentrando o Estado pelo semiárido). (JUCÁ NETO, 2012. p.25).

Tal identidade também se expressa no impacto causado pelo fenômeno na historiografia brasileira, dadas a atenção da imprensa ao “evento migratório” e na produção literária e audiovisual da narrativa do retirante.

Fusco e Ojima (2015) explicam que a migração nordestina ocorreu ora pela fuga da seca, ora pela busca de oferta de trabalho em outros locais do país, e atrelam os anos de maiores fluxos aos ciclos econômicos do país. Por exemplo, durante o ciclo da borracha, a região Norte “recebeu uma grande quantidade de nordestinos, procedentes, em sua maioria, do Sertão do Ceará” (FUSCO e OJIMA, 2015, p.12).

Também no período desenvolvimentista brasileiro, entre as décadas de 1950 e 1970, há um aumento considerável de retirantes para a região centro-oeste. Simião (2019, p. 89) afirma que “nos anos 1950, o Nordeste estava atravessando mais um período de forte seca e havia um processo de expulsão dos trabalhadores rurais para as periferias das cidades”. Cunha (2016) complementa que esse movimento se dava em fluxos direcionados às grandes cidades, alterando as relações sociais nos territórios.

- Estava indo muita gente pro Sudeste nessa época? Conheceu muita gente que foi?

- Foi! Foi um grupo. Que teve uma seca danada aqui, em 58, não dava nada... É tudo coisa que a gente tem que contar da vida.

- Como foi essa seca?

- Não choveu! Não criou legume! Plantava uma roça, vinha uma chuvinha na metade da roça, na outra nada. Tirava só as tamboeirinhas, era assim. Seca mesmo!

(Trecho de entrevista com idosa de 86 anos em Nova Olinda.)

Ferreira et al. (2020) explicam que essa ida de nordestinos em busca das ofertas de emprego para trabalharem nas obras públicas não era espontânea, mas sim, uma política de Estado, pois significavam mão de obra mais barata. A questão da seca era um debate presente nas esferas de articulação e controle do Estado desde o Império.

A essas políticas desenvolvidas na metade do século XX, de contratação de retirantes para trabalharem nos serviços de infraestrutura e de investimento na construção de açudes no semiárido, sob o discurso desenvolvimentista e de combate à fome, deu-se o nome de Indústria da Seca, pois se mostrou muito lucrativa para o Estado e as oligarquias locais. Baptista e Campos (2013) ressaltam que elas não solucionavam o problema, pelo contrário, agravaram a desigualdade na região.

Mas cheguemos lá! (sic!) Que já tinha certo o lugar que ia pra São Paulo né? Para a casa do governo. Aí lá tinha um monte de cabra da peste de Nova Olinda, fomos caçar serviço! (Entrevistado de 72 anos em Nova Olinda).

Impulsionado pela criação do Departamento Nacional de Obras contra as secas, em 1945; já na década de 1970, o Programa de Integração Nacional (PIN) gerou mais de meio milhão de empregos temporários para nordestinos. As tentativas de desenvolvimento para o Nordeste, constituíam então em soluções voltadas para dar ocupação aos retirantes em outros lugares do país, do que promover o desenvolvimento local.

Silva e Pereira (2020, p. 362) concordam que esse conjunto de políticas se materializou como um processo de colonização, que gerou “a concentração da terra, da água, do saber, do poder e o aumento crescente da fome e da miséria no Semiárido, além de beneficiar os latifundiários e incentivar o advento do coronelismo”.

Para Furtado (1981) essa colonização se reproduzia também em nível nacional, uma vez que apenas auxiliavam na manutenção das desigualdades regionais:

Por que é tão lento o nosso desenvolvimento social, a despeito do forte processo de acumulação e da relativa mobilidade que caracteriza a nossa sociedade? Porque os fluxos migratórios que se originam nas áreas de atraso relativo operam no sentido de frear ou paralisar, os movimentos sociais reivindicatórios nas regiões em que a produtividade cresce fortemente. (FURTADO, 1981, P. 13)

Menezes (1970) afirma que a migração nordestina é um problema social e Neves (1995) complementa que o problema se agravou na segunda metade do século XIX, levando os governantes locais, burgueses, intelectuais e técnicos a organizarem seus saberes e práticas com o objetivo de impedi-la ou neutralizar os seus efeitos. Dentre essas práticas, destaca-se a criação dos campos de concentração (Fig. 42), que, embora não tenha a mesma conotação que o homônimo nazista, tratavam de espaços (abertos ou não) em que se acomodavam um sem-número de retirantes com o objetivo de impedi-los de chegar à capital fortalezense, que à época entrava no seu período de modernização e urbanismo à *la Belle Époque* francesa (NEVES, 1995).

O primeiro campo de concentração a ser implementado foi o sítio do Alagadiço, com capacidade de acomodar três mil pessoas, mas que se estima ter atendido quase três vezes mais (NEVES, 1995).

As pessoas, cercadas, comprimiam-se na busca da sobrevivência num precário estado sanitário. A morte rondava o campo de concentração, fazendo suas principais vítimas entre as crianças. Com o passar do tempo (...) o estado sanitário se foi agravando (...). Os cadáveres empilhavam-se à espera de transporte, ao longo da linha de bonde que passava ao lado do campo. (NEVES, 1995, p. 8).

Figura 42 - Campo de concentração de retirantes no Ceará.



Fonte: EL PAÍS.

A ideia inicial era um local reservado para a distribuição de alimentos aos migrantes, denominado de abarracamento. A partir da seca de 1915, os locais foram adaptados de modo a abrigar também os viajantes, por iniciativa do Presidente do Estado Cel. Benjamim Barroso, e se espalharam pelo Ceará de acordo com a localização, de modo que evitassem o acesso à capital e permitissem a conexão com a oferta de trabalho em obras públicas. No total, foram criados sete campos de concentração, sendo dois em Fortaleza, um em Quixeramobim, Cariús, Senador Pompeu, Ipú e o do Burity, na cidade do Crato, no Cariri, que chegou a abrigar sessenta mil pessoas (NEVES, 1995), cujo comando coube ao tenente João de Pinho, do exército brasileiro (RIOS, 2014).

Os campos de concentração perdem força na década de 1940; segundo Neves (1995), a causa está relacionada a dois fatores principais: (i) sua associação aos campos de concentração nazistas; e (ii) a mudança nas políticas públicas, que se voltaram mais para a garantia da empregabilidade dos retirantes, através dos campos de trabalho abertos e das frentes de serviço, já em 1979, coordenadas pela SUDENE - Superintendência para o Desenvolvimento do Nordeste.

As políticas perpetradas pela Indústria da Seca, sob o discurso de combate à fome e à seca no Nordeste, e que constituíam uma agenda de intervenção do Estado nas regiões mais pobres do país, passam a ter um novo enfoque somente a partir dos anos 1990.

Schneider explica que houve transformações sociais que "influenciaram as discussões específicas sobre o tema do desenvolvimento rural, desdobrando-se em políticas governamentais direcionadas para a reforma agrária, o crédito para agricultura familiar, o apoio aos territórios rurais, etc." (SCHNEIDER, 2010, p.512). O autor contextualiza o processo de estabilização da economia, a partir do mandato de Fernando Henrique Cardoso, que permitiu uma abertura à discussão sobre as possibilidades de desenvolvimento do país, em conjunto com a emergência do debate sobre desenvolvimento rural, na década de 1990. Para ele, o papel dos movimentos sociais foi crucial para o novo enfoque; pois estes "deixaram de ser apenas reivindicativos e contestatórios, passando também a ser proativos e propositivos" (SCHNEIDER, 2010, p. 514).

Em seu ponto de vista, a criação do PRONAF – Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar – em 1995, foi um marco na trajetória das políticas públicas para o desenvolvimento rural no Brasil. Diferentemente da agricultura de subsistência, cuja produção de alimentos é voltada para a manutenção da vida dos produtores; a agricultura familiar produz alimentos em maior escala, de modo que o excedente é direcionado a pequena comercialização, garantindo renda e autonomia para os produtores rurais.

Após a institucionalização do PRONAF, outras políticas públicas voltadas para o combate à seca foram implementadas com esse novo enfoque – o de garantia de permanência e desenvolvimento local. Para FERREIRA et. al. (2020) os projetos de transposição do Rio São Francisco e o Programa 1 Milhão de Cisternas, da ASA – Articulação pelo Semiárido (Fig. 43), já citado, são importantes ações do Estado que auxiliam na redução do processo migratório sertanejo.

Figura 43 - Cisterna em quintal de entrevistada na zona rural de Santana do Cariri.



Fonte: Acervo Pessoal. 2022.

Assim, se as urbes brasileiras se adensaram com o processo migratório no sentido campo-cidade, rural-urbano, nordeste-sudeste, exportando um imaginário sertanejo e promovendo novas articulações urbanas; pode-se afirmar que houve um impacto nos territórios de origem. Retomamos a descrição de Nonato (1957, p. 41), ao relacionar memória e lugar, que aborda o desaparecimento dos vizinhos: “e por último, ao atravessar o derradeiro quarteirão da Rua Baixa, deixando tudo quanto tinha de mais querido na vida, a cidade tinha desaparecido”.

Um dos impactos causados pela Indústria da Seca e pelo “abandono dos sertões”, segundo Ferreira et al. (2020, p.17), é o fortalecimento e continuidade do coronelismo na região: “os proprietários locais usaram a sua rede de influências para

obterem apoio para fins privados, alimentando o coronelismo e o paternalismo”. Tal sistema político domina o semiárido brasileiro desde o Brasil colonial. Veremos isso no próximo tópico.

2.2. Relações de Poder no Sertões: O Coronelismo e o Cariri.

Quando Leal (1948) publicou seu livro “Coronelismo: Enxada e Voto”, o período do desenvolvimentismo brasileiro ainda não havia começado. A publicação abordava, portanto, um país predominantemente rural, de economia primária e agricultura voltada para a subsistência.

Se, por um lado, muitas das características que ajudaram a fundar o Coronelismo se perderam com a industrialização; por outro, a estrutura latifundiária presente na metade do século XX, ajudou na consolidação e permanência das relações paternalistas observadas ainda nos dias de hoje, através das muitas oligarquias que vem hereditariamente exercendo o poder nas regiões mais interioranas brasileiras.

Em se tratando de Nordeste, trata-se de um aspecto importante no processo de formação do território sertanejo (MONTENEGRO, 1980). Simião (2019, p. 104) complementa, explicando que “[O sertão caririense] é um exemplo paradigmático de domínio de grupos oligárquicos, coronelistas, que exercem o poder político baseado em relações clientelistas, de dependência e paternalismo”.

O Pacto dos Coronéis (Fig. 44) firmado em 04 de outubro de 1911 figura como um importante marco na história do coronelismo brasileiro. Assinado por líderes políticos de dezessete localidades do interior cearense, sobretudo da região do Cariri, trata de um acordo de dez anos de paz, entre os coronéis caririenses, até então em constante disputa violenta, pelo domínio político do Cariri; e apoio à oligarquia Accioly que dava sinal de declínio (COUTO, 2020). Curiosamente, o pacto foi de iniciativa de Padre Cícero que consolida o seu papel como liderança política da região.

Para Moraes (2000) o território se constitui enquanto formas de apropriação, de domínio e colonização, conquista do espaço físico; tornando impraticável, portanto, não debater a sua formação junto aos conceitos de poder, expresso nas conformações políticas e econômicas do espaço geográfico, no caso o Coronelismo.

Figura 44 - Tela O Pacto dos Coronéis.



Fonte: Acervo de Assunção Gonçalves. S/d.

Leal (1948, p. 23) explica que o fenômeno é resultado “da superposição de formas desenvolvidas do regime representativo a uma estrutura econômica e social inadequada”. Isto é, trata-se do resultado da soma do regime representativo eleitoral e das condições de vida do povo rural. Este autor prossegue afirmando que o coronelismo surge a partir de um compromisso entre poder público e lideranças locais. Esses mandatários têm influência sobre muitos votos, o que lhe confere poder de barganha diante de políticos em benefício próprio ou sob a forma de favores para os representados.

A condição primeira para o surgimento do sistema coronelista é a concentração da propriedade fundiária rural no Brasil. A Lei de Terras de 1850 foi a primeira a regular sobre a propriedade das terras brasileiras; e de imediato impede o reconhecimento da posse de qualquer terreno que tenha sido adquirido por outros meios que não a

compra ou a doação real. Importante dizer que negros, indígenas e todos os que não tinham posses, não podiam ascender a classe de proprietários de terras.

Em se tratando da ocupação dos sertões cearenses que, como visto, decorre da abertura de estradas e da prática de pecuária extensiva, Jucá Neto (2012, p. 159) afirma que:

Inexoravelmente associada à questão do poder sobre o espaço sertanejo, a utilização dos caminhos das boiadas significou a apropriação das bases territoriais de circulação da pecuária. (...) Portanto, os caminhos dos vaqueiros não apenas possibilitaram o desbravamento do sertão como interligaram – como um continuum territorial – o litoral com zonas para lá das Tordesilhas.

A partir da distribuição das terras sob a forma de sesmarias e da abertura de estradas para a pecuária, evidencia-se a ausência do poder público no território sertanejo. A necessidade de controle dos impostos sobre os sertões do Ceará, nos ajuntamentos humanos de apoio aos pecuaristas, implicou na distribuição de patentes aos sesmeiros e latifundiários da região: “a ausência de oficiais oriundos da Metrópole fortalecia as autarquias sertanejas (...). Os fazendeiros adquiriram a condição de autoridades reconhecidas pelo Estado”. (JUCÁ NETO, 2012, p. 218).

Assim, a autoridade dos latifundiários do semiárido se consolidou antes mesmo do surgimento das cidades. O mandatário administrava a produção agrícola dos trabalhadores rurais, controlava as informações sobre a atividade pecuária e ainda cumpria o papel de polícia, mantendo a ordem nesses agrupamentos. O vínculo entre o trabalhador rural/camponês, a terra em que trabalhava e o latifundiário estava posto e atravessou o século XVIII, durante o processo de ocupação dos sertões do Ceará.

No âmago dos sertões, nos cruzamentos das “estradas das boiadas” ou locais de abate e desembarque da carne surgiram, em consequência, precários ajuntamentos humanos, transformados em frágeis suportes oferecidos à implantação de uma incipiente rede urbana, materializada pela instalação de núcleos em locais onde, por esta ou por aquela conveniência, ficassem atendidos os desígnios da administração lusitana. (JUCÁ NETO, 2012, p.17).

A autoridade do coronel atrelada às desigualdades regionais e, ainda, à ausência do poder público se adapta e se materializa na república, mesmo sob a forma de voto, que deveria garantir a liberdade de escolha democrática. A expressão mais

conhecida por “voto de cabresto”, ou voto de mordança, significa que o processo eleitoral ocorre sob o controle de alguém, no caso, os oligarcas latifundiários que mantinham sob seu domínio a população sertaneja. Por esta razão a municipalidade, que é o local primário de exercício da política pública é a escala de influência do poder coronel.

Por outro lado, para que o mandatário possa exercer a sua autoridade sobre seus dependentes, isto é, os trabalhadores rurais da sua localidade de poder; ele precisa estabelecer relações de trocas com o poder público, já que este dispõe do “erário, dos empregos, dos favores e da força policial” (LEAL, 1948, p. 33). Há uma relação de dependência entre esses atores: o político que fornece os benefícios às municipalidades em troca dos votos; o coronel que media os serviços locais assegurando os votos da população local e a sua autoridade; e os trabalhadores locais que “necessitam” da figura do coronel em troca de proteção social.

Com o chefe local, quando amigo, é que se entende o governo do Estado em tudo quanto respeite aos interesses do município. Os próprios funcionários locais são escolhidos por sua indicação. Professoras primárias, funcionários da coleta, servidores da saúde pública (LEAL, 1948, p. 34).

Debruçando-se sobre a constituição desse território sertanejo, Silva e Pereira (2020, p. 360) partem da Sociologia das Ausências procurando “enxergar como as colonialidades operam para produzir exclusões abissais no semiárido”. As autoras afirmam que os sertões foram apropriados de forma a se extinguir seu modo de vida original, ocasionando em grandes contrastes entre latifúndios e residências isoladas às margens das estradas, entre espaços de poder e espaços de fome e dependência; e influenciando diretamente no acesso à água e à comida, ou seja, a própria subsistência.

Menezes (1970) complementa, afirmando como as relações entre coronéis e poder público, em se tratando do semiárido nordestino, significa o controle e o poder sobre a água e conhecimento político sobre as áreas a serem beneficiadas com projetos de açudes.

O território presente na imagética brasileira foi se constituindo sob inúmeros elementos, não apenas climatológicos e geográficos, mas sobretudo políticos.

Retornando ao texto de Cazella et al. (2009, p. 28), o território é múltiplo, sujeito a inúmeros “processos de reterritorialização”.

Para Haesbaert (2004) tais processos são fruto dos movimentos dos agentes sobre o território: dominando-o seja pela produção material, quanto em termos jurídicos e políticos. Tal apropriação também ocorre através da produção de identidades e subjetividades. O espaço geográfico se territorializa por meio da ocupação humana e de sua valorização simbólica; ele se desterritorializa quando é deixado pra trás, pelos que emigram em busca de subsistir, quando é abandonado pela migração; e se reterritorializa ao ser reocupado por modos de vida diversos das suas territorialidades de origem. No processo de colonização, primeiro europeu, depois pelas oligarquias locais, os sertões se desterritorializa e se reterritorializa constantemente. Estaria, então, os sertões em constante movimento?

2.3. Identidades e Representações do Lugar Sertanejo.

Na produção da imagética do sertões nordestino, este aparece sempre como algo imutável e monótono (Fig. 45), “parece que aqui nada muda...” (VIAJO, 2009); no premiado curta metragem Vida Maria (2007) e no filme dirigido por Camilo Cavalcante – A História da Eternidade (2014) –, as histórias vão se repetindo de geração em geração, com poucas as possibilidades reais de mudança.

Na dicotomia da produção do espaço urbano e do espaço rural presume-se que a cidade representa a expressão de um novo sentimento de vida e há superioridade do morador da cidade sobre o do campo (LORDELLO; LACERDA, 2007). Em se tratando do semiárido nordestino essa visão é ainda mais pregnante. Como afirma Andrade (1987, p.14), “a ideia de Nordeste foi construída designando-o na maior parte das vezes de forma pejorativa, como lugar do atraso, *do rural* e do passado persistente” (Grifo da autora).

Jucá Neto (2012, p. 158) afirma que “a expressão terra de ninguém se refere à falta de interesse português em relação ao território do semiárido cearense, no segundo século da colonização”. Tal ideia sobre os sertões não se construiu e nem se difundiu sozinha, mas por meio de certa caricaturização de seu personagem mais salutar: o retirante, ou melhor, o migrante nordestino.

Figura 45 – Tela Paisagem com Arco-íris.



Fonte: acervo de Portinari.1944

O símbolo do retirante nordestino permeia a literatura brasileira. Raquel de Queiroz se baseia na própria história (a autora migrou com a sua família do Ceará para o Rio de Janeiro fugindo da seca) para criar a narrativa de *O Quinze*, seu primeiro romance modernista de 1948. *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto, de 1955, retrata sob a forma de poesia de cordel a peregrinação de Severinos “iguais em tudo nessa vida”, retirantes que fogem da seca pelo Rio Capibaribe. Ainda na apresentação dos personagens, o autor já descreve a fragilidade da vida dura nos sertões:

Morremos de morte igual;
Mesma morte severina:
Que é a morte de que se morre
De velhice antes dos trinta,
De emboscada antes do vinte,
De fome um pouco por dia.
(Melo Neto, 1955, p. 10).

Em Seara Vermelha, Jorge Amado (1946) narra a viagem de uma família sertaneja rumo à São Paulo, depois que as terras onde trabalhavam foram vendidas; relacionando o fenômeno da migração também com condições de trabalho.

A música de Luiz Gonzaga, Fausto Nilo e Ednardo demonstram o êxodo nordestino, seja descrevendo a partida do sertanejo no pau de arara; seja falando sobre a saudade de casa, ou ainda, falando sobre o castigo da seca.

Lá se vai o nosso amor,
Levando uma grande saudade nas asas do avião,
O horizonte é a fronteira da liberdade,
Riqueza, felicidade, cidades de outro sertões...
(Fausto Nilo e Dominginhos. Casa, comida e paixão. 1994)

Na imprensa (Fig. 46), não raro, os jornais estampavam capas sobre os “flagelados da seca”; “Retirantes: Problema do Nordeste” que chegavam nas cidades, indo para as periferias, em um processo de adensamento do espaço urbano.

Figura 46 - Manchete de capa em periódico local de Natal sobre o flagelo da seca e o êxodo para o sul.



Fonte: Diário de Natal, de 25/11/1964 (FERREIRA et al., 2020).

Marc Augé (2012) explica que esse simbolismo é acessível a todos, mas o seu conteúdo é dominado por poucos; passado por herança como reconhecimento, mais do que como conhecimento. A partir daí, pode-se dizer que os territórios sertanejos simbólicos, embora representem características geográficas e socioculturais reais (reconhecidas), foram construídos por narrativas de domínio de outrem.

O historiador polonês Baczko (1985) postula que as ideias e concepções sobre algo são imaginários sociais e comportam um conjunto de representações normativas, isto é, que ajudam a regular a vida coletiva.

Os bens simbólicos, que qualquer sociedade fabrica, nada tem de irrisório e não existem, efetivamente, em quantidade ilimitada. Alguns deles são particularmente raros e precisos. A prova disso é que constituem o objeto de lutas e conflitos encarniçados e que qualquer poder impõe uma hierarquia entre eles, procurando monopolizar certas categorias de símbolos e controlar as outras (BACZKO, 1985, p. 299).

Bourdieu (1989) afirma que o poder simbólico atua sobre os lugares reproduzindo suas hierarquias sociais. A arquitetura, os discursos, as representações, as imagens, os sistemas políticos irão, então, se estruturar também de forma desigual: “o poder simbólico é esse poder invisível, o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou que o exercem” (BOURDIEU, 1989, p. 8).

Bazko e Bourdieu – ao inspirarem-se nas obras de Marx, para quem as ideias que caracterizam uma sociedade são as ideias da classe dominante, e de Durkheim que atesta a necessidade de uma coesão ideológica para a sobrevivência da sociedade – explicam como essas construções simbólicas relacionam-se à legitimação de um determinado poder: “a cultura que une é também a cultura que separa e que legitima as distinções compelindo todas as culturas a definirem-se pela sua distância em relação à cultura dominante” (BOURDIEU, 1989, p. 15).

Para Milton Santos, as desigualdades territoriais compõem esse sistema de ações e objetos do espaço geográfico. Na sociedade globalizada, a chamada relação centro-periferia se reproduz em todas as escalas: países do norte x países do sul; áreas urbanas x áreas rurais; centros x periferias.

Quando num lugar, a essência se transforma em existência, o todo em partes, e, assim, a totalidade se dá de forma específica, nesse lugar a história real chega também com os símbolos. Desse modo, há objetos que já nascem como ideologia e como realidade ao mesmo tempo. É assim que eles se dão como indivíduos e que eles participam da realidade social. [...] é assim que a história se faz. (SANTOS, 1999, p. 82).

Esta oposição entre a modernidade da cidade e o atraso sertanejo seriam espaços simbólicos representativos da dicotomia social e política brasileira (NEVES, 2003), ou seja, partes opostas do mesmo todo. O forte êxodo rural ocorrido durante a segunda metade do século XIX, noticiado pela imprensa como um problema político de ordem nacional, ajudou a consolidar a construção imagética de um território árido,

seco, de fome e flagelo; e expôs a condição de vulnerabilidade dos nordestinos do campo, chamados de retirantes.

Importante ressaltar que essa construção simbólica do lugar sertanejo (Fig. 47) é anterior ao fenômeno migratório oriundo da Indústria da Seca, como se pode observar na obra de Euclides da Cunha e em documentos historiográficos do período colonial. Como Bonato (2008) explica: “a seca é um dos grandes pilares da construção da imagem do que é o sertão nordestino, [...] já havia sido percebida e registrada pelo padre Joaquim José Pereira, em meados de 1798” (BONATO, 2008, P. 207).

Figura 47 - Representações do lugar sertanejo.



Fonte: Autoria própria. 2022.

Retomando Baczko (1985), os sistemas simbólicos em que se assenta e através do qual se operam os imaginários sociais são construídos a partir das experiências dos agentes sociais, mas também, a partir de seus desejos, aspirações e motivações.

Talvez isso explique a distinção de percepção sobre as grandes cidades e os sertões encontradas nas entrevistas realizadas nesta pesquisa. Dois dos entrevistados afirmaram terem migrado para São Paulo para trabalhar:

Chegou um amigo [do marido] com uma história pra nós ir pra São Paulo. (...) Me lembro! Foi de pau de arara, caminhão! Foi horrível! Foi até São Paulo e lá pegou um ônibus. Dormia no caminhão, sofrido, lotado... (Entrevistada de 86 anos).

Outras duas pessoas entrevistadas foram à cidade do Crato, mais próximo, para estudar:

Por que eu fui estudar no Crato? Por que eu estudava aqui na escola e eu não tinha dinheiro pra comprar a farda, lá no Crato uma mulher se prontificou de me levar pra casa dela, me botar numa escola e me dar o que eu precisasse para estudar. (M.A., 76 anos, entrevistada).

A entrevistada mais jovem desta pesquisa, decidiu deixar a região para realizar o sonho de se formar e viver como artista musical, o que só seria possível com as oportunidades oferecidas pela cidade de Fortaleza, segundo ela.

A compreensão atual desses mesmos entrevistados é de que atualmente a necessidade de migrar para outras regiões do país, e mesmo do Estado, diminuiu, pois, as cidades sertanejas já contam com mais possibilidades de ganho financeiro e equipamentos educacionais.

Está diminuindo (a migração)! Diminuiu muito, muito, muito! São Paulo não é mais o São Paulo que era antes... Aqui não era nada, e lá tava progredindo. Mas agora não tem mais isso não, que aqui tem tudo! Tem universidade, tem escola, tem a profissionalizante ali! Tem tudo! Só não estuda e se forma agora quem não quer! Que nem precisa ter dinheiro! E no meu tempo não era isso, no meu tempo não tinha escola em canto nenhum aqui! Era atrasado! (entrevistada de 86 anos).

Arraes (2022, p. 24) afirma que é preciso ponderar as “leituras caricaturescas negativas imputadas aos sertões”, a partir de uma perspectiva histórica, uma vez que “a documentação manuscrita, iconográfica e cartográfica apresenta sertões ocultos

nos discursos estereotipados”. Para o autor a discussão epistemológica sobre os sertões esbarra na desconsideração de sua heterogeneidade antropológica.

As representações do lugar sertanejo, que atravessaram o Brasil colonial até os dias de hoje, atestam um território, uma paisagem e um espaço geográfico experienciado pelos seus habitantes e viajantes; tornado rentável pelas políticas públicas e eternizado pela música e literatura. “O semiárido não é apenas clima, vegetação, solo, sol ou água. É povo, música, festa, arte, religião, política, história. É um processo social...” (MALVEZZI, 2007, p. 9).

Importante observar que 100% dos entrevistados caririenses relacionam o conceito sertão a um lugar de paz, de festa e de relação com o divino, citando seus já mencionados folguedos e romarias, percorrendo os sítios de parentes e amigos, compartilhando a fé.

Se quem parte dos sertões, parte em busca de novas condições de subsistência e dignidade; quem fica resiste à hostilidade da geografia e das relações políticas desiguais ali desenvolvidas e consolidadas. Ou como indicam Silva e Pereira (2020, p. 369) resistem a “uma concepção que considera o modo de vida camponês atrasado e marginalizado em relação ao desenvolvimento capitalista”.

CAPÍTULO III – ASPECTOS METODOLÓGICOS

Para a construção desta pesquisa de dissertação opta-se pelo método qualitativo de enfoque crítico-participativo com visão histórico-estrutural, isto é, partindo “da necessidade de conhecer (através de percepções, reflexão e intuição) a realidade para transformá-la em processos contextuais e dinâmicos complexos” (TRIVIÑOS, 1987, p. 117). Segundo Triviños (1997), os instrumentos de pesquisa são ferramentas de trabalho utilizadas para coletar dados que possam ser analisados e que se tornem pertinentes ao trabalho. Este estudo procura se cercar de revisão bibliográfica, coleta de dados socioeconômicos e análises físico-espaciais de órgãos oficiais e das entrevistas locais, como uma forma de abarcar o universo dos sertões cearenses caririense sob esses três enfoques: o território, as relações de poder (políticas públicas) e a identidade.

Para isso, a metodologia a ser empregada está dividida em etapas e será descrita nos próximos parágrafos.

3.1. Etapa I: Revisão de literatura

Sobre território, paisagem e territorialidades, tendo como referencial teórico Milton Santos (1991), para o qual o território trata-se de uma acumulação desigual de tempos e Rogerio Haesbaert (2004) que estuda os territórios a partir dos seus aspectos jurídicos-políticos, culturais e econômicos; como já abordado anteriormente.

Sobre a formação do território sertanejo cearense, cujo referencial teórico se fundamenta em Clóvis Ramiro Jucá Neto (2012) para o qual o território cearense / nordestino se desenvolveu através da pecuária extensiva; o que demandou pouco investimento e o que justifica o espraiamento rural.

Sobre as políticas públicas voltadas para a região de semiárido nordestino, em que pese a Indústria da Seca na década de 1970, recorre-se à Celso Furtado (2001), que afirma que as políticas públicas auxiliavam na manutenção do *status quo*, isto é, no sentido de região explorada e subalterna. Também Sérgio Schneider (2010) apresenta como a mudança de foco na construção das políticas públicas voltadas para as áreas rurais – de uma política desenvolvimentista para uma política de agricultura familiar – têm atuado de forma a preservar o modo de vida sertanejo e diminuir o

impacto dos processos migratórios sobre o território. A leitura de Victor Nunes Leal (1948) ajuda a estabelecer a relação entre as políticas públicas e a continuidade do sistema político coronelismo nos sertões do Ceará.

3.2. Etapa II: Análise Tipomorfológica da Paisagem

Esta etapa é compreendida no recorte espacial da Região Metropolitana do Cariri, no sul do Estado do Ceará; complementada com dados socioeconômicos secundários do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE e do Instituto de Pesquisas Econômicas do Ceará – IPECE.

Para a realização da análise dos aspectos geobiofísicos e socioespaciais, utilizamos a metodologia aplicada pelo Grupo de Pesquisa em Planejamento Urbano e Desenvolvimento Territorial – GEDUR⁶ - da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, ao qual está vinculado e onde se desenvolve esta pesquisa. São utilizadas ferramentas de geotecnologia livres e geoprocessamento com aplicativos de Sistema de Informações Geográficas (Google Earth e ArcGis). As análises físico-espaciais e geobiofísicos são realizadas nas diversas escalas abordadas na pesquisa: macro, considerando a Região Metropolitana do Cariri, meso, do espaço compreendido como CRAJUBAR, formado pelas cidades de Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha, com identificação das suas unidades de paisagem, e micro, da cidade de Nova Olinda, cidade vizinha ao Crato. São levantados e mapeados os aspectos geobiofísicos e ambientais (suporte físico e estrutura hídrica), as redes e fluxos (sistemas viários e conectividades), centralidades e núcleos urbanos.

Os levantamentos e mapeamentos se combinam posteriormente com o emprego de dinâmicas participativas - cartografia social e mapeamento participativo (ACSELRAD, 2010) para um entendimento mais abrangente dos territórios e das territorialidades, isto é, o modo como é usado, pensado e entendido pelos grupos sociais que o habitam, e seus aspectos positivos e negativos e a formulação de cenários prospectivos (ALCANTARA, 2020).

⁶ O grupo GEDUR foi criado em 2012 no âmbito do Departamento de Arquitetura e Urbanismo e do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Territorial e Políticas Públicas da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, e é liderado pela orientadora desta pesquisa. Ver gedur-ufrrj.net.br

3.3. Etapa III: Visita à campo

Essa etapa foi realizada via percursos terrestres pelas estradas e caminhos sertanejos: na Região Metropolitana do Cariri, Sul do Estado do Ceará, nas cidades de Juazeiro do Norte, Crato, Barbalha, Santana do Cariri e Nova Olinda.

Consiste na observação de tipo centrada no lugar, em que o observador assume uma postura observadora não neutra, e na aplicação do instrumento de análise de mapas participativos e cartografia social.

Segundo Rheingantz et al.,

a observação do ambiente físico, seja ele externo ou interno, natural ou construído, permite a produção de informações sobre os usos e atividades esperadas ou novos, além das relações nele ocorridas; sobre as regularidades de conduta, bem como acerca da influência do ambiente sobre o usuário (RHEINGANTZ, 2009, p.35).

Também chamado de mapa cognitivo, o mapa mental “é um instrumento baseado na elaboração de desenhos ou relatos de memória representativas das ideias ou da imageabilidade que uma pessoa ou um grupo de pessoas têm de um determinado ambiente” (RHEINGANTZ et al, 2009, p. 56). Os autores explicam que o método é útil para saber o quanto os respondentes conhecem os ambientes descritos e quais os aspectos físicos são mais fortes para a sua construção imagética do lugar.

Nesse sentido, foi feito contato e estabelecida parceria com uma escola municipal da cidade de Nova Olinda, onde se realizou uma oficina de cartografia social com trinta jovens de 14 e 15 anos⁷ em outubro de 2022; com o objetivo de entender a territorialidade sertaneja a partir do olhar dos jovens.

Para ser encaminhado, a pesquisadora solicitou aos jovens que desenhassem numa folha em branco o trajeto que realizavam de suas casas à escola, sem exigência de detalhamento, instruindo que tentem locar os aspectos físicos – estradas, ruas, casas, igrejas, plantação, açude etc. – da região.

As visitas visam não apenas complementar as análises físico-espaciais, mas também, para buscar estabelecer relações entre o território, as políticas públicas desenvolvimentistas e o imaginário simbólico sertanejo construído.

⁷ A metodologia participativa consta no projeto aprovado no Comitê de Ética e está cadastrado na Plataforma Brasil sob o nº 644566.8.0000.5624.

3.4. Etapa IV: Entrevistas

A aplicação de entrevistas com habitantes configura um importante instrumento de análise, pois possibilita compreender a forma como os habitantes da RMC percebem a relação que estabelecem com o território a partir das próprias narrativas de vida. Sendo possível posteriormente, comparar essa imageabilidade com as construções simbólicas hegemônicas acerca do conceito sertão.

Foram aplicadas entrevistas com: (a) seis moradores antigos da cidade de Nova Olinda, (b) um morador da cidade do Crato, e (c) uma moradora da cidade de Fortaleza nascida e criada nas cidades da Região Metropolitana do Cariri e d) um morador de Santana do Cariri. O intuito foi o de coletar relatos de vida e narrativas identitárias sobre os sertões cearenses e modos de vida a partir do olhar sertanejo. (Ver Anexo 1 – Entrevistas).

As perguntas foram de tipo aberta e direcionadas de modo a apreender histórias de vida, um método centrado na interpretação e na explicação que a própria pessoa tem sobre o seu comportamento e sobre as experiências que viveu (HAGUETTE, 1987), tendo como pergunta estruturante o entendimento sobre o que é sertão e o que é ser sertanejo.

Devido à abrangência da região objeto delimitada, entende-se a inviabilidade de uma pesquisa quantitativa, optando-se pela entrevista qualitativa, isto é, realizada por um moderador treinado, de forma não estruturada e natural, com um pequeno grupo de respondentes, para captar uma imagem coletiva sobre o objeto de análise (MALHOTRA, 2001).

Para Queiroz (1988) trata-se de um relato sobre a experiência do entrevistado através do tempo, na tentativa de reconstruir os acontecimentos que vivenciou.

3.5. Etapa V: Cruzamento das descobertas e entrelaçamento dos resultados obtidos que orientou a escrita da dissertação de mestrado. Importante mencionar que ao intercalar a escritura da dissertação com trechos das entrevistas coletadas, essas são identificadas em *itálico*, destacando-se das citações literais de fontes autorais, indicadas nas referências. Cabe ratificar a importância do olhar do habitante sobre seu próprio lugar, em complementação às visões estrangeiras e, muitas vezes, enviesadas, marcadas por concepções e preconceitos, como

discutido no Capítulo II. Tal opção se coaduna com o principal objetivo desta pesquisa que abre a Introdução: *“promover uma análise crítica sobre a constituição da territorialidade sertaneja, a partir das relações de poder e colonialidades estabelecidas entre as pessoas – o sertanejo propriamente dito – e a natureza – a paisagem da caatinga”*.

CAPÍTULO IV – DESCOBERTAS E RESULTADOS

Caminhante, não há caminho, o caminho se faz ao caminhar...
(Antônio Machado, poeta espanhol)

Este capítulo dedica-se a registrar as impressões e descobertas encontradas em todo o processo de pesquisa, envolvendo seus aspectos teóricos e empíricos. A ideia de pesquisar sobre a territorialidade sertaneja surgiu durante um trabalho itinerante no estado do Ceará, no ano de 2019. Conviver diariamente com a paisagem dos recônditos cearenses, ora verde, quando do período de chuva, ora marrom, na estiagem; perceber a dicotomia presente entre as cidades em pleno desenvolvimento, e as zonas rurais, com suas casas espaçadas, plantações, criação de animais e as pessoas sentadas na calçada observando a estrada que conecta todos esses elementos. Assim, o tema, o referencial teórico e a metodologia se construíram de forma a responder à questão principal: o que são os sertões cearenses?

Uma pergunta tão abrangente não poderia ser respondida sem concatenar os elementos que formam as territorialidades: relações humanas, geografia, políticas públicas, valoração e simbolismo (SANTOS, 1999; HAESBAERT, 2004; TUAN, 1983), ainda que cada um desses aspectos representem uma infinidade de pensamentos, discussões e percursos acadêmicos possíveis de serem seguidos e aprofundados.

No entrecruzamento desses caminhos uma questão se tornou proeminente: a necessidade de descolonizar os imaginários sociais (BACZKO, 1985) e as narrativas caricaturescas imputadas aos sertões (ARRAES, 2022). Souza Santos (2022) explica que

a descolonização da história é uma tarefa que deve ser levada a cabo pelos órfãos inconformistas das gerações inaugurais. A descolonização se baseia principalmente no pressuposto de que não há uma entidade única denominada história, já que nenhum relato único pode dar conta do passado. Tampouco há um passado único, mas sim um passado que entrelaça histórias interconectadas (Souza Santos, 2022, p. 72-73)

Qualquer tentativa, portanto, de entender os elementos constituintes da territorialidade sertaneja cearense, aqui representada pela região do Cariri, perpassaria pelo descortinamento de outras construções, para além da academia, da

literatura clássica e regionalista e do estudo de dados socioeconômicos, socioambientais e socioculturais, ensaiando reposicionar o saber do povo como conhecimento científico.

A pesquisa de campo foi determinante para selar o “destino” da pesquisa, principalmente por demonstrar que a alegoria sertaneja é muito mais diversa nos seus aspectos paisagísticos e culturais. Por meio das entrevistas, foi possível perceber a relação única que os seres humanos estabelecem com os lugares em que habitam e experenciam a vida. Já a realização da Oficina de Cartografia Social apontou questões geracionais e de caráter globalizantes existentes nos sertões do Cariri.

Para dar forma a essas descobertas, esse capítulo se divide em três partes. O primeiro reflete sobre os sertões, reconhecidos como problema social, locais de extrema pobreza, fome e aridez; mas não reconhecidos como cenários de vida, onde se estabelecem relações comunitárias para a lida com a geografia hostil. O segundo item aborda como a globalização afeta o entendimento do território e da identidade sertaneja pelas gerações mais novas, percepção encontrada durante a oficina de cartografia social. Por fim, encerra-se o capítulo com o sol caririense, isto é, toda a riqueza e diversidade que este sertão, que não é de partida, mas sim de chegada; abriga e exporta. Busca-se comprovar que existem, pelo território brasileiro, sertões invisíveis às narrativas colonizantes e caricaturais.

A gente que vem do interior do sertão quase não acessa a cultura, em sua maneira mais simples... E o Cariri sempre foi esse reduto pra mim! Por meio da religiosidade a gente acessava os folguedos e os brinquedos populares... Então eu lembro muito das pessoas mais velhas da minha família fazendo promessa né?! Pra ir pagar com padroeiro, padroeira das cidades da região. E era por meio dos festejos, das celebrações de religiosidade que a gente acessava (a cultura) ... As festas dos santos, as quadrilhas juninas, as danças de rua, os reisados... Então quando eu lembro do Cariri, eu lembro da nossa cultura, a nordestinidade na sua mais pura raiz né? Um lugar que inspira todos os territórios que bebem dessa fonte. (Entrevistada de 33 anos).

4.1. Sertões Problema Social x Sertões Cenários de Vida.

Em uma imagética totalizante e hegemônica (Fig. 48), construída ao longo das décadas, quiçá séculos, os sertões são reconhecidos / tratados / abordados como territorialidades constituídas por um modo de vida de dificuldades ligados sobretudo à sobrevivência em meio a uma geografia seca e realidade de fome. Um problema social (MENEZES, 1970) presente nas esferas de governança desde os tempos do Brasil Império (BONATO, 2008).

Em toda abordagem empenhada sobre um território titulado como sertanejo, espera-se encontrar características similares paisagísticas e culturais que reafirmem as identidades consolidadas no imaginário social, invisibilizando atores sociais, riquezas naturais e produções culturais específicas de uma territorialidade qualquer com suas limitações. Uma visão calcada na “dualidade sertão versus litoral que mascara a formação territorial brasileira e que engendraria a proliferação de outros polos como selvagem versus civilizado ou rústico versus citadino” (ARRAES, 2022, p.50).

Figura 48 - Imagem hegemônica da seca no Ceará.



Fonte: Google Imagens.

Em outras regiões do estado, né, a gente escuta muito a expressão “do interior” né?! Aqui na região do Cariri, a palavra interior... Ela aparece como uma ofensa, como um discurso de colonização da capital... É muito comum as pessoas da região metropolitana de Fortaleza, se referir a outras regiões do estado como interior! Nós não somos o interior! A gente não utiliza essa expressão, essa expressão é uma expressão que denota um caráter pejorativo, de colonização das pessoas residentes da capital... (Entrevistado de 45 anos).

Durante a pesquisa de campo foi possível, no entanto, encontrar outras paisagens e outras formas de se relacionar com as condições geográficas existentes no território sertanejo caririense. A presença imponente da Chapada do Araripe (Fig. 49) e a sua natureza exuberante, constituinte do processo de ocupação da região; as relações comunitárias estabelecidas em prol da subsistência nas zonas rurais de menor infraestrutura; os sítios arqueológicos, dentre outras características são elementos que se unem formando uma territorialidade sertaneja diversa das construções colonizantes estabelecidas.

As entrevistas apontam que de todos os aspectos que produzem essa identidade sobre esse espaço geográfico, a relação afetiva estabelecida entre os habitantes e a terra em que vivem é o mais importante.

Nós entendemos até que o Cariri é um estado, um estado espiritual, pelas suas peculiaridades, pelo seu caráter próprio que vem se constituindo, enquanto afirmação de uma identidade cultural e que é uma identidade híbrida, uma identidade que se mistura, que se reinventa que se recoloca, que se reposiciona, dentro do cenário nacional. Então é dentro desse território que a gente se afirma e tem essa relação de afetividade com o Cariri, enquanto um lugar que tem particularidades né? Único. (entrevistado de 45 anos).

Figura 49 - A Chapada do Araripe em Santana do Cariri.



Fonte: Acervo Pessoal. 2022.

As narrativas de vida, principalmente dos moradores mais antigos, se entrelaçam às mudanças percebidas nas cidades: do surgimento das universidades, do aumento da densidade demográfica, das novas condições de trabalho e acesso aos serviços e da conectividade entre as localidades intra região.

Ah mudou bastante. Que aqui era mais ou menos sítio também né? Não tinha esse negócio de rua, bairro, assim. Multiplicou bastante né? Então a gente vendo o crescimento da cidade, a gente procura evoluir junto né? Pra atrair o turismo, que aqui, tem que ter. (Entrevistada de 48 anos).

Ao serem perguntados sobre o que é o sertão, os entrevistados relacionaram-no a um lugar de paz e tranquilidade, apesar das dificuldades. O modo de vida rural surge em suas narrativas com uma nostalgia inerente às gerações anteriores, fator que precisa ser levado em consideração, para não cometer equívocos na leitura socioespacial, como a negação do impacto da fome, da pobreza e da seca no espaço sertanejo.

[Trabalhava] na roça! De enxada! Plantava milho, arroz, feijão... Eu não tenho estudo, mas não sou analfabeta. Meu pai era analfabeto, minha mãe era analfabeta, mas não quis criar nós, nesse deserto, analfabetos. Ele contratava uma pessoa pra alfabetizar a gente, três meses, que era o da seca; aí quando chegava no inverno nós ia pra roça, e era assim. Eu sei que a gente vivia feliz, era um paraíso. Fui alfabetizada em casa, depois saí pra essas escolinhas, mas só depois da seca, não sabe?! De seca, no inverno ninguém ia não.
(Entrevistada de 86 anos).

As consequências da lida com esse espaço geográfico, que já foi mais hostil, se expressam nas tentativas de construção de vida em outras localidades, seja para a capital Fortaleza, para o eixo sul/sudeste ou mesmo em direção ao Crato, cidade tida como mais desenvolvida do Cariri pelo imaginário local popular, embora os dados socioeconômicos apontem um maior desenvolvimento na cidade de Juazeiro do Norte e que construíram, como já mencionado, a figura do retirante nordestino.

Seis entrevistados sentiram a necessidade de migrarem em busca de melhores condições de vida na juventude, um movimento massivo em meados das décadas de 1950 e 1970, época que condiz com o estopim do desenvolvimentismo brasileiro, onde retirantes eram contratados para as obras públicas.

Ou seja, os retirantes nordestinos deixaram seus territórios para promover novas articulações urbanas em fluxos direcionados às grandes cidades, alterando as relações sociais nos territórios (CUNHA, 2016); ao mesmo tempo em que eram recebidos e retratados como flagelados, exportando também a ideia de “terra arrasada” dos sertões.

Aí chamava os cabras daqui, pra quando tinha serviço, aí fui, trabalhei com eles uns 6 meses, ganhei uma micharia, aí fui pra outro canto... Que eles fazem isso! Não fichava a gente, aí deixava a gente solto,

quando ajeitava a gente pra um serviço, botava a gente noutra canto, ficava pulando de um pra outro. (Entrevistado de 72 anos).

Mesmo os que não migraram têm relações próximas com alguém que partiu pelo mesmo motivo: a busca de condições melhores de subsistência, sejam filhos, irmãos, amigos...

AD.: Tem muito isso? Das pessoas irem embora pra fazer faculdade?

MG.: Tem, que aqui não tem faculdade, tem que ir pra Barbalha, meu filho fez faculdade em Barbalha. E ele também não é muito de Nova Olinda, desde os 15 anos que ele adorou o mundo... (Trecho de entrevista com produtora artesanal de 48 anos).

Os entrevistados que migraram, no entanto, optaram por voltar para os seus municípios de origem, no Cariri, e o motivo foi unânime: a violência urbana e o ritmo de vida dos grandes centros urbanos.

Lá (São Paulo) é muito bom, mas é perigoso né?! Que lá é bom pra quem é rico, mas pra viver em paz, aqui é melhor. Aqui tem paz. Lá não tem paz, pro cabra pegá um ônibus, sai de um ônibus, vive em ônibus... Não... Quando você trabalha numa firma só, que nem eu trabalhei seis meses na mesma firma, não tem esse problema... Mas pra ficar lá? Assim, pegando ônibus? Eu pensei que era melhor estar morto. Agora cearense tem um mistério com Deus nosso senhor, que eu fiquei esse tempo lá e nunca ninguém me atacou... (entrevistado de 72 anos)

Outra característica importante sobre o espaço sertanejo representado pela Região Metropolitana do Cariri nesta pesquisa, são as relações comunitárias desenvolvidas e expressas através dos festejos populares.

As entrevistas levam a crer que o hibridismo étnico indígena, sertanejo, católico, português, recifense ou paraibano propiciou o desenvolvimento de uma cultura sustentáculo das condições desiguais de acesso aos meios materiais de subsistência. Seria, portanto, a produção da cultura caririense, a saída coletiva encontrada para a sobrevivência diante da seca, da pobreza e das desigualdades aí existentes?

Assim, a boniteza que tem aqui [no sertão] que eu mais gosto, é a brincadeira (de reisado), depois que eu cheguei, era atrás de ganhar dinheiro, não vou mentir, porque nós ia pra todo canto! Nós ia pra exposição, nós ia pra Altaneira tocar lá, pro zabelê lá na serra, aqui por todo canto... (entrevistado de 72 anos).

Ah eu conheci dona encrenca (a esposa) foi dançando forró! Era um pé de pena eu! Dançava era muito eu! Chegava na festa sempre pobre e feio, mas não faltava com quem dançar não, que eu era dançador! As nega fazia: “ei bora!” (gesticulando os braços), aí nós arrochava! (risos). As mulhé bonita! Mas fazia questão de dançar comigo, que eu dançava legal. E eu andava sempre cheiroso, que minha irmã mandava sabonete, perfume de São Paulo, mandava tudo né? Eu era pobre mais minha mãe, a pobrezinha, só meio salário-mínimo, que a gente vivia. Meus irmãos foram embora e eu fui ficando pra cuidar de mãe. Naquele tempo tinha as festas! Festa de janeiro, festa de outubro que era de São Francisco, certeza que vinha uma roupa! Só andava nos trinquês! Novo, usava um cabelão black power... (entrevistado de 58 anos).

Os festejos se misturam à religiosidade caririense (Fig. 50), predominantemente católica, apesar da existência de outras matrizes de religiões africanas, espíritas, neopentecostais etc.

Figura 50 - Oratório existente no Museu do Homem Cariri em Nova Olinda.



Fonte: Acervo Pessoal. 2022.

Ou seja, a estiagem, a seca, os modos de vida rurais são aspectos objetivos e comuns da territorialidade sertaneja; representam uma forma de apropriação e domínio sobre o espaço, um jeito humano de ser e estar e lidar com o ambiente que o cerca. Possibilitando o desenvolvimento de uma cultura única construída e preservada através da coletividade.

A.D.: O que seria sertão, e o que seria ser sertanejo então?

A.F.Q.: Sertão são relações entre natureza, cultura, defesa de um território e das práticas que faz um ser coletivo. Sertanejo seria isso, um ser coletivo. (Trecho de entrevista com arqueólogo de 46 anos).

Tal afirmação não trata de negar uma realidade ou de transformar o semiárido nordestino em um espaço edílico de bem-aventurança, mas pontuar que a visão homogeneizante estabelecida tampouco representa a forma como os sertões, aqui representado pela Região Metropolitana do Cariri, é sentido e percebido subjetiva e simbolicamente pelos seus habitantes.

4.2. Sertões / Sertanejo: Uma questão geracional?

Em paralelo às entrevistas e de modo a confrontar os olhares de gerações distintas sobre a territorialidade sertaneja, foi realizada uma Oficina de Cartografia Social (Fig. 51) realizada com jovens de uma escola pública local com apoio da direção da escola e do(a) professor(a) da classe que colaborou com a atividade.

A oficina participativa compreendeu a aplicação do instrumento *mapa mental* ou *mapa cognitivo*, apresentados no Capítulo IV, e buscou apontar possíveis questões geracionais de compreensão sobre a identidade sertaneja.

Antes de iniciar a atividade foram estabelecidas algumas diretrizes iniciais e após isso fez-se uma apresentação sobre as intenções da pesquisa, de forma clara e linguagem simples, mas direta. Assim, a oficina foi iniciada com uma discussão sobre a história e a localização geográfica da cidade no contexto caririense. Os estudantes eram do Ensino Médio/Fundamental, na faixa etária de quinze anos, em média. Participaram da atividade 30 estudantes e a atividade durou três horas.

Figura 51 - Oficina de Cartografia Social.



Fonte: Acervo Pessoal. 2022.

Foi então solicitado aos jovens que desenhasssem os trajetos que percorriam para irem de casa à escola, apontando os lugares mais importantes e/ou marcantes do itinerário. Ao final, cada estudante apresentou seu desenho à classe, comparando a percepção de marcos importantes coletivos e individuais (lugares de memórias afetivas – a casa dos parentes, o ponto de ônibus para a escola etc.). (Fig. 52).

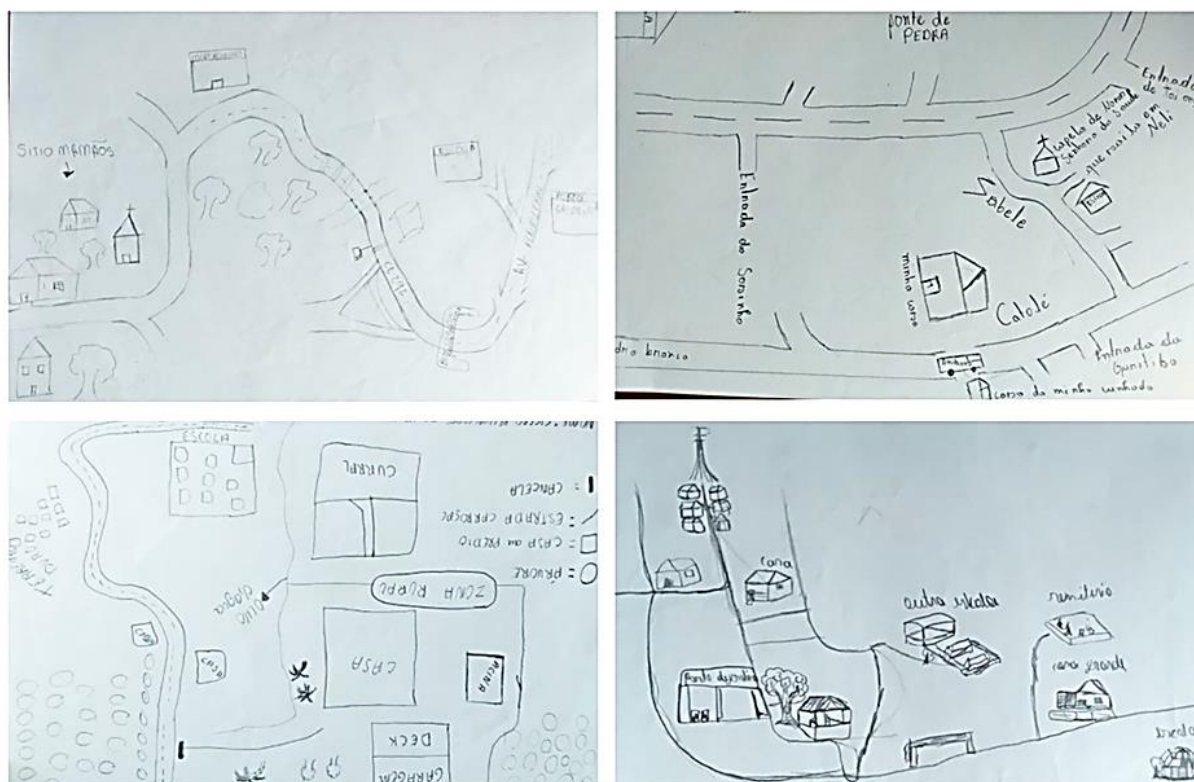
Por último, os estudantes que moravam na zona rural, ou nos bairros mais distantes da escola, refizeram seus trajetos com o uso do software Google Earth, observando as mudanças ocorridas na paisagem ao longo do tempo.

A atividade suscitou duas importantes reflexões para esta pesquisa. A primeira apontou que os marcos arquitetônicos históricos (a Casa Grande), patrimoniais (a

Igreja Matriz de São Sebastião) ou de serviços (prefeitura, delegacia etc.) fazem parte da compreensão do território habitado, uma vez que foram registrados em todos os desenhos, mesmo aqueles produzidos por estudantes que efetivamente não passavam por esses locais no caminho para a escola.

Seriam estes, os pontos nodais, isto é, pontos estratégicos presentes, importantes focos para onde se vai e de onde se vem (LYNCH, 1960). Constituintes da identidade paisagística e memorial da cidade de Nova Olinda.

Figura 52 - Mapas mentais produzidos na oficina pelos jovens estudantes.



Fonte: Acervo Pessoal. 2022.

O segundo ponto de reflexão proporcionado pela oficina é a compreensão de sertanidade dos adolescentes em contraponto às entrevistas. Durante a apresentação e contextualização do território nova olindense, pôde-se observar que apenas os residentes da zona rural se entendiam como habitantes dos sertões. Isto é, o imaginário sertanejo construído hegemonicamente atua de forma incisiva nas subjetividades da juventude local influenciando a formação de suas identidades e interpretações acerca do território em que vivem.

Os desenhos produzidos pelos estudantes moradores dessa zona rural (Fig. 53) são marcados pela cor marrom, casas espaçadas e presença de vegetação seca; ainda que não houvesse qualquer orientação nesse sentido.

Figura 53 - Desenho produzido na oficina de cartografia por estudante morador da zona rural.



Fonte: Acervo Pessoal. 2022.

Ao se debater as relações entre a paisagem e sertões, esses mesmos estudantes associavam o território à vegetação da caatinga, cactos e seca e não se consideravam sertanejos, estes associados aos tocadores de gado com roupas e chapéu de couro.

Apenas um dos entrevistados, morador da cidade do Crato, corrobora com esse ideário de sertões absorvido pela juventude participante da oficina, e por isso não reconhece o Cariri como um espaço sertanejo, ele explica:

Eu não consigo ver um fio condutor nessa ideia de sertanidade, de sertanejo, de sertões, porque eu acho que nos remete a um imaginário que nós não somos. Que é esse imaginário de ser uma região de zona rural né?

A gente tem uma diversidade na nossa paisagem ambiental que é bastante rica pelo fato de nós termos uma imensa chapada que engloba mais de um estado, pra gente ter uma diversidade de vegetação, uma diversidade na nossa fauna, o nosso solo, ele é bem diverso, então tudo isso, não nos coloca nesse lugar do arcaico, nesse lugar do atrasado, nesse lugar do seco né? Então eu acho que esse imaginário é um imaginário que não nos cabe. (entrevistado de 45 anos).

Essa dicotomia na compreensão do ser sertão/sertanejo demonstra a complexidade das definições e construções de narrativas sobre determinado território, e sobretudo, na construção de identidades totalizantes, que desconsideram as especificidades locais.

Silva e Pereira (2020, p. 360) afirmam que “as colonialidades operam para produzir exclusões abissais no Semiárido”, tendo, este território, sido apropriado de forma a se extinguir seu modo de vida original ocasionando grandes contrastes na região e, aqui complementa-se, na percepção de suas identidades.

Alguns elementos, como o acesso tecnológico, o desenvolvimentismo local e transformações percebidas nas cidades sertanejas etc. podem explicar a recusa das novas gerações em se compreenderem os sertões, para além da geografia e dos imaginários construídos. Boaventura de Souza Santos (2022, p. 73) explica: “O passado é o atual ajuste de contas entre forças sociais rivais que lutam pelo poder, pelo acesso a recursos materiais e espirituais escassos, por concepções e condições de autodeterminação”. Pode-se dizer então que a visão globalizante construída sobre os territórios sertanejos vem “ganhando” as narrativas identitárias para as próximas gerações? Seria esse um processo reversível?

Questões que não se encerram nesta pesquisa, pelo contrário, abrem um outro horizonte de possibilidades e caminhos acadêmicos de descobertas.

Pode-se afirmar, no entanto, que ainda há resistências. O reisado segue sendo ensinado de geração em geração, o calendário festivo religioso vem cada vez mais consolidando a região como um polo atrativo econômico e cultural, a arte em couro de Espedito Seleiro, o cinema de Rosemberg Cariry apontam que “as dicotomias entre dominador e dominado – ou entre opressor e oprimido – são muito mais complexas

do que se imagina, à medida que todo o sistema perdurável de dominação acaba sendo uma cocriação” (SOUZA SANTOS, 2022, P. 74).

Os Mestres de reisado (Fig.54) do Cariri parecem compreender a tarefa que lhes é imputada, de ensinamento e manutenção de uma cultura e um modo de vida que se fundamentam na formação de relações comunitárias:

Foi um tempo muito sacrificado, mas muito bom. Eu acho que valeu a pena, muitas crianças que começaram nesses grupos, e que hoje estão aí, são enfermeiras, doutoras, assistentes sociais, professoras, hoje quem já tá vindo são os filhos delas. Então é uma coisa que é muito gratificante. E o reisado pra mim é isso, é animação, é teatro, é festa, é tudo. (Entrevistada de 72 anos, Mestra da Cultura de Nova Olinda).

Figura 54 - Grupo de Reisado de Angelina em Nova Olinda na década de 1990.



Fonte: Rede social do Reisado.

4.3. O Sol no Cariri: como toda conversa começa...

Como já exposto, a associação entre sol escaldante e a paisagem sertaneja (Fig. 55) nordestina está entrelaçada no imaginário construído sobre este território: “(...) a secura da atmosfera atinge graus anormalíssimos” (CUNHA, 1984, p. 15).

Condição geográfica dos territórios próximos à linha do equador, e consequentemente da Região Metropolitana do Cariri, não resta uma alternativa para os habitantes além da adaptação, talvez por isso, os banhos de açude sejam memórias compartilhadas da infância entre os entrevistados.

Aqui onde é a prefeitura era um açude. Ora! Eu cansei de sair daquele colégio ali, onde estudava, atravessava ali, chegava na casa grande, atravessava o arame, guardava o caderno, que não tinha livro, não tinha material, e atravessava nadando o açude. Não podia molhar o cabelo senão apanhava, atravessava o açude e me vestia do outro lado, aí descia pra casa! Mãe nem sonhava. Não tinha água encanada, tinha nada! Quando não fazia isso, chegava em casa, dizia pra mãe: “mãe vou tomar banho no rio!”. Lá embaixo tem outro rio. A gente ia buscar água nas cacimbas que tinha, pra beber! Pra tomar banho não, que a gente tomava no rio. Era muito bom! Era uma vida muito boa!
(Entrevistado de 58 anos).

De fato, além de uma condição climática da região, a visita de campo demonstrou que reclamar da ‘quentura’ sertaneja é a melhor forma de iniciar qualquer conversa no Cariri. É possível atestar aqui também que o sol que queima a terra caririense também pode iluminar outras características constituintes da sua territorialidade, trazendo à tona os cenários invisíveis às narrativas costumeiramente associadas ao espaço sertanejo: suas riquezas socioambientais e socioculturais.

Figura 55 - O Pôr do Sol no Sertões.

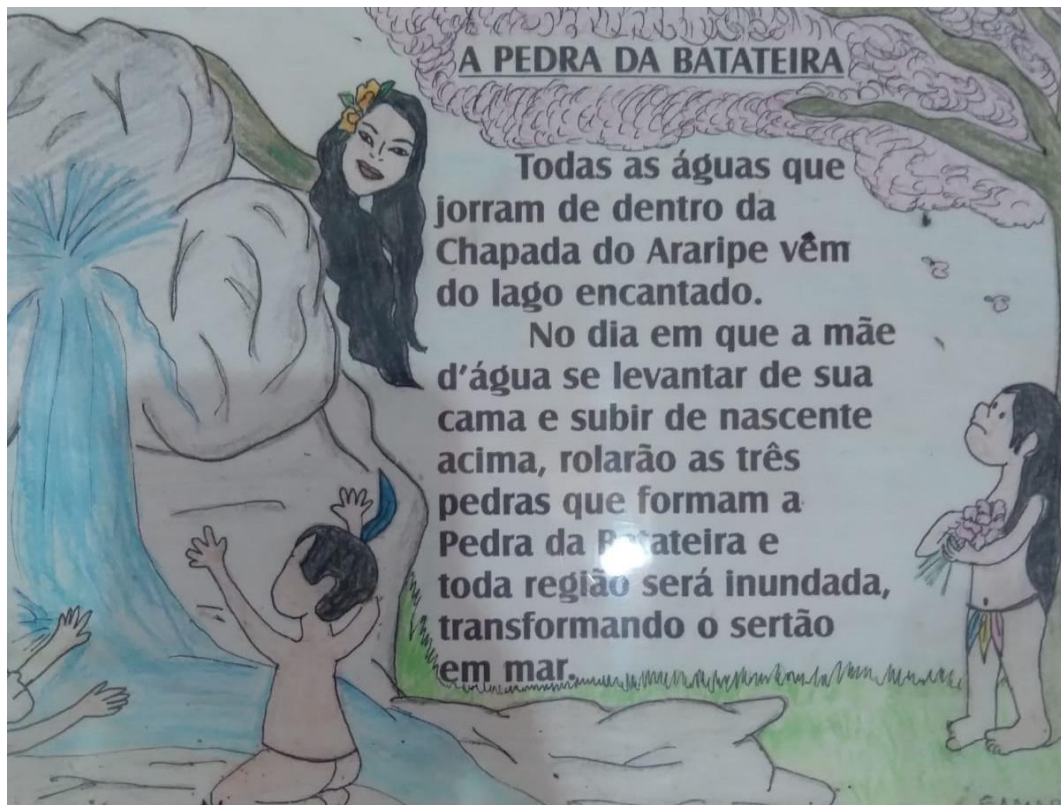


Fonte: Google Imagens.

Assim, sob o sol caririense, a Floresta Nacional do Araripe além de abrigar espécies de plantas e animais, nascentes de rios e fósseis arqueológicos que comprovam que o sertões já foi mar, também suscitam lendas indígenas sobre a formação e o destino desse povo. (Fig. 56).

Os distanciamentos percebidos entre as casas da zona rural são superados pelas trocas e relações comunitárias desenvolvidas em nome da sobrevivência, através do compartilhamento da fé em sua expressão mais popular: com música e festa, reisados e romarias.

Figura 56 - Lenda Kariri. Museu do Homem Kariri.



Fonte: Acervo Pessoal, 2022.

O manejo do couro e demais atividades oriundas da pecuária extensiva encontra na criatividade humana dos artesãos uma forma de arte, identidade e economia local. (Fig. 57).

O desenvolvimentismo global que vem adentrando as cidades mais interioranas brasileiras, embora traga a possibilidade de melhoria de infraestrutura, de condições de subsistência, acesso à equipamentos educacionais e de trabalho; também vem influenciando aspectos subjetivos de identidade.

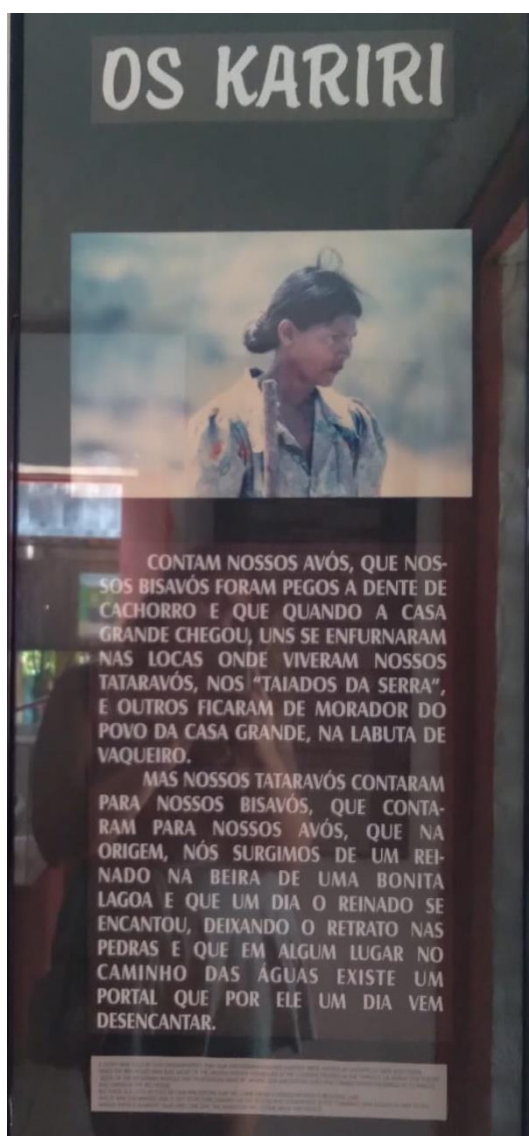
Figura 57 - Cadeira produzida no Ateliê Espedito Seleiro.



Fonte: Acervo Pessoal, 2022.

Os sertões do Cariri, acostumados ao processo de misturas étnicas que formaram as suas territorialidades (Fig. 58) parece estar encontrando o caminho do meio, isto é, absorvendo o que pode ser bom para a prosperidade local e traçando estratégias de sobrevivência social e cultural de um sertão que não se dobra às caricaturas que lhes são imputadas, que se permite ser o que se é e que abarca os seus processos históricos internos, ainda que sejam violentos, construindo as suas próprias narrativas.

Figura 58 - Lenda Kariri. Museu do Homem Cariri.



Fonte: Acervo Pessoal, 2022.

OUTRAS CONCLUSÕES

A imagética homogeneizante dos sertões entendidos como espaços do semiárido, distantes do litoral, com histórico de longos períodos de estiagem e seca, atrelado a uma paisagem hostil e ocupada por “flagelados” caricaturais não dá conta da totalidade diversa e heterogênea que há para além dessas narrativas, sobretudo na Região Metropolitana do Cariri, recorte espacial delimitado para esta pesquisa.

O território se constitui enquanto fruto das relações estabelecidas entre humano–humano e humano–natureza, em um processo constante de apropriação, emprego de técnicas, experimentação e significação. À medida que um grupo social age sobre o espaço geográfico, intervindo sobre ele, mais valor lhe é atribuído, gerando vínculos de afeto e modos de vida, ou seja, produzindo territorialidades.

Usando o caso da RMC, a pesquisa pôde atestar um lugar rico e afetivo; de seca, mas também de festa; de sofrimento e de fé. Lugar afetivo, simbólico e real, percebido a partir das entrevistas com seus moradores, cujas histórias de vida entrelaçam-se às mudanças percebidas em suas estruturas, através do desenvolvimento urbano; e preservado como um importante aspecto identitário.

Uma identidade que parece encontrar na fé católica seu mais expoente simbólico. O papel da Igreja no processo de ocupação das cidades do interior cearense, seja através da catequese violenta dos indígenas aí anteriormente existentes, seja pela acolhida aos sertanejos fugidos da seca de outras regiões do Nordeste, transformou o Cariri em uma região de cultura diversa, própria e pulsante; cujas manifestações assumiram caráter popular.

A sobrevivência em um meio hostil parece ser a impulsionadora da construção dessa cultura híbrida, através de um modo de vida que se sustenta nas suas relações comunitárias.

A identidade sertaneja assemelha-se, apenas em parte, às narrativas de flagelo comumente exportadas pela mídia e pela literatura, mas também surpreende pela demonstração da capacidade resiliente humana e de criatividade diante de uma conjuntura desfavorável.

A aproximação com o sertanejo, por meio das entrevistas realizadas, bem como a atividade Oficina Participativa, confirmam a necessidade de políticas e incentivo à permanência em seus territórios, uma vez que o fenômeno climático em si não seria

a causa primeira do migrar, mas sim a ausência de condições de sobrevivência diante dele.

Os elementos simbólicos e identitários devem ser analisados e entendidos como relevantes na formulação de políticas públicas locais eficientes, de modo a se permitir um desenvolvimento regional atrelado às necessidades reais e a valorização dos diferentes modos de ser, estar, habitar e perceber os sertões.

Por fim, podemos sugerir, a partir dos estudos realizados, que as representações do lugar sertanejo que atravessaram o Brasil colonial até os dias de hoje, atestam um território, uma paisagem e um espaço geográfico experienciado pelos seus habitantes e viajantes; tornado rentável pelas políticas públicas e eternizado pela música e literatura.

Em síntese, “os sertões são paisagem-movimento” (ARRAES, 2022, p. 64) e seguem em constante mutação, ao contrário das supostas permanências e imutabilidades cantadas em prosa e verso e veiculadas em várias mídias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACOSTA, A. **O Bem-Viver: Uma oportunidade para imaginar outros mundos**. São Paulo: Autonomia Literária, 2016.
- ACSELRAD, H. (org.). (2010). **Cartografias sociais e dinâmicas territoriais: marcos para o debate**. Rio de Janeiro, UFRJ, Ippur.
- ALCÂNTARA, D. **Estratégias e Processos Participativos para o Desenvolvimento Local e Regional na Baixada de Sepetiba – RJ** in Cadernos Metrópole, São Paulo, v. 22, n. 47, p. 147-172, jan/abr 2020.
- AMADO, J. **Seara Vermelha**. São Paulo: Companhia das Letras, [1946]. 2009.
- ANDRADE, M.C. **A Terra e o Homem no Nordeste: Contribuição ao Estudo da Questão Agrária no Nordeste**. 5 ed. São Paulo: Editora Atlas, 1987.
- ANTONIO FILHO, F. D. **Sobre a palavra “Sertões”: Origens, significados e usos no Brasil** in Ciência Geográfica – XV – Vol. XV. Bauru: 2011.
- ARRAES, Esdras. **Sertões: Habitar a simplicidade, reconhecer a poíesis do lugar**. Rio de Janeiro: Paisagens Híbridas, 2022.
- ARSKY, I. C. **Os Efeitos do Programa Cisternas no Acesso à Água no Semiárido**. In: Sociedade e ambiente no semiárido: controvérsias e abordagens. UFPR. Vol. 55. 2020. Pgs. 408 - 432. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/made/issue/view/3058/showToc>
- AUGÉ, M. (2012). **Não Lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade**. (9a ed.). Campinas/SP: Papirus.
- BACZKO, B. **A Imaginação Social** in: Anthropos-homem. Leach, Edmund et Alii. Lisboa. Imprensa Nacional / Casa da Moeda. 1985.
- BAPTISTA, M. N.; CAMPOS, D. C. **Metodologias da pesquisa em ciências: análises qualitativas e quantitativas**. Rio de Janeiro: LTC, 2013.
- BATISTA, C. **Breve História dos municípios do Cariri Cearense: fatos e dados** [livro eletrônico]. Fortaleza: INESP, 2020.
- BECK, Ulrich. **Sociedade de Risco: Rumo a Outra Modernidade**. Tradução de Sebastião Nascimento. São Paulo: Editora 34, [1986] 2010.
- BONATO, T. **O Sertões, Os Sertões: A construção da região Nordeste do Brasil a partir da interface entre história e literatura**. História: Debates e Tendências – v.8, n.1. P. 195-214. 2008.
- BOURDIEU, P. **O Poder Simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. Bertrand Brasil S.A. Rio de Janeiro, RJ, 1989.
- BRAGA et al. **Romeiros, turismo e devoção nas romarias de Juazeiro do Norte, Ceará, Brasil**. In Estudos de Religião, v. 33, n. 2. Pág. 271-290. Maio-ago. 2019.
- BRASIL, T. P. **Ensaio Estatístico da Província do Ceará**. Tomo I. Edição Fac-similar (1863). Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 1997.
- BRASIL, Thomaz. **Ensaio Estatístico da Província do Ceará**. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 1997.

BRITO, L. H. **O Espetáculo das tradições: um estudo sobre as práticas de culturas populares no Cariri cearense**. UFC, Fortaleza: 2007. Tese de Doutorado

CAZELLA, Ademir A; BONNAL, Philippe; MALUF, Renato S. **Olhares disciplinares sobre território e desenvolvimento territorial**. In: Agricultura familiar: multifuncionalidade e desenvolvimento territorial no Brasil. Ademir A. Cazella, Philippe Bonnal e Renato S. Maluf (orgs). Rio de Janeiro: Mauad X, 2009. p.25-46

CENSOS DEMOGRÁFICOS, 1970, 1991, 2000. **Fluxos migratórios no Brasil**. IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

CENSOS DEMOGRÁFICOS, 2010. **Demografia e Índices Socioeconômicos** IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

CHANTAL, Blanc-Pamard & RAISON, Jean-Pierre. **Paisagem**. In: Enciclopédia Einaudi. v.8. Lisboa: Imprensa Nacional. p. 138-159. 1996

CORTEZ, A. O. **A Construção da “cidade da cultura”: Crato (1889-1960)**. UFRJ, Rio de Janeiro:2000. Dissertação de Mestrado.

COUTO, C. **As Deposições e o Pacto dos coronéis no Cariri Cearense**. Site: João Vicente Machado. 2020.

CUNHA, A. P. et al. **Extreme Drought Events over Brazil from 2011 to 2019**. Atmosphere, 10(11), 642, 2016. doi: 10.3390/atmos10110642.

CUNHA, E. da. **Os Sertões**. São Paulo: Três. 1984.

FEITOSA, Tereza; FRANCA, Manuel; **“Agrofloresta e Turismo Rural em Nova Olinda-CE”**. Revista da Casa da Geografia de Sobral. Sobral: RCGS, Vol. 11, n. 1; pp. 11, 2009.

FERREIRA, PAIVA E MELO. **Representações dos Retirantes das Secas do Semiárido Nordestino**. In: Sociedade e ambiente no semiárido: controvérsias e abordagens. UFPR. Vol. 55. 2020. Pgs.: 9 – 27. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/made/issue/view/3058/showToc>

FURTADO, C. **A Fantasia Desfeita**. Obra autobiográfica de Celso Furtado, tomo II, São Paulo: Paz e Terra, 1997.

FURTADO, C. **Uma Política de Desenvolvimento para o Nordeste** in Novos Estudos Cebrap. V. 1.1. P. 12-19. São Paulo: 1981.

GURGEL, A. **Entre serras e sertões nasce uma região metropolitana: O CRAJUBAR-Ceará sob o ponto de vista de suas centralidades** in Desenvolvimento Regional em Debate. Vol. 2, núm.2. julho/dezembro, 2012, pp. 182-204. Universidade do Contestado, Canoinhas, Brasil.

HAESBAERT, Rogerio. **Viver no Limite: território e multi/transterritorialidade em tempos de insegurança e contenção**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

HAESBAERT, Rogerio. **Concepções de Território para entender a Desterritorialização** in Território, territórios: Ensaios sobre o Ordenamento Territorial. Santos, M. et al (orgs). Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.

HAGUETTE, T.M.F. (1987) **Metodologias Qualitativas na Sociologia**. Petrópolis: Vozes.

IPECE. **Anuário Estatístico do Ceará. 2006.** Disponível em <http://www.ipece.ce.gov.br/publicacoes/anuario/anuario2006/demografia/tabelas/12.05.xls>. (Acesso em 26 de agosto de 2022).

IPECE. **Anuário Estatístico do Ceará. 2020.** Disponível em <http://www.ipece.ce.gov.br/publicacoes/anuario/anuario2006/demografia/tabelas/12.05.xls>. (Acesso em 26 de agosto de 2022).

JUCÁ NETO, Clóvis R. **Primórdios da Urbanização do Ceará.** Edições UFC: Editora Banco do Nordeste do Brasil, 2012.

KRENAK, A. **Ideias para Adiar o Fim do Mundo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LEAL, V.N. **Coronelismo, Enxada e Voto.** Rio de Janeiro. Forense. 1948.

LIMA, C.F. **A Construção do Ceará: Temas de História Econômica.** Fortaleza: Instituto Albaniza Sarasate, 2008.

LORDELLO, E.; LACERDA, N. **A memória das cidades e a Diversidade cultural nas temporalidades ciberculturais.** 2017. Disponível em <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/07.083/254>. Acesso em 18 de maio de 2022.

LYNCH, R. **The Image of City.** Cambridge: The MIT Press, 1960.

MAGNOLI, M. (2006). **Em busca de outros espaços livres de edificação.** Revista Paisagem e Ambiente – Ensaios São Paulo, FAUUSP, n. 21, pp. 143-173.

MALHOTRA, N. **Pesquisa de marketing.** 3.ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

MALVEZZI, R. **Semiárido: Uma Visão Holística.** Brasília: Confea, 2007. 140p. Pensar Brasil.

MELO NETO, J. C. **Morte e Vida Severina.** Rio de Janeiro: Objetiva, [1955] 2010.

MENEZES, D. **O Outro Nordeste: Ensaio sobre a evolução social e política do nordeste da “civilização do couro” e suas implicações históricas nos problemas gerais.** Rio de Janeiro: Artennova. [1937] 1970.

MONTENEGRO. Abelardo F. **História dos Partidos Políticos Cearenses.** Fortaleza, Ceará, 1980.

MONTEZUMA, R. e CINTRA, D. (2012). **O arco metropolitano do Rio de Janeiro: um marco na transformação da paisagem metropolitana.** In: TÂNGARI, V.; REGO, A. e MONTEZUMA, R. (orgs.). O Arco Metropolitano do Rio de Janeiro: integração e fragmentação da paisagem metropolitana e dos sistemas de espaços livres de edificação Rio de Janeiro, Proarq-FAU-UFRJ.

MORAES, A; OLIVEIRA, J; MARINHO, J. JANUÁRIO, T. **Análise Ambiental das Atividades de Mineração da Pedra Cariri no Município de Nova Olinda -CE.** In Revista Gestão e Sustentabilidade Ambiental, v. 9, nº 2, pp. 54-73. Florianópolis, 2020.

MORAES, Antonio Carlos R. **Bases da Formação Territorial do Brasil.** São Paulo: Hucitec, 2000.

NEVES, F. de Castro. **Curral dos Bárbaros: Os campos de concentração no Ceará (1915 e 1932)** in Revista Brasileira de História, v.15, nº 29, pp. 93-122. São Paulo, 1995.

NILO, Fausto; DOMINGUINHOS. **Casa, Comida e Paixão** in Nas Quebradas do Sertões. Local: Gravadora Warner Music, 1994. Web.

NONATO, R. **Memórias de um retirante**. Pongetti. Coleção Mossoroense, 1957 e 1987.

OJIMA, R.; FUSCO, W. **Migrações e Nordestinos pelo Brasil: Uma Breve Contextualização**, p. 11-26 in: Migrações Nordestinas no Século 21 – Um Panorama Recente. São Paulo: Edgard Blucher, 2015.

PEQUENO, R.; ELIAS, D. **(Re) Estruturação Urbana e Desigualdades Socioespaciais em Região e Cidade do Agronegócio**. Geographia. V.17, n. 35, p. 10-39. 2015. Disponível em < <https://periodicos.uff.br/geographia/issue/view/852>> Acesso em: 21 mai. 2020.

QUEIROZ, I.; CUNHA, M. **Os Atributos Socioterritoriais e Históricos do CRAJUBAR e a Formação do Aglomerado Urbano-Regional do Cariri Cearense**. VII Congresso Brasileiro de Geógrafos. AGB: 2014.

QUEIROZ, M.I. **Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”**. In: VON SIMSON (org.) Experimentos com Histórias de Vida: Itália-Brasil. São Paulo: Vértice.1988.

QUEIROZ, R. de. **O Quinze**. Rio de Janeiro: José Olímpio, [1930] 1948.

RHEINGANTZ et al. **Observando a qualidade do lugar: Procedimentos de Avaliação Pós-Ocupação**. PROARQ-FAU-UFRJ. 2009

RIOS, K. **Os campos de Concentração no Ceará: Isolamento e poder na seca de 1932**. Imprensa Universitária. UFC. Fortaleza, 2014.

RODELLA, G. T. **Cultura e Diversão** in V Simpósio Brasileiro de Patrimônio Geológico, Anais. 2019. Disponível em <http://www.urca.br/vsbpg/>. Acesso em 25 de agosto de 2022.

SANTOS, M. **Pensando o Espaço do Homem**. 3 ed. São Paulo: Hucitec, 1991.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo – razão e emoção**. São Paulo: Edusp, 1999. 384p.

SCHNEIDER, Sérgio. **Situando o desenvolvimento rural no Brasil: o contexto e as questões em debate**. Revista de Economia Política, v.30, n.3 (119), pp 511-531, 2010.

SERTÕES. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2020. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/risco/>>. Acesso em: 14/07/2022.

SILVA, J. M. P da. **Percepção e Transformação da Paisagem: Planejamento, apropriação e ações Públicas na Região Metropolitana do Rio de Janeiro**. In O Arco Metropolitano do Rio de Janeiro. TÂNGARI et al. (orgs). Rio de Janeiro: PROARQ-FAU-UFRJ, 2012.

SILVA, V. R; PEREIRA, M. B. **Das Colonialidades à Emergência de um Novo Paradigma no Semiárido Brasileiro desde as Racionalidades Camponesas: Um Caminhar para Além do Desenvolvimento?** In: Sociedade e ambiente no semiárido: controvérsias e abordagens. UFPR. Vol. 55. 2020. Pgs.: 9 – 27. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/made/issue/view/3058/showToc>

SIMIÃO, C. A. **Resistência, Rota de Fuga e Refúgio: O Cariri Cearense na Ditadura Militar**. Ceará. INESP. 2019.

SOUSA SANTOS, B. **Descolonizar: Abrindo a história do presente** / Boaventura de Sousa Santos; trad. Luis Reyes Gil. São Paulo: Boitempo, 2022.

TRIVIÑOS, Augusto. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: A pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Editora Atlas, 1987.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: Difel, 1983.

VIANA, J. I. B. **Orgulhosa(mente) cratense: O Instituto Cultural do Cariri e o Pensamento intelectual sobre a cidade. (Crato: 1950-1960)**. In ANPUH – XXV Simpósio Nacional de História. Fortaleza, 2009.

Filmes

A HISTÓRIA da Eternidade. Direção de Camilo Cavalcante. Aurora Cinema, 2015.

VIAJO porque preciso, volto porque te amo. Direção de Karim Ainouz e Marcelo Gomes. Espaço Filmes, 2009.

VIDA Maria. Realização de Márcio Ramos. 2006

ANEXO I – ENTREVISTAS

ENTREVISTA 1: M. G. S. F. (48 anos) – Produtora Artesanal de Nova Olinda.

AD.: A senhora nasceu aqui em Nova Olinda?

MG.: Eu nasci num sítio chamado Chiquitoso, mas é aqui no município de Nova Olinda, zona rural.

AD.: E veio pra cidade para zona urbana ainda criança?

MG.: Eu tinha 13 anos de idade.

AD.: E como era o sítio?

MG.: O sítio era de plantação de arroz, feijão, milho... De banho de açude (risos), de riacho...

AD.: Como era a paisagem?

MG.: Nesse tempo, que eu lembro, era tudo muito seco. Não era muito verde não...

AD.: E como foi a vinda pra cá?

MG.: Eu vim com a família pra cá, mas pra um sítio vizinho daqui, chamado Logradouro, meus pais ficaram lá e comecei a trabalhar como doméstica. Fiquei até os dezesseis anos trabalhando de doméstica, aí casei, e já entrei na arte com a pedra cariri com meu marido e meu sogro.

AD.: Mas você comentou (antes da entrevista) que começou trabalhando com construção e depois foi fazer arte com a pedra cariri...

MG.: Isso pra parte do artesanato né?! Comecei a criar porta retrato, cinzeiro, pirâmide. Ele gostava muito de fazer escultura.. Aí eu fui ajudando ele na a parte final das peças, ele fazia a escultura, eu lixava, limpava, botava a etiqueta... Essas coisas né? E depois eu parti pra parte da lixadeira, pra aprender também a esculpir e a produzir... Aí meus filhos já foram aprendendo mais, foi ajudando comigo na parte das vendas, a concluir a peça... Aí... Ele (o marido) foi e adoeceu, há alguns anos atrás, e faleceu, e a gente foi continuando a arte...

AD.: Entendi, e nesse tempo aqui, você notou muita mudança na cidade, depois que chegou?

MG.: Bom... Eu não sei nem explicar sobre isso, porquê a gente divulgou mais nosso trabalho pra fora sabe? Eu viajei muito pra exposição, evento, em Fortaleza, Juazeiro, esses cantos assim, então a gente divulgou mais fora, o trabalho da gente né? Hoje não, tá bem mais divulgado na cidade, a gente tem cliente hoje aqui, mas antes era mais fora.

AD.: E hoje tem mais turismo pra cá?

MG.: Tem, tem bastante né? Mas só que depois da pandemia, diminuiu bastante também. A gente trabalha mais pelo whatsapp. Na pandemia a gente ficou 100% pelo whatsapp, e hoje ainda tá lento. A gente faz placa pra chácara, pra túmulo, cruz, a foto pra pessoa botar na lápide... A gente faz de tudo...

AD.: E continua com a parte da construção? Botando piso, fazendo bancada?

MG.: Não, só o cliente que insiste (risos), que diz que você já fez antes (risos). Aí a gente dá um jeito né? Mas a gente não faz muito essa área não.

AD.: Tem algum trabalho que a senhora mais gostou de fazer?

MG.: Todos eu gosto. Tem a réplica que é o ácido, tem essa parte de esculpir, tem as fotos que meus filhos trabalham mais nessa parte das fotos, eu e minha irmã trabalhamos mais no colorido, tem o de colagem, que a gente desenha todo o processo e vai colando a areinha colorida né? Eu gosto bastante dessa, por que a gente vai montando as cores né? Eu gosto bastante do colorido.

AD.: E vai planejando ou colando pela experiência?

MG.: É a gente vai colando, como a gente já tem a experiência de desenho a gente faz direto na pedra, e já vai tendo a ideia de como fica. Aí sempre sai um detalhezinho diferente...

AD.: E qual foi o lugar mais longe que a senhora já foi levando a sua arte?

MG.: Eu particularmente, fui até Fortaleza, mas as nossas peças já foi divulgada em São Paulo, que foi uma exposição de 30 dias, pelo SEBRAE, a gente vendeu bem. E... Rio de Janeiro também teve, também num evento lá que o pessoal do SEBRAE levou, e é bem interessante...

AD.: E você já pensou algum dia em ir pra outra cidade?

MG.: Pra morar? Não! Por que o pessoal diz assim, seu produto vende bem em tal canto, eu não acho por que o pessoal vem pra cá pra isso, por que aqui é a terra da pedra cariri, é do calcário, e o pessoal já vem pra cá pra ver isso, né?! Claro, nossas pedras é bem vendida em Fortaleza, que a gente tem encomenda, lá no Shopping Iguatemi, na Loja do Bem, nossas peças tão lá! Acho que eles botam poucas peças né? Mas vende bastante lá! E em Juazeiro vende também, na Maria do Bairro (loja), em Barbalha, também vende nossas peças, e... Todo mundo que vem aqui, impossível não levar uma coisinha né? E a nossa variedade né? O cliente não pode dizer que não pode levar, pelos preços né? A gente procurou fazer miniatura até as peças grandes né? Pra não ter a desculpa de dizer que não levou nada né?

AD.: Sim, eu tô aqui, já vou levar umas coisinhas também! (Risos). Mas o que é a Pedra Cariri pra você?

MG.: Ah, a pedra cariri é... A minha vida, a minha sobrevivência, meu sustento de vida. Não tenho outra coisa, outra fonte de renda, é isso. Então a gente tem que produzir, multiplicar e inventar, senão...

AD.: E essa inspiração vem de onde?

MG.: da internet, meu filho pesquisa muito... Ele pesquisa, cria, nós se junta e termina o negócio. Eu não sou muito de internet, ele é mais, ele cria e a gente vai produzindo. Eu fico muito mais na parte das vendas também, organizar os negócios... Meu outro filho, não quis ficar. Ele foi pra Juazeiro, quis ir pra parte da contabilidade, fez faculdade e trabalha lá num escritório de contabilidade.

AD.: Ele foi embora pra fazer faculdade?

MG.: Foi! Ele fez faculdade, terminou em agosto do ano retrasado, e tá nessa área.

AD.: Tem muito isso? Das pessoas irem embora pra fazer faculdade?

MG.: Tem, que aqui não tem faculdade, tem que ir pra Barbalha, meu filho fez faculdade em Barbalha. E ele também não é muito de Nova Olinda, desde os 15 anos que ele adorou o mundo. Passou um tempo fora, tentando trabalhar de modelo, mas pra ganhar como modelo é mais difícil né? (risos). Mas até hoje

ele faz, trabalha em desfile, faz fotos pras lojas de roupa... Ele é bem desenrolado nessa área. Mas diz que não dá pra pagar as contas nessa área não... O negócio é ir pra contabilidade mesmo.

AD.: E voltando a falar de Nova Olinda, qual foi a principal mudança que você notou aqui?

MG.: Ah mudou bastante. Que aqui era mais ou menos sítio também né? Não tinha esse negócio de rua, bairro, assim. Multiplicou bastante né? Então a gente vendo o crescimento da cidade, a gente procura evoluir junto né? Pra atrair o turismo, que aqui, tem que ter.

AD.: Nova Olinda está entre as 100 cidades brasileiras indutoras do turismo...

MG.: A gente tem parceria aqui com o Geopark, a gente tá incluído no geoproduto. Como a pedra Cariri, ela é um geoproduto né? E a gente esculpe, a gente multiplica ela da melhor forma pra não ir pro lixo, pra não ir pro meio ambiente. Reaproveita as sobras das pedreiras pra produzir. E era muita produção de pedra ali que destruía muita pedra. Aí a gente começou com o artesanato, que é uma forma boa de produzir, como o imã (de geladeira), que é uma peça pequena, imagina quantas dessas não ia pro meio ambiente, tampava os rios, era muita complicação. E aí, a gente vai lá (na pedreira), pega as sobras e produz pra não estragar né?

AD.: Que interessante! Uma última pergunta, o que é sertões pra você?

MG.: Sertões, eu vejo um lugar de mais qualidade de vida e menos estresse, eu vejo assim. Eu acho, é mais tranquilo, pra você viver, pra você dormir, pra poder sair, eu acho, assim dessa forma. Tem gente que gosta de mais agitação, eu não, eu sou mais daqui, do lugar. Eu acho assim, mais ventilado (risos).

AD.: Você tem alguma memória referente à Nova Olinda, que você queira compartilhar?

MG.: A minha infância era assim de ficar mais nas praças, assistir aquelas TVs que eles colocavam né? De vez em quando, eles colocavam a tevê na praça, pro pessoal assistir. Ainda participei de uma parte desse tempo. As festas que tinha muito, nos clubes. Participei muito das festas (risos). Minha infância foi assim, só. O resto foi só trabalho mesmo. Que eu cheguei passei só três anos de infância na cidade e já casei. Já tive ele né (apontando pro filho), com 16 anos; com 18 tive o outro. Eu só estudei até a terceira série, por que meus pais era daqueles pais que todo ano era um sítio, pra trabalhar na plantação né?. A gente saía do colégio, parava, ia pra outro colégio, parava. Aí quando cheguei aqui em Nova Olinda com 13 anos, estudei a terceira (série), aí também não terminei, parei. Aí casei, engravidei, pronto. Aí quando eu criei meus filhos, que eles estavam terminando os estudos, eu voltei pelo EJA, aí terminei a terceira série. E estamos aqui.

AD.: E o que a senhora mais gosta daqui?

MG.: Eu acho isso, a tranquilidade. Gosto muito daqui! O pessoal pergunta: “tu não gostaria de morar em outro canto?” Eu não! Nem penso, em morar fora, em outro lugar. Eu acho bom demais aqui. Eu acho tranquilo, e, fizemos a nossa arte aqui, que vai passando de geração em geração. Tem que estar trabalhando 24 horas, para divulgar, deixar a nossa marca, pra não deixar esquecer né?

ENTREVISTA 2: M. A. U. (72 anos) – Mestra de Cultura. Nova Olinda.

A.D.: Como foi que começou o reisado na sua vida?

M.A.: O reisado começou assim. Quando eu cheguei aqui em Nova Olinda, eu sou filha natural de Nova Olinda, mas morei no Crato, dezessete anos, em 1990, eu voltei aqui pra Nova Olinda. Em 91, começou o trabalho ali da Fundação Casa Grande. Quando eu cheguei aqui, no primeiro ano que eu cheguei, eu não trabalhei com nada, por que eu estava assim, eu tinha acabado de perder meu irmão, justamente a vinda

da gente pra cá, por que a minha volta pra cá não estava nos meus planos. Porque eu tinha bons trabalhos no Crato, tava bem estabilizada, tava legal lá. Quando meu irmão morreu, que todo mundo ficou assim querendo ir embora de lá, pensaram em ir embora. Mas aí a gente pensou que se fosse pra ir pra um lugar, que não sabe se vai dar certo, minha mãe já idosa, na época, se ia dar certo, se ela ia se acostumar, então vamos voltar pra Nova Olinda, que a gente já conhece. Chegamos aqui, não tinha nada, nada além da festa de São Sebastião, da novena de São Sebastião e de São Francisco, outra coisa não tinha. Depois tinha uma quadrilha mas era só pra disputar lá fora. Aí eu vim pra Fundação Casa Grande, comecei a coordenar a Casa Grande, aí veio no primeiro ano, resgatei a lapinha, o grupo de lapinha, que a gente passava a semana todinha e encerrava com a lapinha, ficava toda noite em um evento diferente, era cantador, artista da terra, cada noite acontecia uma coisa, e no final, a gente encerrava com uma Lapinha. Quando foi dezembro né?! Passou janeiro, fevereiro, em abril eu fiz a primeira troca de careta, malhação de judas, e foi muito bom. Fizemos aqui em frente à Casa Grande, no canteiro que tinha, nós fizemos essa malhação, e depois todo ano, nos anos seguintes, todas as ruas faziam, por que animou a cidade, tá entendendo?! Que quase todos os bairros e ruas fizeram uma quadrilha. E eu acho que não deveria ter acabado. Em junho fizemos uma quadrilha pro povo de Nova Olinda, que não existia, dançamos na rua. Aí começamos a se apresentar, lá no centro dos idosos, participando com apresentações, dessas coisas assim, que aqui não se tinha costume de ver. Que uma vez uma senhora me confessou: “eu tô com 62 anos e é a primeira vez que vejo uma quadrilha”. Aí disparou. Saí da Casa Grande, nessa época não tinha o reisado, o que tinha era quadrilha, maneiro-pau, maculelê, tinha uma série de coisas. Quando eu saí pra Secretaria de Cultura, foi que a gente montou o reisado, o grupo de reisado, o primeiro que eu fiz era grupo de menino de 5 anos, mas não tinha como comprar o vestuário. Aí não foi pra frente por falta de estrutura. A cidade era bem pobrezinha. Mas depois, quando abriu o núcleo do idoso, tinha uma idosa, Dona Z. que gostava tanto de dançar reisado, e ela é doida por um grupo de reisado. Aí eu disse pra ela falar comigo, e nós montamos o segundo grupo, só que tinha mais gente de Santana (do Cariri) que de Nova Olinda, aí ficou muito difícil, né? Tirar eles de lá pra cá, daqui pra lá, era muito dispendioso, aí não tinha como ficar com eles.

AD.: Não tinha transporte direto como tem hoje?

MA.: Não, porque assim, a gente dependia da prefeitura, de ficar pedindo, ficava muito complicado. Aí foi que desmanchamos o grupo. E fiquei aqui trabalhando só com as crianças, aqui. Só que meu trabalho com criança era esse, tinha criança de 6 anos e Dona Z. e Seu C. de 60 anos (risos). Que davam mais trabalho que as crianças de 6 (risos). Porque é aquela coisa sabe, ela tinha horas que achava que eu dava mais atenção para as crianças, e tinha horas que ela começava a pular e eu pensava, essa mulher vai ter um infarto (risos), eu dizia: “mulher fica aqui sentada só cantando!”. Eu tinha muito medo. Mas esse grupo foi muito bom, sabe?! E daí pra cá, foram cinco grupos. Fazia reisado, maneiro-pau, ciranda, tudo isso mostrando a história do município, na rua. E deu certo, até aqui, a gente vem se arrastando. Na pandemia deu uma fracassadinha, por que não podia fazer aglomeração né? Que não ia juntar criança sem saber o que vinha né?

A.D.: E as letras do reisado?

MA.: As letras das músicas do reisado, é o seguinte. As primeiras eram de tradição, do Crato, a maioria mesmo, de outros reisados que eu aprendi lá. Do segundo grupo em diante eu comecei a fazer as letras de acordo com a história de Nova Olinda. A gente fazia a pesquisa, pegava aquela letra e transformava em música. A última que foi feita eu fiz do rio Cariús. Uma parte eu já sabia né? Mas as outras eu tive que pesquisar, perguntar às pessoas o que acontecia para escrever. O que foi muito bom, por que nessa época eu fiz o mapeamento da cultura, que foi pra concorrer ao selo UNICEF. Aí foi feito o mapeamento e aí ficava bem fácil, que era só juntar e botar o ritmo. Que do reisado mesmo, eu uso o ritmo e os passes.

AD.: E o que é o reisado?

MA.: O reisado, ele é considerado o maior folguedo de todas as danças folclóricas, esse é o conceito do reisado, de ser o maior, por que é mais animado... Se você for ver esses outros tipos de dança, são danças boas também, tudo muito bonito, o coco é muito bonito, mas nenhuma dessas danças se compara ao

reisado. Ele é, como se diz, uma peça de teatro, um teatro vivo, acontecendo ali. Tem várias coisas, vários personagens, vários entremeios, ele conta uma história todinha. E o reisado é uma coisa pra você... Se você disser assim, eu vou mostrar o reisado inteiro, é uma noite também inteira. Eu nunca consegui fazer assim aqui, até por conta financeira, você sabe, que não tem. Tudo no mundo, dinheiro não é tudo, mas tudo o que se faz é com dinheiro, né isso?! Que pra fazer as coisas sem dinheiro, é muito doloroso. Eu já fiz muita coisa sem dinheiro, esses grupos aqui, que eu não tinha nem a roupa apropriada, tinha essa (apontando pra um figurino na prateleira) e a do maneiro-pau. Mas vou dizer uma coisa, quando tinha uma apresentação, nunca faltou. Que de vila de louro até Vila Alta, eu arrastava o que tinha de roupa bonita pra montar os figurinos. Foi um tempo muito sacrificado, mas muito bom. Eu acho que valeu a pena, muitas crianças que começaram nesses grupos, e que hoje estão aí, são enfermeiras, doutoras, assistentes sociais, professoras, hoje quem já tá vindo são os filhos delas. Então é uma coisa que é muito gratificante. E o reisado pra mim é isso, é animação, é teatro, é festa, é tudo.

AD.: Vou sair um pouco do reisado e voltar um pouquinho pra perguntar uma coisa, quando a senhora e a sua família, saíram daqui pro Crato, teve algum motivo específico?

MA.: Não, só assim, eu fui estudar no Crato, certo?! Aí quando eu fui estudar no Crato, por que eu fui estudar no Crato? Porque eu estudava aqui no José Avelino, que na época era Padre Cristiano, e eu não tinha dinheiro pra comprar a farda. No Crato, uma mulher se prontificou de me levar pra casa dela, me botar numa escola, e me dar tudo o que precisasse pra estudar. Aí eu fui pra lá. No que eu fui pra lá, fui levando todo mundo pra ir junto. Aí ficaram lá dezessete anos, casaram, casou meu irmão, tudo lá no Crato. Quando meu irmão mais velho morreu, ficou todo mundo desnorteado, assim, sem querer ficar lá. E até hoje, eu não gosto de ir pra lá.

AD.: E como foi pra senhora ir contando e vendo as transformações na cidade? Vendo o quanto a cidade mudou...

MA.: Aqui de Nova Olinda?

AD.: Sim...

MA.: Minha filha, eu vou lhe dizer uma coisa, esse arrastão que foi feito na cultura de Nova Olinda, era tudo o que precisava, porque Nova Olinda não encontrava nem no mapa. Nova Olinda não tinha história era de nada. O que tinha era um livrinho chamado de Província, editado lá no Crato, e nesse livrinho, tinha um pouquinho assim, um textinho que falava de Nova Olinda. Mas não falava a história. Aí quando eu cheguei aqui, que fui pra Fundação Casa Grande, tinha um senhor A.F. que o povo achava que era doido, mas que ele era muito inteligente. Eu tinha medo dele, que quebrei uma perna fugindo dele. Foi montado um parque pras crianças de Nova Olinda, mas ele tomou de conta desse parque e não deixava a gente brincar. Aí eu pulava o muro, abria o portão, botava os meninos pra dentro, eu subia no muro e ficava pastorando quando ele vinha. Quando ele veio subindo, ele só andava com um facão, eu gritava “corre” pros meninos, todo mundo saía na carreira. Nesse dia, ele correu atrás da gente, no que eu corri, vinha descendo ali a Avelino Feitosa, não tinha muita casa ali, era só matinho de marmeleiro e muito chiqueiro de porco; quando eu vi tinha uma pedra, eu fui pular em cima da pedra, bati o joelho, aí caiu todo mundo por cima de mim. Acho que ele ficou com medo da gritaria e correu (risos). Mas ele foi a maior fonte que eu encontrei em Nova Olinda. Não só ele, alguns outros. E o que eu fazia, eu levava o papel, fazia uma pergunta a um, sentava na calçada, e ele ia me passando toda a história né? Eu fazia uma pergunta e ele ficava me relatando tudo o que tinha a ver com o que eu tinha perguntado né? Então quando ele fazia aquele relato, eu pegava a mesma pergunta e fazia a C.E, F.H, a todo mundo pra depois eu juntar e ver se batia uma coisa com outra, né? Eu sempre fiz isso.

AD.: Uma pesquisadora...

MA.: Não que eu não sabia, que não fiz faculdade, aprendi depois né? Sempre me perguntam se eu já fiz faculdade, acredita? Eu digo assim, eu nunca fiz faculdade que faltou o cimento, mas o resto... (Risos). E assim eu fui montando esse rascunho todinho, M. levou lá pra URCA, e lá montaram uma apostila, muito

boa, muito boa mesmo, com toda a história da cidade. Mas essa apostila sumiu, mas tinha muita gente, essas pessoas mais velhas que moravam aqui, foram as fontes. Seu A.J, me passou coisa da minha própria família, que na época, naquela época do couro, no ciclo do couro, ele passava muito lá (em casa) e todo dia, meio-dia, ele vinha dormir no alpendre do meu bisavô, que naquela época, quem tinha muita terra acolá, quem tinha gado, quem tinha um monte de coisa, era o meu bisavô. A minha bisavó já fazia o almoço pra eles. Que ela era assim, se chegasse na casa dela tinha que ter o que comer. Então Seu A. J. foi quem me passou essas histórias, do meu avô, do meu bisavô... E eu sempre tive isso comigo, que a minha tia falava, de coisas que eu tenho aqui (apontando pra própria cabeça), de acontecimentos, que eu chegava pra mamãe e perguntava assim e assim, que aconteceu assim e assim, de tal pessoa... Ela dizia, não, é impossível você querer saber um negócio desse, que você tinha 2 anos... E essas coisas lembro até agora... Coisa que óh (estalando os dedos)...

AD.: E dessas histórias, a senhora consegue escolher uma, que mais te marcou associada à Nova Olinda?

MA.: Mulher, uma coisa que me machuca muito, foi a minha volta do Crato pra cá, e ter começado esse trabalho da cultura aqui no município. Fazendo coisa que eu gosto, e isso me marca muito. Às vezes com tristeza, por não ter sido reconhecida, às vezes com alegria. Eu amo fazer cultura, é uma coisa que está no meu sangue, e é uma coisa que eu acho que só passando dessa pra melhor que eu vou me aquietar, se deixarem né? Fazer que nem o Mazaroppi, que fez aquele rebuliço no céu, né? Como é o nome do filme? Ah não sei não (risos)...

AD.: E fazer cultura aqui é difícil né? Por que o sertões, o interior, tem essa questão de se pensar que é só seca. Como é pra senhora fazer cultura mostrando um outro lado do sertões?

MA.: Mulher, essa história, é o seguinte, o sertanejo, ele tem que aprender a conviver com os dois lados. Nem só do bem, nem só do mal. E é aquela coisa, quando você tá aqui no Nordeste, tá no interior... Eu andei muito, porque quando eu me tornei monitora municipal do PMNP, eu me joguei no mundo, representando a Fundação Casa Grande, eu andei muito, cheguei a conhecer outros lugares, como Brasília, Pernambuco, Piauí, uma série de coisas por aí... Aí você vê, em cada lugar que você chega, você mora lá na capital né?

AD.: Sim, moro em Fortaleza,

MA.: Mas quando você chega aqui no interior, o tempo que você passa aqui, o que você vai vendo aqui, você vai enriquecendo né? Vai vendo as diferenças, de uma coisa pra outra... E você tem que se acostumar a viver isso. Então eu acho o seguinte, essa parte da seca é a nossa tristeza, é a nossa tristeza..., Mas em compensação, tem essa outra parte da nossa cultura, que já é a nossa alegria... Então nem fica tudo triste, e nem fica tudo alegria. Fica bom. A gente tem que aprender a conciliar os dois, nem só uma coisa, nem outra...

AD.: Como a vida né?

MA.: É a vida... Olhe eu vou dizer uma coisa, eu tive uma mãe maravilhosa, todo mundo adorava a minha mãe, que não tinha nem quem dissesse que ela era feia... Olhe, a minha mãe, foi ela que criou a gente sozinha, porque meu pai morreu cedo, e ela ficou com a gente, sendo pai e mãe, o tempo todo. E ela criou a gente educado, com respeito, com honestidade, graças a Deus. Tem gente lá em casa que é até honesto demais da conta (risos). Meu irmão é honesto que cansa (risos). E Graças a Deus, eu tenho só orgulho, da minha família, que é uma família pobre, sacrificada, é a minha base, na vida.

AD.: O que é Nova Olinda, pra senhora?

MA.: É a minha cidade natal, é uma cidade que eu gosto, era uma cidade muito pacata, hoje nem tanto, mas ainda é. Tem um povo hospitaleiro, é a cidade que eu queria nascer, era aqui mesmo. Então eu acho que Nova Olinda é tudo pra mim.

AD.: E o sertões?

MA.: Sertões... É assim, apesar dos pesares. Eu vou te dizer uma coisa, meu maior desejo é voltar pr'um sertões bem deserto assim, só a minha casa, num terreno bem grande, uns pé de pau e um monte de porco (risos), pra ter paz.

AD.: O sertões então é paz?

MA.: É paz. É sacrifício também, mas também é paz, né? É uma coisa muito legal, meu sertões. Eu acho.

ENTREVISTA 3: A. R. S. (86 anos) – Aposentada. Nova Olinda.

A.R.: Tem que começar do começo! (...)

A.D.: Pois onde foi que a Sra. Nasceu?

A.R.: (...) Da vida! Que aqui já é o final... Não é isso? Porque a entrevista tem que ser pra contar todas as coisas, mas se é pra eu contar a minha biografia, aí não dá, que é coisa demais. Aí tem que resumir muitas coisas. Pra começar, aonde eu nasci, foi no Sítio Bálsamo, município de Santana do Cariri...

A.D.: É zona rural?

A.R.: É zona rural, mas acontece que eu nasci no Bálsamo, com 11 meses, meu pai tinha uma propriedade no município de Massapê, construiu uma casa, aí nós fomos morar nessa casa. Onde teve o progresso da família, porque, deixa eu ver, eu sou a quinta filha, de oito filhos. Se criemos, tudinho, todos oito, era uma felicidade... Um paraíso que ninguém conhecia outra coisa melhor. Nesse mundo que nós estava vivendo, era uma tranquilidade, ninguém esperava ter os movimentos, as coisas de hoje, a tecnologia não existia. Era no escuro, acendia o candeeiro. No início meu pai muito pobre, que nem (...). A vida do sertões. Entendeu? Que era tudo sertões.

A.D.: Como era a paisagem?

A.R.: A paisagem no inverno era bonita. Na seca, todo pau, tudo caía as folhas, ficava aquela sequidão, vinha até fogo. O povo queimava as coisas um dia, vinha um fogaréu tão grande, do lado do terreiro de nossa casa. Aí lá, foi construída essa bonita família, graças à Deus, que eu tenho orgulho de ser o que eu sou. E mais orgulho dos meus pais...

A.D.: Como era o dia a dia? Como foi a sua infância?

A.R.: A nossa infância era uma coisa tão simples! Não existia, eu já falei que não existia o que tem hoje?! Os nossos brinquedos eram um sabugo, nós enrolava o sabuguinho, fazia dele uma bonequinha, aí juntava as quatro (irmãs) brincando, fazia os casamentos das bonecas... Mas era um brinquedinho desse jeito que nós fazia, mas nós se sentia feliz, que nós não conhecia outro tempo de vida. E outra, que eu me casei muito nova, me casei com 19 anos.

A.D.: E teve quantos filhos?

A.R.: Eu tive um aborto com quatro meses, aí o segundo o médico tirou meu útero, que teve um caroço. Aí eu fiquei sem ter mais filhos. Aí eu tinha um irmão, que ele tinha sete filhos, nessa época, que depois nasceu outro. A L. que era a segunda filha, assim, dois anos, ela adoeceu. Fez uma cirurgia no pulmão, bem pequenininha, sofreu tanto, foi pra Fortaleza, quase desenganada, e nessa época, a mãe dela já tinha outro neném, uns oito meses, aí pegou uma gravidez, nesse tempo, ficou lá, e esse menininho, ficou com uma senhora que morava com a gente, mas acontece que ela não tinha marido, tinha quatro filhos e vivia

de roça, aí não podia cuidar do menino; aí deu esse menino pra gente. Esse menino era bonito, bonito, que nem a minha mãe, dizem que ela tinha sangue de ... Tô esquecida do nome... Era bonita... E meu pai era moreninho, baixinha, que nem combinava com ela. Ela era uma sofrida também. Eu morava na Rebeira, outro sítio...

AD.: E a senhora trabalhava com o quê?

A.R.: Na roça! De enxada! Plantava milho, arroz, feijão... Eu não tenho estudo, mas não sou analfabeta. Meu pai era analfabeto, minha mãe era analfabeta, mas não quis criar nós, nesse deserto, analfabetos. Ele contratava uma pessoa pra alfabetizar a gente, três meses, que era o da seca; aí quando chegava no inverno nós ia pra roça, e era assim. Eu sei que a gente vivia feliz, era um paraíso. Fui alfabetizada em casa, depois saí pra essas escolinhas, mas só depois da seca, não sabe?! De seca, no inverno ninguém ia não.

A.D.: Como era o seu terreno? Como era a sua casa?

A.R.: Era só a casa, eu não tinha terreno não, era só o chão. Era uma casa boa que nós fizemos. Uma casona grande de tijolo, com um ponto de armazém, comércio, era bom nesse tempo, não tinha mercantil. Nós tinha uma freguesia enorme, era bom demais. Era bem desenvolvido. Aí com o tempo, foi melhorando, aí nós compramos uma casa no Crato, meu filho tinha 6 anos, mas já bem alfabetizado, tinha uma vizinha que alfabetizava ele.

A.D.: Aí a senhora já não trabalhava com roça, já tava morando no Crato...

A.R.: Mas meu marido trabalhava, quando nós estava no sítio do Latão, quando foi pro Crato a gente montou um comércio lá. Passei dez anos.

A.D.: E como foi essa decisão pra ir pro Crato?

A.R.: É que quando a pessoa vai se desenvolvendo, vai procurando coisa melhor... A gente comprou uma casa, fez o ponto comercial em casa mesmo, e passamos dez anos. O comércio se desenvolveu muito bem, aí depois foi fracassando, e foi uma confusão danada minha filha. Porque ele arranhou outra mulher, e gastou tudo quanto tinha, e nós tinha era duas casas no Crato, ele vendeu uma, que era de herança. E eu sei minha filha que terminou em nada, esses dez anos.

A.D.: Aí a senhora veio pra Nova Olinda?

A.R.: Viemos pro sítio de novo. Eu cuidava de meu pai doente, comprei uma casinha pra ele, vizinha, e botei pai e mãe. Meu pai sofreu três anos. Em 80, minha mãe tinha um problema na perna, uma ferida que não sarava. Desde criança, sarava e arrebentava. Apodreceu e precisou amputar a perna. Aí fiquei cuidando dos dois, ela com a perna amputada e meu pai doente, duas cirurgias, e era câncer, mulher, sofreu muito. Era louco por mim. Afe Maria, sei não minha filha...

A.D.: Essa relação com pai e mãe né?

A.R.: Sei não minha filha, essa minha vida... Aí ele morreu no Crato, depois de três anos de tratamento. Aí com esse fracasso que eu disse atrás, o velho saiu de casa, voltou. E o pessoal vizinho, mulher por que tu quer esse homem? Eu dizia, vocês cuidem da casa de vocês, que da minha, cuido eu. Porque nós só ficamos com a casa, ele tem direito na casa, e eu também. E assim, fomos tocar o barco. Um gato com uma onça. E se une? São parecidos, mas não se une. Pois era como nós. Aí no final do ano, ele disse pra gente voltar pro Latão, eu disse, pois se for pra ir, vamos...

A.D.: E seus irmãos? Moravam lá também?

A.R.: Meus irmãos, tinha um em Fortaleza, uma no Crato, tinham duas em São Paulo, e tem uma em Santana do Cariri, que tá viva. Aí voltamos, a casa toda deteriorada, aí comecei a baixar a cabeça, pensei

que agora não ia mais pra frente... Mas eu sou dura viu? Tenho 86 anos. Aí levantei, que eu sou pra frente. Eu disse, o que passou, passou e tchau, vamos cuidar agora da roça. Aí recomecei sem nada, sem nada, nada, nada, minha filha. Que eu já tinha mais nada, só tinha um débito no banco, mas paguei, tudo limpo, devo nada. Começamos do zero de novo! Aí graças a Deus progredimos. Comecei a criar galinha, comprar bacurim, vender bacurim, e juntava não sei quantos porcos, dois porcos, quatro porcos. E lutei, lutei, juntei um pouquinho de nada, e o dinheiro que entrava, era só o aluguel da casa do Crato, que pra gente se mudar, foi preciso alugar pra um amigo. E o salário de mãe, que era dela, que eu nunca deixei faltar nada pra ela. Cuidei dela muito bem, vinte e dois anos. E fui levando a vida, e até que Graças a Deus, todos os anos eu arrumava um pedacinho da casa, ficou bem boazinha.

A.D.: E a roça que a senhora trabalhava?

A.R.: Era um terreno pequeno, trabalhava, tudo que plantasse, dava. Era bom, era pequeno, mas era bom.

A.D.: E a senhora falava que seus irmãos, teve um que foi pra Fortaleza, duas pra São Paulo... E a senhora, não teve vontade de ir?

A.R.: Mulher, se eu for contar a minha vida, não disse que dá uma biografia?! Eu fui pro Paraná, passei um frio tremendo no Paraná.

A.D.: E não gostou de lá?

A.R.: Não, eu gostava, tava bom, a gente deu muito bom lá. Chegou um amigo dele (do marido) com uma história pra nós ir pra São Paulo, quando chegamos em São Paulo, a gente não gostou, e voltamos embora de novo pro Ceará. Porque não dava, era lá onde minha irmã tava, aí voltamos pra começar tudo do zero de novo.

A.D.: Isso depois do Crato?

A.R.: Em 58.

A.D.: Estava indo muita gente pro Sudeste nessa época? Conheceu muita gente que foi?

A.R.: Foi! Foi um grupo. Que teve uma seca danada aqui, em 58, não dava nada, é tudo coisa que a gente tem que contar da vida.

A.D.: Como foi essa seca?

A.R.: Não choveu! Não criou legume! Plantava uma roça, vinha uma chuvinha na metade da roça, na outra nada. Tirava só as tamboeirinhas, era assim. A seca mesmo!

A.D.: Aí se juntou, com os vizinhos e foi pro Paraná e de lá pra São Paulo?

A.R.: Voltamos. Quando foi em 87, nós voltamos de novo pro Latão, foi nessa época esse dismantelo, que a gente ainda tinha a casinha no Crato.

A.D.: E gosta mais de Nova Olinda do que do Crato?

A.R.: Eu não quero morar no Crato de jeito nenhum. Minha sobrinha fica querendo que eu vá, que eu gastei arrumando a casa, passei até um documento, passando a casa pra ela. Q eu vou ficar é aqui, quando eu morrer, quem ficar, que feche as cortinas.

A.D.: E aqui em Nova Olinda, depois que voltou, a senhora está há quanto tempo?

A.R.: Vinte anos.

A.D.: E nesses vinte anos, a cidade mudou muito?

A.R.: Demais! Aqui mudou muito. Eu cheguei aqui em janeiro de 2003, vai fazer vinte anos agora né? Mudou, eu não vou nem dizer, pra não dizer que eu tô mentindo, mas mudou 100%. Tudo foi de desenvolvimento. Aquela esquina ali (apontando pro lado direito) era uma casa velha se acabando de cair, não tinha esses prédios, era só umas casinhas “véa” fracas, vagabundas, e nem tinha esse movimento todo (apontando pro canteiro da avenida central, recém reformado), isso aí foi feito agora! Não tinha esse negócio de... Tu já foi aqui em Espedito Seleiro?

A.D.: Já!

A.R.: Não tinha nada disso! Menina, era uma coisa assim, parada. Parada mesmo. Coisa escura. Aí foi se desenvolvendo e tá aí, agora, prédio de todo jeito, que até tá esquentando mais a cidade. Esses prédios altos. E aumentou os bairros também, que ali tem o bairro do Mussambê, que tão construindo a Capela de Nossa Senhora de Fátima. Já tem três capelas construídas, não, duas, que quando eu cheguei a de São Francisco já era construída. Tem a da portelinha, tem a de Santa Luzia, bem movimentada também. E tem a de Mãe Rainha, que é mais popular, onde teve a festa agora da padroeira, dia 18. E mudou muita, muita coisa! Quem chegou aqui em 2003, se chegar agora, já não reconhece... Não tinha esse negócio (apontando pra praça), aquilo ali, aquela tal de tapera, era uma imundície! Era um açougue antes, nós não tinha frigorífico não, era aquele dismantelo, aquela água podre, aquelas coisas penduradas, as moscas comendo por cima. E era aquelas “seboseiras” de um lado, correndo naquela água podre, olhe! Tudo foi mudança!

A.D.: Eu vi a foto dessa reforma mais recente, dessa praça aqui...

A.R.: Exatamente! Foi a reforma daqui! Aí sobe, se for por acolá, quantos prédios não tem agora? Tem creche, tem aquela praça onde a gente participa pra terceira idade... Que agora sábado, eu fui pra um passeio de grupo, pra Juazeiro, pro Horto. Tudo isso é atual! Que já serve aí pra tua pesquisa né?

A.D.: Tudo serve, não se preocupe não! (risos). Agora voltando mais um pouco, como foi a sua viagem pro Paraná? A senhora lembra?

A.R.: Me lembro! Foi de pau de arara! Caminhão! Foi horrível! Foi até São Paulo e lá pegou um ônibus. Dormia no caminhão, sofrido, lotado. Me lembro, me lembro! Pegamos a estrada, eu era nova minha filha, nem me preocupava com a vida... Quando a gente é nova, é uma loucura! Mas vamos deixar pra lá, que é passado. Vamos pro presente. O que mais?

A.D.: A senhora se considera sertaneja?

A.R.: Eu sou sertaneja, sertaneja de raiz mesmo! De nascença! Eu sou!

A.D.: E o que é ser sertaneja pra senhora?

A.R.: Sertaneja é viver no sertões! Porque essa cidade aqui se considera sertões! Se você está em Fortaleza, e disser que vai pro sertões, aqui você já está no sertões!

A.D.: E o que é sertões então?

A.R.: Sertões é um lugar quase deserto, como era aqui! Porque aqui não existia casa assim, só tinha um riacho, ali na prefeitura era uma lagoa, que espatifava água pra todo lado... Era sertões! Né? E continua sendo, sendo uma cidade do interior, como essa, e essa passou pra cidade, não faz muito tempo não... Quando eu cheguei aqui, acho que com uns dois anos, ela (Nova Olinda) completou 50 anos. E a Paróquia também! Que não era paróquia, pertencia à Santana do Cariri, a Igreja de São Sebastião. Tudo isso foi mudança!

A.D.: São Sebastião é o Padroeiro de Nova Olinda né isso?

A.R.: É sim! Mas acontece que nessa época, não era paróquia. Depois que passou, mas faz tempo... Foi antes da cidade completar 50 anos. Sei nem quem era o padre, desse tempo. Sei que é uma longa história... Nova Olinda mudou muito de 2003 pra cá...

A.D.: E qual a memória, a história, ou um causo, que a senhora tem daqui de Nova Olinda, que mais te marca?

A.R.: O mais legal de tudo, é que eu participo de tudo, dos meus grupos, da paróquia... Eu acho muito bom! Vou pra missa todo domingo! Que é quando tem missa certa, 7h da manhã e 7h da noite. Missa nos outros dias assim, só quando morre uma pessoa, aí a gente só vai se for íntimo assim... Que o povo convida a gente, aí a gente vai. Mas eu só gosto de ir mesmo no domingo... Eu gosto da igreja, mas pra ir todo dia, todo dia, não! A minha obrigação é no domingo. Eu sou tão devota das mãos ensanguentadas de Jesus! Se eu não tivesse esse problema no meu coração, eu ia pra São Paulo. Cheguei a ir, quando meu marido morreu, fiquei 15 dias, mas não fiquei nenhum dia em casa!

A.D.: Passeando? Achou muito diferente?

A.R.: Achei! Achei bom! Pra morar não! Nem no Crato eu quero morar, que é aqui do lado e eu nem sei mais andar lá! Imagine São Paulo! Agora a minha sobrinha sabe andar em São Paulo, a bicha entra e sai por tudo quanto é canto! Mas também passou 4 anos lá... Ela sabe.

A.D.: A senhora acha que hoje o pessoal ainda quer ir embora de Nova Olinda?

A.R.: Não! Tá diminuindo! Diminuiu muito, muito, muito! São Paulo não é mais o São Paulo que era antes... Aqui, não era nada, e lá tava progredindo..., mas agora tem mais isso não... Que aqui tem tudo! Tem universidade, tem escola, tem a profissionalizante ali... Tem... Tudo! Só não estuda e se forma agora quem não quer! Que nem precisa ter dinheiro! E no meu tempo não era isso... No meu tempo não tinha escola em canto nenhum aqui! Era atrasado!

A.D.: O que a senhora acha dessa ideia, de achar que o sertões é sempre atrasado, como sendo só algo ruim, como um lugar só de seca?

A.R.: Mas não é! Aqui no sertões tem tanto lugar bom! De fazenda, de tudo por aí, não é só de seca não... E realmente, pra melhor te dizer, nunca mais teve ano assim, seco, aqui não... Seco, de tudo, não! Tem ano que é mais descontrolado (a chuva), mas vai por aí adentro, pra outro sertões, que é Inhamús, já não é isso também! Tem açude pra todo lado! Tem coisa verde, bananeira e tudo! Quem já foi pro Canindé, por aí, é uma benção! E é tudo sertões!

ENTREVISTA 4: R. C. J. S (72 anos) – Aposentado e tocador de reisado em Nova Olinda.

A.D.: Onde o Sr. Nasceu?

R.C.: No sítio, lá no chiquetoso...

A.D.: E quando foi que o Sr. Veio pra Nova Olinda?

R.C.: Tá com 44 anos que eu moro em Nova Olinda.

A.D.: Como era o sítio onde o senhor nasceu e cresceu?

R.C.: Eu cresci no sítio que eu nasci, era cheio de mata, cocais e roçado, e plantava algodão e vivia da agricultura, da roça... Plantava algodão, feijão, milho, mamona, fava, arroz, tudo... Inté fumo, a gente plantava. Pai botava a gente pra torcer fumo, fumo da serra que chama, cearense. Fazia! Nós sabia fazer. Aprendemos lá! Não foi na rua não, que nós não ia pra rua não... Eu vim pra rua depois que fiquei grande. Que eu fui pra São Paulo e fiquei um ano em São Paulo. Aí quando cheguei de São Paulo, fui me embora pra Nova Olinda, lá pro posto, pro bairro Zé Cordeiro.

A.D.: Quando o senhor foi pra São Paulo, o senhor tinha quantos anos?

R.C.: Tinha 26.

A.D.: Foi com a família, ou foi sozinho?

R.C.: Fui só. Fui de ônibus.

A.D.: E como foi a viagem?

R.C.: Foi boa, mas eu achei que quando eu cheguei lá, depois de três dias eu fiquei doido, doido. O ônibus dava cada curva, fui esmorecendo, esmorecendo, agarrei no sono, fui ver, estava no Rio de Janeiro. Mas chegemos lá! Que já tinha certo o lugar que ia pra São Paulo né? Para a casa do governo. Aí lá tinha um monte de cabra da peste de Nova Olinda, aí fomos caçar serviço.

A.D.: Então foi pra lá pra trabalhar? Era que ano?

R.C.: Fui sim, o ano era 76. Eu fui em 75 e voltei em 76, no mês de agosto. No dia primeiro de agosto, falaram que eu não era pra viajar, eu falei “homem, eu com dinheiro no bolso, quem guarda a gente é Deus, que eu parto! Eu tô com dinheiro no bolso, se vocês quiserem ficar, que fiquem, que se eu tô dizendo que eu vou, eu vou mesmo!” E vim!

A.D.: Não gostou de lá?

R.C.: Não! É muito bom, mas é perigoso, né?! Que lá é bom pra quem é rico, mas pra viver em paz, aqui é melhor. Aqui tem paz. Lá não tem paz, pro cabra pegar um ônibus, saí de um ônibus, vive em ônibus... Quando você trabalha numa firma, que nem eu que trabalhei 6 meses na mesma firma, não tem esse problema, que eu não saía não, mas pra ficar lá? Pegando ônibus? Eu pensei assim, melhor é estar morto. Agora cearense é por que tem um mistério com Deus nosso Senhor, que eu passei lá e nunca ninguém me atacou. Amanhecia o dia, eu ia pro serviço, era assim. Como aqui, eu tô com 44 anos que moro aqui, e eu ando por tudo, e pra mim é tudo uma coisa só. Nunca aconteceu nada. Que tem gente que parece que tem é um imã, sai, ou encontra ou vem (perigo) e eu, nunca aconteceu nada.

A.D.: E lá em São Paulo, o senhor trabalhou com o quê?

R.C.: Eu trabalhei com os cabras daqui de Nova Olinda...

A.D.: Então eles foram primeiro?

R.C.: Eles eram gatos. Faz é muito tempo que eles estavam lá, bem uns 8 anos. Aí chamava os cabras daqui, pra quando tinha serviço, aí fui, trabalhei com eles uns 6 meses, ganhei uma micharia, aí fui pra outro canto... Que eles fazem isso! Não fichava a gente, aí deixava a gente solto, quando ajeitava a gente pra um serviço, botava a gente noutro canto, ficava pulando de um pra outro. Ficava naquela eu disse “homem, eu vou deixar vocês! Pode fazer a minha conta aí, o que der.” Aí deu uns 800 contos, na época, aí fui trabalhar com outro, que eu trabalhava bem, ligeiro fiz o dinheiro de vir embora. Os 800 ficou

guardado no banco, quando eu ganhei o restante do tempo que eu trabalhei, eu arrumei bem uns 600. Sei que eu fiz 1300 conto, naquela época, era muito dinheiro! Que eu cheguei a comprar uma casa, que ainda é essa que hoje eu tenho. Troquei uma vez noutra, troquei outra vez e troquei por aquela que agora eu tô. Aí pronto, não quis mais ir pra São Paulo não. Tenho um irmão lá, me chama pra ir, mas não quero ir nem a passeio. Que eu não gosto de São Paulo!

A.D.: E seus irmãos estão por onde? São quantos?

R.C.: São 9. Tem um irmão meu que mora no Peru, tocador de violão mesmo tanto, tá com tempo que mora lá... Veio aqui só a passeio. Ficou 2 anos sem dar notícia! Mas todo dia a gente fala com ele agora! Tinha um outro que morreu. Outro em São Paulo, e o restante por aqui.

A.D.: Quando o senhor voltou de São Paulo foi que o senhor casou?

R.C.: Não! Eu me casei com 17 anos. Saí daqui casado. Deixei a esposa e fui trabalhar! Que meu sentido era sair de lá com dinheiro, no pensamento, que eu dizia: “eu vou pra São Paulo, que é lá que se ganha dinheiro!” Que cearense não tem essa ilusão? Ganha! Mas é pra quem tem arte! Quem tem arte e tem muito estudo! A gente vive da fé! Oxe, que na época valia era o trabalho, hoje tá valendo o estudo né? Aí esse povo dos sítios, mal sabia assinar o nome um pouquinho, como eu, aí não vai! Não tem aquela produção de chegar num canto e tentar uma coisa boa! Tenta não! Aí cheguei aqui, o que eu tinha aprendido lá era botar tijolo, botar calha, aí trabalhei esse tempo todo nesse serviço. Fiquei fazendo, aí entrava mais dinheiro. Que quando eu cheguei lá, só sabia da roça, aí vi construção todo dia! Morava dentro do serviço, como morei em Vila Medeiros. Agora praia lá, tinha demais, eu conheci umas sessentas praias, tudo pertinho de Caraguatatuba. Em São Paulo o valor do serviço era 40 mil réis, era mil réis, aí trabalhei! Trabalhei na Vila Medeiros, em Taboão da Serra, não tinha ponto certo! Aí quando fez o dinheiro, vou partir para o Ceará que não dá aqui, vou morrer! Não tem quem me “atai”! Aí chegou uma carta, que meu irmão morreu, aí eu vim me embora! Mas não gostei de São Paulo não! Eu já tô com 72 anos!

A.D.: Como foi ver a mudança da cidade de Nova Olinda, depois que o senhor veio pra cá?

R.C.: Quando nós viemos pra rua... A rua mudou, tá tudo diferente! Nos sítios, o ganho era fraco, não tinha ganho, só quando dava algodão... Aí na rua apareceu o serviço de pedreiro, quem é trabalhador, qualquer caixa serve! Quando não tinha aqui, eu ia trabalhar em todo canto! Eu fui trabalhar no Araripe, em São Gonçalo, fui trabalhar em Cachoeira Grande, tudo pra cá pra cima! Aqui, acolá, tinha uma casa pra nós fazer! Botar tijolo, eu “Vamos!” e é isso mesmo. Botava a rede dentro de uma malota véa e passava uns quinze dias, ia nem em casa! Mandava o dinheiro por outro, pra entregar à mulher! Eu não parava em casa! Agora que eu fico, que estou velho. Eu passei quinze anos tocando sanfona! Quinze anos! Quando eu tava deitado me chamavam pra ir tocar um forró! Eu ia! Tocava até quatro da manhã, vinha embora, eles me pagavam quinze conto, vinte mil réis, trinta mil réis, era assim... De semana a semana era trabalhando.

A.D.: Então o senhor construiu a cidade né?

R.C.: Eu construí! Tem obra minha por todo canto! Lá no bairro tem duas casas que é de pedra! Quem fez foi eu! Ainda tá lá feita, do mesmo jeito! Eu e finado O. que fizemos a primeira casa de pedra aqui! Que a gente não tinha tijolo! Aí o povo vinha, invejava, quando vimos, a gente já tava era fazendo os muros, rapaz, e dá é certo! E fomos fazendo de pouco em pouco, que a bicha dá trabalho, depois de fazer, dura uns cem anos! Mas foi sofrido! Quem conta 72 anos os baque que não já deu? De Farias Brito, Riacho Verde, Chuveiro Velho, Barreira, aqui pra baixo, Flecheira, disso daí eu conheço Borís, Serra Verde, todos esses cantos, eu já trabalhei! Ou construindo, ou tocando violão! Faltava algodão! Quando cheguei bati com uns bonecos, os caras não sabiam tocar violão! Aí eu sabia! Aí eles me pagavam, eu pegava o dinheiro, ganhava um dinheiro da peste! Alguém dizia “toca aí uma marcha! Aí eu tocava!”

A.D.: E o senhor aprendeu a tocar violão e sanfona como?

R.C.: Sanfona eu já aprendi depois de casado, eu tive vontade de aprender sabe como? Tinha um cabra que tocava pandeiro, era baterista de pandeiro, de triângulo, de bumba também, aí ele não me dava a sanfona. Que um dia eu pequeno, teve um concerto de Luiz Gonzaga, eu vi, pequenininho assim, aí fiquei um dia vou aprender a tocar isso aí. Mas esse cabra não me dava a sanfona, ele virava a peste, que ele era mais velho que eu, e ele comprou a sanfona e não tocava, quando chegava na festa e eu tocava, o povo tava era dançando, quando eu pegava a sanfona. E o outro cabra ficava batendo pandeiro, aí o povo dizia, dá a sanfona pro R. que ele toca melhor! E ele não dava! Aí eu digo, eu compro uma sanfona pra mim. Aí quando pude, comprei uma, aí desse tempo pra cá que eu comprei, eu aprendi... Aprendi sozinho! Que eu já batia pandeiro de ver os outros tocar! Os cabra bom! De pandeiro era artista mesmo... Aí os cabras disse: “ôh, tu agora vai ser é sanfoneiro!” Aí comecei a tocar, e não deixei mais não! Violão começou foi com um cavaquinho velho, que meu tio me deu, aí depois veio o violão, comprei a sanfona, tá com uns cinco anos que eu tenho a sanfona. Esse violão eu que enfeitei! Que nós tocava no reisado, as cores era vermelho, aí eu fui botando, eu mesmo fui pintando. Ficou bom?

A.D.: Ficou sim! Gostei, achei bonito!

R.C.: Pois é! Pois foi eu que fiz! Pra nós brincar no violão, tem que estar afinado não tem?! (tocando as cordas e encostando o ouvido pra afinar o som). Cê tinha que ver, era eu tocando forró! Mas agora velhinho, fico cansado né?

A.D.: O senhor tem música sua?

R.C.: Rapaz eu toco forró! O que eu escuto! (começando a tocar uma música!). Aí Seu A. começava e eu ia acompanhando no repique... Aí eles queriam que eu fizesse as rimas, de cordel, pra tocar nas casas. Nós inventava tudo! Era bom demais!

A.D.: O que a cidade de Nova Olinda, significa pro senhor?

R.C.: Boa! É uma cidade boa! Pra mim é bom!

A.D.: Pro senhor, o que é o sertões?

R.C.: O sertões é bom pra gente morar, já foi, no tempo que eu era rapaz, novo, era bom... Porque tinha muita gente! O povo mais velho morrendo né? Num lugar que antes tinha trinta famílias, hoje tem umas três aí nesses sítios... O pessoal foi indo embora, veio pra rua... Que quando eu cheguei aqui, não tinha o bairro do povo, não tinha a Portelinha, só tinha essa rua que passava lá em Zé Cordeiro, que eu morava já lá no final. Em riba, tem esses outros lugares que apareceu do tempo que Frei Damião veio pra essas bandas do Cariri. Aí foi aparecendo, daqui a pouco emenda tudo! Tudo uma coisa só!

A.D.: E qual a paisagem que lhe vem à cabeça quando eu falo sertões?

R.C.: A boniteza de paisagem é? Que você quer? Assim, a boniteza que tem aqui que eu mais gosto, é a brincadeira (de reisado), depois que eu cheguei, era atrás de ganhar dinheiro, não vou mentir, porque nós ia pra todo canto! Nós ia pra exposição, nós ia pra Altaneira tocar lá, pro zabelê lá na serra, aqui por todo canto... Gostava da estrada..., mas o bairro que eu acho bom é ali, perto da Igreja e ali a Casa Grande, assim, o canto melhor de todos, eu acho. Tem mais coisa! Os outros lugar são mais fraco.

A.D.: E o sítio da sua infância, como era? Qual a lembrança que o senhor mais gosta de lá?

R.C.: Eu achava bonito lá na terra, era que quando dava esse mês de setembro, de outubro, toda noite nós via uma renovação, que era uma reza, uma novena, em cada casa. Eita que quando dizia tal dia é a renovação na cada de fulano, era bom!

A.D.: Ah, então no sertões, onde não tinha igreja, as rezas eram nas casas? Por isso tem esses oratórios em todas as casas aqui?

R.C.: Tá vendo? Era pra isso! Pra receber as pessoas! De ano em ano, que é aquela diversão! A gente gosta de rezar terço nas casas! A gente reza um terço, canta, bebe café, e aí vamos embora! Aí nós sai nas casas! A gente perguntava: “quem é que quer reza?” E rezava. E quem é que não quer reza? Só o diabo que não quer! A gente tem que espantar o mal mesmo, pelo menos com uma reza, nem que seja de seis em seis meses. Aí nós se acerta e pronto.

ENTREVISTA 5: A.S.M (58 anos) – Comerciante em Nova Olinda.

A.D.: Onde foi que o senhor nasceu?

A.S.: Eu nasci em 09 de junho de 64, em Angical, no Maranhão. Meu pai levou, arrastou a família pra lá porque disse que já tinha morrido três filhos de fome aqui em Nova Olinda. O pai e a mãe era daqui. Meu pai tinha um filho do primeiro casamento que tinha ido embora pro Maranhão, aí levou ele pra lá pra escapar da fome. No caso aí eu nasci lá né? E foi assim que nós escapamos, lá no Maranhão.

A.D.: O senhor tem quantos irmãos?

A.S.: Do segundo casamento de pai, a gente era três. Um que faleceu recentemente, tenho uma irmã em Caucaia e eu. Somos três. Agora do primeiro casamento do meu pai, era oito. Hoje só tem uma viva, mora aqui pertinho.

A.D.: E como era Angical?

A.S.: Bem pequenininha! Cidadezinha. Quando a gente veio, eu tinha quatro anos de idade, voltei pra passear lá em 2017; tava praticamente do mesmo jeito! Segundo meu irmão que me levou pra lá, pra conhecer a rua que eu nasci, falta praticamente nada, porque não evoluiu nada! Interiorzão do Maranhão né? A família que ficou lá vive de plantação de abacaxi, que não é nem mais Angical, é a Cidade de São Domingos, perto, são agricultores! As plantação de abacaxi, as coisas mais linda do mundo! Região sul do Maranhão. Quando eu cheguei aqui, eu tinha quatro anos de idade só, aí pronto, nunca mais saí. Fui pra lá agora só pra passear! Agora tô doído pra ir pra lá de novo, mas como vai sem meu irmão né? Meu irmão que era o elo, mas ele faleceu, tem pouco tempo. Não dá pra imaginas chegar sem ele lá não. Meus sobrinhos cobram direto, quando que eu vou, eu digo eu vou, agora quando, não sei.

A.D.: E desde que chegou em Nova Olinda, não pensou mais em sair?

A.S.: Não, não, de Nova Olinda não saí, só mudei de casa aqui dentro de Nova Olinda, daqui prali, dali pra cá! Aí pronto, andei um bocado de tempo, trabalhei como gerente de uma banda de forró, rodamos esse interiorzão todo! Um ano e oito meses nesse emprego. Pagava pra trabalhar, mas era bom porque você rodava demais. Final de semana não repetia não! Rodava mais do que notícia ruim!

A.D.: E dançando forró?

A.S.: Ah eu conheci dona encrenca (a esposa) foi dançando forró! Era um pé de pena eu! Dançava era muito eu! Chegava na festa sempre pobre e feio, mas não faltava com quem dançar não, que eu era dançador! As nega fazia: “ei bora!” (gesticulando os braços), aí nós arrocava! (risos). As mulhé bonita! Mas fazia questão de dançar comigo, que eu dançava legal. E eu andava sempre cheiroso, que minha irmã mandava sabonete, perfume de São Paulo, mandava tudo né? Eu era pobre mais minha mãe, a pobrezinha, só meio salário-mínimo, que a gente vivia. Meus irmãos foram embora e eu fui ficando pra cuidar de mãe.

Naquele tempo tinha as festas! Festa de janeiro, festa de outubro que era de São Francisco, certeza que vinha uma roupa! Só andava nos trinquês! Novo, usava um cabelão black power...

A.D.: E quando seus irmãos foram embora, o senhor tinha quantos anos?

A.S.: Ah, eu era moleque, tinha uns dez, onze anos de idade. Meu irmão foi embora com 17 anos, quando ele voltou, pai já tinha morrido. Aí pronto. Ele acompanhou uma firma aí, trabalhava fazendo asfalto, foi embora e não parou mais. Minha irmã fugiu de casa! Escondida! Que vivia eu, ela e mãe passando fome dentro de casa, que não tinha comida de viver, tá entendendo? Mãe recebia meio saláriozinho, que era o auxílio da aposentadoria, eu trabalhava de engraxate de sapato, pronto. Aí ela saiu escondido, foi embora pra São Paulo de pé de arara. Passou fome, passou aperto lá, mas conseguiu ficar por lá, graças a Deus. E eu fiquei aí, estudei, naquela época, foi muita coisa concluir o segundo grau. Não fiz faculdade que não tinha, naquele tempo tinha que ir pro Crato, só se fosse rico pra morar lá. Não tinha carro não, nem carro tinha em Nova Olinda né? Não tinha como! Ave Maria, uma dificuldade tremenda, só dava pra estudar aqui, queria fazer vestibular, mas aí como? Como que ia? Aí tava tudo planejado pra ir embora, aí apareceu um empreguinte ali, no posto de gasolina, oxe menina, fui passar um ano, passei vinte anos trabalhando lá! Entrei sem nada! Entrei dia 13 de julho de 86 e saí 14 de março de 2007. Entrei solteiro e saí casado, com três filhos bonitos! Dois formados e o terceiro se formando! Quando eu fui demitido eu chorei! Fiquei com medo, Meu Deus o que ia ser, mas graças a Deus nunca faltou nada pra ele! Peguei uma parceira muito boa, principalmente nessa parte da educação. A minha preocupação sempre foi o sustento, mas a educação foi com ela. Graças a Deus todos três tiveram um bom caminho! Sempre quiseram estudar! E a mãe sempre foi quem acompanhou!

A.D.: E como foi acompanhar as mudanças que ocorreram aqui na cidade?

A.S.: Ah isso é maravilhoso! Quando eu sento aqui! Não dá pra imaginar, do que eu vi daqui! Nada, nada, nada! Nova Olinda não era nada! Era só isso aqui (apontando pra praça com a delegacia). Aqui eu comparo Nova Olinda com um pilão, era aquela parte ali, aqui no meio a praça com a delegacia, subia pra lá tinha a escola estadual. Como um pilão. Aqui onde é a prefeitura era um açude. Ora! Eu cansei de sair daquele colégio ali, onde estudava, atravessava ali, chegava na casa grande, atravessava o arame, guardava o caderno, que não tinha livro, não tinha material, e atravessava nadando o açude. Não podia molhar o cabelo senão apanhava, atravessava o açude e me vestia do outro lado, aí descia pra casa! Mãe nem sonhava. Não tinha água encanada, tinha nada! Quando não fazia isso, chegava em casa, dizia pra mãe: “mãe vou tomar banho no rio!”. Lá embaixo tem outro rio. A gente ia buscar água nas cacimbas que tinha, pra beber! Pra tomar banho não, que a gente tomava no rio. Era muito bom! Era uma vida muito boa! Fome tinha! Que não vou dizer que não tinha, eu passei fome! Que esse irmão meu que faleceu, ele botava uma roça, a uns 5km daqui, aí eu estudava, onze horas, terminava, eu vinha, pegava o dicumê e levava pra ele na roça. Um cadeirãozinho desse tamanho, com um ovo e um pedaço de arroz pra dividir pros dois. Isso não é passar fome? Aí ficava até umas duas horas e voltava.

A.D.: Nesse sol quente o senhor ia andando?

A.S.: Não tinha esse negócio não, tinha que ir. Não tinha sandália não! E tinha sandália? Casca grossa! Não queimava não! Mas sandália velha dava pra fazer de qualquer coisa...

A.D.: O senhor já falou várias lembranças, mas qual seria uma memória que o senhor tem da cidade que marca?

A.S.: Ah, sei lá... Assim, como era antigamente era muito bom... Você estava na paz... Voltava do almoço, a gente não tinha televisão, não tinha rádio, era pobridão mesmo né? Não tinha o que fazer... Era esperar dar sete horas da noite pra ir dormir e acabou! Acordava cinco, seis horas da manhã... Mãe já deixava aquele milho de molho... De manhã eu ajudava a moer, pra fazer o pão de milho que era o almoço. Arroz era mistura, quando tinha. “Eita menino! Hoje tem arroz! Que mãe tirou o dinheiro! Meu pai, no dia que ele tirava o dinheiro, ele comprava uma cabeça de porco, tirava as coisas, limpava. Que era pra durar uma

semana ou mais. Era uma felicidade! Tu é doido! E tinha as festas também! Ah era muito bom! Cansei de chegar em janeiro, por 21 anos olha, eu não podia perder, agora o Pau da Bandeira, tinha que estar lá! Cansei de chegar no dia da festa, dia 11, pegava a garrafa enchia de cana e ia! Chegava, chamava de pau da bandeira do maior tamanho do mundo! Chegava de tardezinha em casa, tomava banho, vestia a roupa nova, que era pra ir pra festa. A gente se reunia aqui, reunia um monte de homem, andava pra lá, uns 15km, aí traz aquele pau né? No ombro! Só vale se ralar o ombro aqui! Aí chega de noite, são nove noites de festa. Antigamente, que hoje em dia, já tá diferente.

A.D.: E o senhor se considera sertanejo?

A.S.: Sim! Eu sou sertanejo sim, de origem! Pé rachado! Plantei roça, plantei! Vixe, eu fiz tudo meu Deus...

A.D.: O que é o sertões?

A.S.: Sertões? Sertões é luta, é fome, é batalhar pelo cumê do dia...

A.D.: E a paisagem?

A.S.: Ah, é lindo, é maravilhoso! O Sertões, aqui Nova Olinda, é tudo! Eu critico Nova Olinda, mas não aceito ninguém falar mal daqui (risos). Eu falo, eu digo, eu esculhambo. Planejei ir embora duas vezes, mas não deu certo, eu pensei: “Não é pra mim ir” (sic). Inclusive a segunda vez, já tava tudo certo de ir pro Crato, que minha filha tava lá fazendo faculdade, a mãe dela já tinha o colégio certo pra ir trabalhar, aí dia 28 de dezembro, eu tive um AVC, eu disse: “não é pra eu sair mesmo de Nova Olinda, deixe quieto”. Eu não me vejo mais morando em outra região, sem esse sol quente... Época de inverno é inverno, aí sim, aí é meu sertões...

A.D: Qual é a primeira imagem que vem à cabeça quando eu falo em Nova Olinda?

A.S.: A vaquejada (risos). Como era antigamente, eita, a vaquejada era boa demais naquele tempo... A vaquejada e a festa de janeiro, é o que parava a cidade, são eventos grandes! O pessoal de Nova Olinda que vivia fora se programava só pra vir pra vaquejada, que era no último final de semana de setembro. O povo começava a chegar pras casas dos parentes, a cidade se enchia. Era bom demais! Uma festona! Mas acabaram...

ENTREVISTA 6: L.F (33 anos) – Artista em Fortaleza.

A.D.: Onde você nasceu e/ou passou a infância? Qual a cidade que você mora atualmente? Se for o caso, por que mudou de cidade?

L.F.: Eu nasci em Mombaça, que é uma cidade do interior do sertões central, e cresci em Caririaçu, no Cariri. Fiquei lá até os dezenove anos, quando vim me embora, em busca de concretizar meus sonhos... Sempre galguei por esse caminho da arte, da comunicação... E eram setores que não... Não tinha lá né? Por se tratar de uma cidade com pouca desenvoltura política, nesse sentido.

A.D.: Você conhece alguém que deixou o interior para ir morar em outro lugar? Se sim, pra onde? Você saberia dizer o porquê essa pessoa decidiu ir?

L.F.: Sim, conheço muita gente! É um retrato comum né? Dos retirantes... Muita gente, inclusive uma parte da minha família que veio de lá pra cá (pra Fortaleza) ... Todos em busca de crescimento profissional, realização pessoal ou... de sobrevivência. Às vezes de acessos básicos de saúde, de melhoria de vida...

A.D.: Você tem vontade de ir embora de Fortaleza? Pra onde e porquê?

L.F.: Vontade, vontade, assim, não tenho não! Eu gosto muito daqui! É o lugar que me acolheu! Mas, em virtude das minhas escolhas, tenho algumas expectativas políticas, pessoais e profissionais que não são correspondidas e por isso, eu vislumbro um movimento pras bandas do eixo sul / sudeste (do Brasil), pra Europa e outros lugares também nessa perspectiva de crescer como artista. Mas me sinto muito pertencente aqui.

A.D.: E sobre o Cariri, qual a memória você associa à região?

L.F.: A gente que vem do interior do sertões quase não acessa a cultura, em sua maneira mais simples... E o Cariri sempre foi esse reduto pra mim! Por meio da religiosidade a gente acessava os folguedos e os brinquedos populares... Então eu lembro muito das pessoas mais velhas da minha família fazendo promessa né?! Pra ir pagar com padroeiro, padroeira das cidades da região. E era por meio dos festejos, das celebrações de religiosidade que a gente acessava (a cultura) ... As festas dos santos, as quadrilhas juninas, as danças de rua, os reisados... Então quando eu lembro do Cariri, eu lembro da nossa cultura, a nordestinidade na sua mais pura raiz né? Um lugar que inspira todos os territórios que bebem dessa fonte.

A.D.: Você se considera sertaneja?

L.F.: Sim!!!! Me considero sertaneja sim!!! Sou nascida e criada no interior com a maior parte das minhas vivências na zona rural. Filha de agricultor e pescadora, toda a minha família vem da lida com a terra... De safra de algodão, de cafezais, de engenho, de roça, de pescaria...

A.D.: E o que é sertões pra você?

L.F.: O sertões pra mim é tudo! Tudo! É a minha maior referência de humanidade, de resistência, de inspiração... De tudo, tudo o que eu preciso pra lembrar quem eu sou, de onde eu vim e onde eu possa chegar.

A.D.: E quando você fecha os olhos e pensa nesse teu sertões, qual a primeira coisa que vem à cabeça?

L.F.: A estrada! A estrada com certeza é o elemento mais importante que vem na minha cabeça. Por que a gente nasce e cresce tendo que percorrer muita estrada pra tudo! Eu lembro de na infância ter que andar muito pra poder tomar banho de rio, tomar banho de açude e voltar com os galões d'água pra casa... A gente tinha que caminhar não sei quantas léguas de mata pra poder plantar e colher e trazer as coisas... A gente morava num lugar que não tinha água encanada, não tinha luz, então a gente tinha que caminhar duas ladeiras pra poder levar água nos baldes pra casa e... Só tinham dois colégios né? Um particular, que ninguém podia pagar pra estudar, e o outro que era público ficava na zona rural, então eu lembro de todo santo dia caminhar duas léguas! Que equivale a mais de 2km pra estudar! Pra ter acesso à escola! Então a estrada é quase que uma aliada pras nossas conquistas básicas. Pro nosso cotidiano assim... E... Por mais que se alcance minimamente algum progresso, ainda é a estrada que nos traz a esperança de conquistas maiores. E é ela que a gente pega pra ir-se embora... Eu até tenho uma música né? Que fala isso! Eu digo (cantando)

Que cheiro bom,
Atravessando o sol que dá na vista,
O verde lódo na beira da pista,
E a sombra escura do velho pardal...

A.D.: que linda!!!

L.F.: É essa memória, de quem pegou a estrada, pegou a pista, se debandou pra buscar o sonho. Fazê-lo com as mãos...

ENTREVISTA 7: A.F.Q (46 anos) – Arqueólogo em Santana do Cariri.

A.D.: Onde você nasceu?

A.F.Q.: Nasci e vivi a infância em Jaguaribara. Morei a partir dos 15 anos em Fortaleza, me mudei pra seguir estudando, fazer o ensino médio e superior. Hoje trabalho em Santana do Cariri.

A.D.: Você conhece alguém que deixou o interior para ir morar em outro lugar? Se sim, pra onde? Você saberia dizer o porquê essa pessoa decidiu ir?

A.F.Q.: Conheço várias pessoas que fizeram as mesmas mudanças e pelos mesmos motivos, pra estudar, trabalhar, subir na vida...

A.D.: E o que é o Cariri, pra você?

A.F.Q.: Meu lugar de trabalho, gosto da natureza aqui, dos festejos, mas também tem algumas dificuldades...

A.D.: por exemplo...

A.F.Q.: A seca, a falta de serviços básicos que a capital oferece...

A.D.: Você se considera sertanejo?

A.F.Q.: Sim! Claro! Me considero.

A.D.: O que seria sertões, e o que seria ser sertanejo então?

A.F.Q.: Sertões são relações entre natureza, cultura, defesa de um território e das práticas que faz um ser coletivo. Sertanejo seria isso, um ser coletivo.

A.D.: E qual a imagem que te vem à cabeça quando você pensa no sertões então?

A.F.Q.: A estrada, o banho de rio... O povo trabalhando na roça e das relações comunitárias que a gente faz pra sobreviver...

ENTREVISTA 8: A.L.S (45 anos) – Pedagogo no Crato.

A.D.: Você nasceu e cresceu no Crato?

A.L.S.: Sim, nasci e me criei na cidade do Crato, na região do Cariri! Quem é da região do Cariri, em especial, quem é da cidade de Crato, Juazeiro, Barbalha, né? É do Cariri... Isso serve pra reafirmar a nossa identidade enquanto residentes daqui do Ceará...

A.D.: Você conhece alguém que deixou o interior pra ir morar em outro lugar?

A.L.S.: Primeiro que em outras regiões do estado, né, a gente escuta muito a expressão “do interior” né?! Aqui na região do Cariri, a palavra interior... Ela aparece como uma ofensa, como um discurso de colonização da capital... É muito comum as pessoas da região metropolitana de Fortaleza, se referir a outras regiões do estado do Ceará como interior! Nós não somos o interior! A gente não

utiliza essa expressão, essa expressão é uma expressão que denota um caráter pejorativo, é um discurso de colonização das pessoas residentes da capital.

A.D.: Não foi a intenção ofender...

A.L.S.: E a região do Cariri, ela tem algumas peculiaridades, é... Na sua geografia, que nos distancia da região metropolitana da capital né? Que nos distancia dessa relação com Fortaleza. É importante se colocar que as nossas relações, as relações do povo do Cariri, geograficamente se dava em especial com o estado do Pernambuco e da Paraíba, inclusive Recife, era um dos espaços de formação acadêmica das pessoas da região do Cariri, muitos foram estudar no Recife. Outro centro de relação de formação acadêmica é o estado da Paraíba né?! João Pessoa, Campina Grande... E essas relações do Cariri com a Paraíba, do Cariri com o Recife, nos aproxima tanto do ponto de vista da nossa forma de falar, nossa oralidade... Como também das nossas manifestações artísticas, estéticas, culturais... A gente tem essa proximidade com eles, o que nos caracteriza com um certo distanciamento de Fortaleza... Então sim, eu conheço muita gente que foi estudar fora, principalmente Pernambuco e Paraíba e muito pra isso sabe? Pra estudar e trabalhar, mas mais pra estudar...

A.D.: Você chegou a pensar em ir embora do Crato?

A.L.S.: Pensar, pensar, pensei. Todo mundo pensa. Mas querer é outra história...

A.D.: E por quê? O que você mais associa ao Cariri que te motiva a ficar?

A.L.S.: Então... A gente sempre entende, e eu acho que esse é um dos entendimentos, é uma das narrativas que se tem do Cariri, de que nós somos o Cariri da tradição e da tradução. Essa relação entre tradição e tradução desse processo de hibridismo cultural, ele é muito presente no Cariri. É o popular que se mistura com o erudito com o contemporâneo, que dá voltas na cultura de massa né? Então esse processo híbrido na cultura ela é muito presente na nossa região né? Eu gosto daqui! Aqui é o lugar onde nós temos a batida dos tambores das bandas de rock e do reisado né? Onde a gente tem o maracatu e o piseiro, onde a gente toma cajuína e bebe coca-cola né? Onde a gente vai pro terreiro e a gente vai pro teatro... Então é esse espaço de mistura, né, que se conecta com o mundo, então a região do Cariri ela não é uma região ilhada da produção da humanidade, e nem tem a cultura como algo predominantemente popular né? Mas essa mistura híbrida entre o popular e o erudito, entre o saber popular e o saber da academia, entre a oficina de fundo de quintal e a indústria que o povo do Cariri convive.

Então essa dimensão, acho que é uma dimensão importante. Nós temos aqui no nosso processo de povoamento dessa região uma íntima ligação com a produção do couro, de calçado, o próprio, é.... A relação com o vaqueiro, com o gado. Então essa região tem essas características...

A.D.: Sertanejas?

A.L.S.: Eu não consigo ver um fio condutor nessa ideia de sertanidade, de sertanejo, de sertões, porque eu acho que nos remete a um imaginário que nós não somos. Que é esse imaginário de ser uma região de zona rural né?

A gente tem uma diversidade na nossa paisagem ambiental que é bastante rica pelo fato de nós termos uma imensa chapada que engloba mais de um estado, pra gente ter uma diversidade de vegetação, uma diversidade na nossa fauna, o nosso solo, ele é bem diverso, então tudo isso, não nos coloca nesse lugar do arcaico, nesse lugar do atrasado, nesse lugar do seco né? Então eu acho que esse imaginário é um imaginário que não nos cabe.

A.D.: Mas você acha que todo sertões é seco e rural?

A.L.S.: Mas não é algo que é morto, que é estático, como muitos acreditam ser a cultura sertaneja né? Ainda têm algumas narrativas de compreensão das manifestações das produções culturais e estéticas de entender a região como algo engessado né? Se fala em cultura de raiz como se dentro do processo

histórico e social as manifestações dos seres humanos não se modificassem no tempo e no espaço... Então nós somos também esse Cariri, que se modifica também nesse tempo e nesse espaço. Nós fazemos parte da mesma humanidade que se desenvolve. E o sertões passa a ideia de ser algo parado. Então acho que o Cariri não é sertões assim...

A.D.: E qual seria o imaginário que caberia ao Cariri pra você?

A.L.S: Eu sempre entendo o Cariri numa outra perspectiva. Que é essa perspectiva muito da tradução e da tradição. É o Cariri do popular e do contemporâneo, da academia e do saber popular... Do espaço fechado das apresentações aos espaços abertos como os terreiros. É o espaço onde se produz as mais diversas literaturas.

A.D.: E por que não interiorano?

A.L.S: É importante colocar que esse discurso vindo dos residentes da capital cearense, de chamar as pessoas de outras regiões do estado como interioranos né, isso também, é... Apresenta uma certa predominância de um imaginário de paisagem social e cultural. Como se as outras regiões do estado, em especial o Cariri, não fosse uma região verde, não fosse uma região em desenvolvimento, não fosse uma região conectada às produções e às inovações com o Mundo.

A.D.: E o que você acha que mais tem mudado no Cariri?

A.L.S.: Então nesse aspecto eu acho que a gente vem produzindo uma outra paisagem social e cultural na região do Cariri, tanto tendo em vista o processo do aumento das universidades aqui como o processo de industrialização e de conexão entre as cidades da região, que vem crescendo nos últimos anos. Então isso nos vai colocando numa outra dimensão. Que é essa dimensão onde é caracterizada por uma perspectiva de crescimento econômico, de certa forma um crescimento econômico de forma concentrada, mas ao mesmo tempo que vai interligando as cidades e aproximando as relações entre as pessoas. Quando a gente pega por exemplo a questão religiosa, há uma diversidade imensa de religiões que desenvolvem trabalho na região, desde essas igrejas neopentecostais aos centros espíritas, os terreiros de candomblé, de umbanda, budismo, religiões de orientação oriental, é... Outras religiões que misturam catolicismo com espiritismo, uma série de práticas holísticas... Então é esse Cariri, não é o Cariri como muitos acreditam que é o Cariri de uma única fé, de um único credo, é o Cariri de diversidade religiosa, diverso, plural, conflituoso, insubmisso. O Cariri que não é o interior, é o Cariri que é o Cariri.

A.D.: Único né?

A.L.S: Nós entendemos até que o Cariri é um estado, um estado espiritual, pelas suas peculiaridades, pelo seu caráter próprio que vem se constituindo, enquanto afirmação de uma identidade cultural e que é uma identidade híbrida, uma identidade que se mistura, que se reinventa que se recoloca, que se reposiciona, dentro do cenário nacional. Então é dentro desse território que a gente se afirma e tem essa relação de afetividade com o Cariri, enquanto um lugar que tem particularidades né? Único.

ANEXO II – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO;

ANEXO III – PARECER COMITÊ DE ÉTICA;

ANEXO III – MAPAS ASPECTOS GEOBIOFÍSICOS;

Unidades Fitoecológicas da Região Metropolitana do Cariri

Hidrografia da Região Metropolitana do Cariri

Mapa de Vias e Fluxos da Região Metropolitana do Cariri

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Caro (a) Participante,

Solicito autorização para o uso de dados e participação na pesquisa "**Cenários Invisíveis: Paisagens e Territorialidades no Sertão do Cariri**", realizada pela bolsista CAPES Andreia Luciane de Oliveira Duavy, mestranda do **Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Territorial e Políticas Públicas da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro**.

A participação se dará por meio de: I. **Entrevista** realizada presencialmente, por meio de perguntas de tipo aberta e direcionada, com gravação de áudio para conferência posterior e / ou II. **Participação em Oficina de Cartografia Social**, com dinâmica grupal e de caráter lúdico. Informo que todas as informações coletadas serão apresentadas apenas para fins acadêmicos e científicos.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

A pesquisa "Cenários Invisíveis: Paisagens e Territorialidades no Sertão do Cariri" inscreve-se na grande área de Ciências Sociais Aplicadas e objetiva promover uma análise sobre a formação da territorialidades sertaneja.

Assim, a entrevista e a oficina visam tão somente o entendimento de como o morador da região do Cariri, sertão do Estado do Ceará, vê e se relaciona com a terra em que habita. Não envolvendo, a priori, riscos de participação.

É possível, a qualquer tempo, retirar o consentimento sem qualquer prejuízo pessoal ou institucional. A participação não acarretará custos ao participante, assim como não haverá compensação financeira (pagamento) ao mesmo.

AUTORIZAÇÃO DE PARTICIPAÇÃO:

Instituição: Escola de Ensino Fundamental Avelino Feitosa.

CNPJ: 02.496.852/0001-47

INEP: 23210915

End.: Av. Perimetral Sul, S/N, Centro, Nova Olinda – CE.

E-mail: avelinofeitosaescola@gmail.com

Responsável: Maricélia Souza Cardozo Soares

Maricélia Souza Cardozo Soares
Diretora Geral
Portaria Nº 016/2022

ATIVIDADE: OFICINA DE CARTOGRAFIA SOCIAL E MAPA MENTAL – A CIDADE DE NOVA OLINDA E A REGIÃO METROPOLITANA DO CARIRI.

APRESENTAÇÃO:

A Oficina Participativa de Cartografia Social e Mapas Mentais configura atividade coletiva e interativa, sendo uma válida ferramenta de entendimento do espaço geográfico circundante. Também pode ser utilizada para a tomada de decisões sobre o planejamento e gestão urbanos e periurbanos, favorecendo pensar coletivamente soluções ou estratégias de enfrentamento aos desafios impostos pelas realidades vivenciadas nos territórios.

PROPOSTA:

Desenvolver atividade lúdica de desenho a partir da interação dos participantes com vistas à reflexão sobre os elementos que compõem a ocupação territorial da Região do Cariri, no Sul do Estado do Ceará. A partir de uma reflexão conjunta sobre a região, são produzidos mapas e bases cartográficas para identificar e territorializar os elementos geográficos / marcos arquitetônicos / fluxos e vias / ordenamento espacial / referências turísticas e afetividades paisagísticas.

A construção de mapas sociais, além de auxiliar na apreensão visual da paisagem, valorização e descoberta de potencialidades locais, também gera achados e informações geográficas com base no olhar de quem habita, possibilitando a formulação posterior de propostas e diretrizes na elaboração e/ou revisão de instrumentos de regulação, planejamento e gestão do território.

OBJETIVO GERAL:

Discutir coletivamente os aspectos identitários da cidade de Nova Olinda e a sua inserção na Região do Cariri.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- a. Identificação das principais vias da Cidade de Nova Olinda e das vias de ligação com as cidades vizinhas da Região do Cariri;
- b. Locação dos marcos arquitetônicos da região;
- c. Identificação das paisagens da região;
- d. Construção de um mapa social conjunto.

METODOLOGIA:

- I. Rodada de Apresentação e explicação da dinâmica;
- II. Montagem individual dos mapas, de acordo com as questões:
 - a. Qual o meu percurso de casa para a escola? Quais pontos me chamam mais atenção nesse caminho? (praça, igreja, estátuas, etc.);
 - b. Onde fica a minha escola na cidade?
 - c. Onde fica a zona rural e a zona urbana de Nova Olinda? Como é a paisagem?

- d. Quais são os lugares mais importantes para mim na região Metropolitana do Cariri? Quais as memórias eu tenho desses lugares?
- III. Apresentação dos mapas individuais e construção coletiva do mapa da região do Cariri;
- IV. Discutir os resultados coletivamente.

MATERIAL NECESSÁRIO:

Folha A4 em branco;
Folha com o mapa da Região do Cariri;
2 cartolinas brancas ou 1 folha de papel madeira;
Lápis, borracha, lápis de cor, caneta, canetinha, tesoura, revista velha para recortar.

PROGRAMAÇÃO:

13h: Roda de Apresentação e Explicação da dinâmica;
13h30: Dinâmica de construção dos mapas individuais.
14h: Apresentação dos trabalhos individuais;
14h30: Construção dos Mapas de Nova Olinda e Região do Cariri em conjunto.
15h15: Encerramento.

PÚBLICO-ALVO: Estudantes de 14/15 anos.

LOCAL DA ATIVIDADE: Sala de leitura da EEF Avelino Feitosa.

AUTORIZAÇÃO DE PARTICIPAÇÃO:

ASSINATURA DO(A) RESPONSÁVEL:

DATA: